

COMPANHIA MODERNO DE DANÇA:
18 ANOS EM UM LIVRO MEMORIAL



ORG. LUIZA MONTEIRO E SOUZA



COMPANHIA MODERNO DE DANÇA:
18 ANOS EM UM LIVRO MEMORIAL



ORG. LUIZA MONTEIRO E SOUZA

2021
COMPANHIA MODERNO DE DANÇA:
18 ANOS EM UM LIVRO MEMORIAL

Organização
Luiza Monteiro e Souza

Pesquisa
Lucas Costa, Luiza Monteiro e Tarik Coelho

Edição
Lucas Costa e Luiza Monteiro

Projeto gráfico e diagramação
Melissa Barbery

Criação de acervo:
Tarik Coelho

Assistente de criação de acervo:
Jardel Silva

Revisão de Texto:
Talita Gomes

Comunicação:
Sorella Conteúdo

Imprensa:
Dominik Giusti

Redes sociais:
Desiree Giusti, Lucas Costa e Paola Pinheiro

Vídeos:
Victor Azevedo

Foto da capa:
Danielle Cascaes

**Editora do Programa de Pós-Graduação
em Artes da UFPA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
Emmanuel Zagury Tourinho - Reitor
Gilmar Pereira da Silva - Vice-Reitor

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)
Maria Iracilda da Cunha Sampaio - Pró-Reitora

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)
Adriana Valente Azulay - Diretora-Geral
Joel Cardoso da Silva - Diretor-Adjunto

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)
José Afonso Medeiros Souza - Coordenador
Rosângela Marques de Britto - Vice-Coordenadora

EDITORA PPGARTES*
Lilium Cristina Barros Cohen - Coordenadora Editorial
Larissa Lima da Silva - Assistente Editorial

COMITÊ CIENTÍFICO
Profa. Dra. Liliam Cristina Barros Cohen - Presidente - ICA - UFPA
Profa. Dra. Ana Flávia Mendes - ICA - UFPA
Prof. Dr. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa - ECA - USP;
Universidade Anhembi - Morumbi
Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior - ICA - UFPA
Prof. Dr. Giselle Guilhon Antunes Camargo
Prof. Dr. José Carlos de Paiva - FBA, Universidade do Porto
Prof. Dr. Laura Malosetti Costa - IA, Universidad Nacional San Martín
Prof. Dr. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral - CAC - UFPE
Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy - ICA - UFPA
Prof. Dr. Rejane Coutinho IA, Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Valzeli Figueira Sampaio - ICA - UFPA

* A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa

COMPANHIA MODERNO DE DANÇA: 18 ANOS EM UM LIVRO MEMORIAL

ORG. LUIZA MONTEIRO E SOUZA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

C737c Companhia Moderna de Dança [recurso eletrônico] : 18 anos em um livro memorial / Luiza Monteiro e Souza (org.). — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2021.

Inclui bibliografias.

Modo de acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-19-7

1. Dança - Pará. 2. Dança - estudo e ensino. 3. Dança - história.
I. Souza, Luiza Monteiro, org. II. Título.

CDD 23. ed. - 792.62098151

Elaborado por Larissa Lima da Silva - CRB-2/1585



O livro memorial é resultado de projeto selecionado pelo Edital de Livro e Leitura – Lei Aldir Blanc Pará, uma realização da Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo e Governo Federal, Secretaria de Cultura do Pará, Governo do Pará.



SUMÁRIO

LINHA DO TEMPO: ENTRADA DOS ARTISTAS NA CMD	25
CIRCULAÇÕES	26
CARTAS DE AFETO	29
ESPETÁCULOS	41
METRÓPOLE 2003	43
NÃO DITO 2005	77
AVESSO 2006	107
ANTROPOZÔ 2008	135
LUZ EM CENA 2009	157
REFORMA 2010	175
SERPENTINAS E POESIA 2010	203
LÍRICA MORADA 2012	227
UM 2014	257
PLIÉ - DANÇA EM 4 ATOS 2017	289
MARIA FUMAÇA E ZÉ TRILHO 2017	321
TRAÇOS DE ESMERALDA 2018	341
NA BEIRA 2019	363
VAGALUMEAR 2021	397
UMA VIDA EM COMPANHIA	419
GRUPO DE DANÇA MODERNO EM CENA	421
CAPÍTULOS ESPECIAIS	435
A MESA VERDE E AMARELA	437
AUTO DO CÍRIO	443
EXPERIÊNCIAS EM ARTE, ENSINO E SOCIEDADE	455

*À Ana Flávia Mendes e Gláucio Sapucahy, por cativarem
vidas em companhia com amor, cuidado e dedicação.*

*À memória de Marlene Coeli Vianna e de Clediciano
Cardoso. Ela, nossa madrinha de honra e fiel companheira.
Ele, artista ímpar que nos honrou com sua arte.*

*A todas, todos e todes que são
a Companhia Moderno de Dança, ontem, hoje e sempre.*

Que quer dizer cativar?

Significa criar laços.

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

O essencial é invisível aos olhos.

Antoine de Saint-Exupéry (O Pequeno Príncipe)

PREFÁCIO

Este memorial é encontro.

Encontro de vidas, encontro de artes.

Em novembro de 2002, nasceu a Companhia Moderno de Dança.

Gestada no ventre de sua grande idealizadora, Ana Flávia Mendes, a menina era acolhida por um grupo de jovens e pelo professor Gláucio Sapucahy, dentro do Colégio Moderno, na cidade de Belém do Pará, sob as bênçãos de sua madrinha, Marlene Viana.

Fundadoras e fundadores de uma caminhada envolta por um árduo trabalho de equipe, o coletivo buscava experiências de vida e arte imersas no contato com suas danças desconhecidas e enraizadas em seus corpos.

Corpos.

Vidas.

Histórias.

Há 18 anos somos muitas e muitos.

Muitas histórias tecidas por entre gerações vividas em companhia.

Companhias na arte e na vida.

Este livro memorial é sobre companhia; sobre afeto; sobre laços. Expressa um pouco sobre modos de cativar e ser cativado, de construir o mundo e de habitá-lo.

Memorial revelação de modos de existência em dança, assim como de memórias pulsantes. Memórias contadas em imagens, relatos, textos. Nas linhas, nos vãos, nos esquecimentos, nas pausas. Memórias que contam além da dança, contam um pouco de como ser a si sendo o outro.

As quatorze principais obras destes 18 anos nos conduzem ao encontro destas memórias, ao encontro com as falas daquelas e daqueles que são estas obras, que as pariram, que as fruíram. Que por elas foram tocadas e tocados.

Nossos ilustres autores e autoras dos relatos, textos e imagens, são artistas, pesquisadoras, pesquisadores, parceiras, parceiros, amigos, amigas. A todas e todos, nossa maior reverência e respeito pela sensibilidade e entrega na autoria de cada pedacinho deste livro, que testemunha a potência do encontro em dança.

De MetrÓpole a VAGALUMEAR, o que fizemos foi expor nossas entranhas, rompendo com o ordinário cotidiano da vida que já não basta, nunca bastou, sem a arte.

E vamos caminhando.

Uma caminhada de forças poéticas interiores reveladas em um livro memorial..

Gratidão a este momento.

Gratidão à minha amada Companhia Moderno de Dança.

Luiza Monteiro e Souza

Artista, pesquisadora e professora de dança
Professora da Faculdade de Dança da Universidade Federal do Pará
Bailarina e diretora artística da Companhia Moderno de Dança

18 ANOS...



Belém, 19 de fevereiro de 2021.

Querida Companhia,

MAENA

*Então a menina cresceu
E floresceu
Menina Maena Marota Moleca
Mulher...
Há 18 anos eu te pari
O solo era tão fértil
Que trataste de te multiplicar
Ramificar os sonhos
Que eu docemente construí.
Ainda sinto as dores
E o amor infinito do parto
E também de todos os ciclos que vivi
Nesse nascer-morrer-nascer
Do qual nem tu estás livre.
Onde começo
Onde terminas, minha menina
Eu nem sei se sei
Quem sou sem ti
A ti
Eu desejo luz
E uma imensidão de possibilidades
Seja o céu o teu limite
Hoje e no porvir.*

Chegas aos teus 18 anos... Parabéns, meu amor! Como é maravilhoso e ao mesmo tempo intrigante te ver assim, mulher feita. Quando fiquei grávida de ti eu era uma jovem sonhadora. Lembro como se fosse ontem. Pela primeira vez eu saí de casa para passar um período longo fora de Belém. Sem pai nem mãe, a coisa mais importante que eu carregava na bagagem era o não saber. Mas, de tão juvenil e inexperiente, eu sequer sabia que não sabia. Me achava uma bailarina sabichona. Tão iludida...

“Flávia, mas a tua bunda é muito grande!”, escutava. E escutava mais: “Da cintura pra cima tu és perfeita, mas da cintura pra baixo... Já tentaste fazer uma boa dieta? Olha, faz o seguinte, come só maçã! Vai no endocrinologista e pede aquele remédio da Fulana. Não come!”. A cintura de 59 centímetros contrastava com a largura do quadril e isso era tudo o que os olhos que me aconselhavam conseguiam enxergar. Foi assim que eu passei a me alimentar menos de comida e mais da crença de que bastava diminuir a bunda para ser feliz.

Um dia chegou a hora de sair de casa para ir cursar mestrado em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia. Era novembro de 2002 e tu já habitavas o meu ventre há muito tempo, embora eu desconhecesse. Parti estrada a fora com meus novos amigos e amigas da dança e do teatro rumo à aventura em Salvador. Lá chegando, alguns dos véus que ofuscavam minha visão começaram a cair, até que eu entendi que os remédios que eu tomava para emagrecer não bastariam para que eu me realizasse como artista. Eu não precisava de algo externo, mas sim de algo de dentro, mais profundo, visceral. Então eu te senti viva dentro de mim. Estavas pronta para nascer.

Vieste ao mundo apressadamente, porque muitos já queriam ver a tua carinha: pai, madrinha, tias e tios, avós... nasceste envolta no amor e na proteção de muita gente, mas fizeste questão de caminhar praticamente sozinha, independente, forte, vezes mais ajudando do que sendo ajudada. Essa sempre foi uma das tuas características mais expressivas: fazer pelo outro.

Como toda mãe, no começo eu me sentia perdida, sem saber como te orientar e me flagrava te forçando a fazer a mesma dieta a que me submeti. A sorte é que a gente apanha e aprende. E como eu aprendo contigo, menina! Desde o teu nascimento eu só aprendo. Descubro a cada dia que não sei nada. Em ti reconheço a bagagem que levei para Salvador sem saber, há 18 anos. Que bom que ela nunca se esvaziou. Quando penso ter chegado em algum lugar seguro, um ponto “final”, descobro que ainda tenho muito a aprender. Esta lição foi um ensinamento teu.

O melhor espetáculo é sempre o próximo, costumo te dizer com frequência. Digo isto, talvez, para que prossigas, para que te permitas continuar a descobrir o mundo. Se há um conselho que eu posso te dar, é este: jamais tenha certeza de nada! E não te digo isso da boca pra fora. Digo com o conhecimento que construí sendo tua mãe. Não fosse por ti, sabe lá onde eu estaria depois de tanto tentar me diminuir entre dietas e medicamentos...

Por esses e outros motivos é que hoje eu venho aqui apenas te agradecer, e te desejar vida longa, na medida que te seja possível, porque também não és obrigada a carregar mais do que o teu corpo possa suportar. Se sentires que é preciso descansar, descansa. Se desejares parar, para. Se quiseres voar, voa. Não tenha medo de nada e jamais deixe de esperar em busca da tua felicidade.

Receba minha gratidão no poema que ensaiei para ti. O título faz alusão ao modo carinhoso como tua madrinha era chamada: Maena. Ela, que já faz vida em outro plano, é também tua mãe, assim como eu. Somos tuas mães e, ambigualmente, tuas filhas. Somos outras, sendo ao mesmo tempo tu, Companhia Moderno de Dança

Com afeto,

Ana Flávia Mendes

*Mãe-artista-professora-pesquisadora.
Idealizadora e fundadora da Companhia Moderno de Dança.
Docente da UFPA (Programa de Pós-graduação em Artes
e Escola de Teatro e Dança).
Psicanalista em formação*



Acompanhar a trajetória e o crescimento da Companhia Moderno de Dança é um aprendizado de grande amplitude e que transcende o objetivo do grupo: dançar.

Um grupo heterogêneo de alunos ligados por um ideal: a dança. Uniram-se, sob a coordenação de Gláucio Sapucahy e Ana Flávia Mendes, dando continuidade a um trabalho já existente, há anos, no Colégio Moderno: o Grupo Coreográfico.

Onde estava o Colégio Moderno? Em Salinas, em Mosqueiro (nos Encontros de Jovens), em outros estados (em Intercâmbio Cultural Desportivo). Lá estava o Grupo Coreográfico.

O palco poderia ser o *hall* de um *shopping center*, ou um teatrinho de uma escola, ou um salão improvisado em um hotel.

Aquelas crianças, adolescentes, jovens, não dividiam tarefas: iluminação, cenografia, figurinos, maquiagem, bilheteria, carregar bagagens... Tudo era trabalho de todos.

Aos poucos, aquele grupo heterogêneo foi se homogeneizando, e aquele trabalho de equipe, crescendo. Não havia mais dirigentes nem dirigidos, pois as decisões passaram a ser do grupo. Aos poucos, não apenas a arte mantinha-os unidos, mas a vida de cada qual, com os problemas, os erros, os sucessos e os insucessos, era discutida por todos os amigos/irmãos.

Cobranças eram feitas, inclusive do boletim, na dedicação aos estudos, na postura adequada, no compromisso... Um exercício de terapia grupal que sempre deu certo.

E a arte foi transformando o homem, tornando-o melhor e mais sensível.

O crescimento dos integrantes do grupo passou a ser visível. Onde estão os adolescentes com posturas inadequadas? Os tímidos com dificuldades de relacionamento? Aqueles desmotivados para os estudos? Um dos objetivos da escola havia sido atingido.

Chegou o momento em que ser apenas um grupo coreográfico era muito pouco. Era necessário alçar vôos mais altos. E assim nasceu a Companhia Moderno de Dança.

Os objetivos, os princípios, o clima, tudo continua igual; todavia, cresceu, e muito, o sucesso. As participações e premiações nos festivais, dentro e fora do Pará, o apoio das leis de incentivo fiscal e o aprimoramento técnico e estético, fruto das pesquisas de mestrado e doutorado da Ana Flávia, aumentaram a credibilidade e o respeito por um grupo que engrandece os eventos dos quais participa.

As crianças, os adolescentes de ontem e hoje são adultos, muitos já concluíram um curso superior, engajados no mercado de trabalho. Ontem, um *hall de shopping center*, ou um teatrinho de uma escola, ou um salão improvisado em um hotel. Hoje, além de espaços inusitados como praças, igrejas e ruas da cidade de Belém, os grandes teatros, como o Teatro da Paz, são palcos que abrigam um sonho sonhado junto por um grupo de dança de uma escola. Um grupo que não se limitou a dançar, mas que fez educação, que mudou comportamentos, que interferiu na comunidade onde atua formando cidadãos e cidadãs.

E amanhã? Certamente irá longe, muito longe, numa distância tão longa quanto o seu talento, mas retornando, carregado de vitórias, para o seu chão, para as suas raízes, para o seu Pará.

Não se trata de exercício de futurologia. É a convicção de quem viu plantar a semente e colher os frutos.

A Companhia Moderno de Dança é fruto de um árduo trabalho de equipe. Um exemplo de que a dança, como as outras expressões da arte, transforma o homem, tornando-o melhor e mais sensível.

Marlene Coeli Vianna – In Memoriam
Diretora de Honra da Companhia Moderno de Dança



COM AMOR. 18 ANOS. Muitos espetáculos, prêmios importantes, viagens para temporadas... Só essas já seriam razões importantes para a vida longa deste trabalho, ou a maioria, como alguns estão se referindo a esse momento da Companhia Moderno de Dança. Mas esse não é o verdadeiro motivo para a Companhia existir por tanto tempo.

Qual será, então, o elemento que fez esse trabalho forte e duradouro? Onde foi plantada a semente deste trabalho? Bom, devo expressar que tudo foi e é feito com muito AMOR em seu singular significado, fora o terreno da educação, com todos os elementos da complexidade da paixão por dançar, criar, construir e, acima de tudo, de uns pelos outros, transformando em família aquilo que já era família. E, por isso, "A COMPANHIA MODERNO DE DANÇA É FRUTO DE UM ÁRDUO TRABALHO DE EQUIPE".

Ao longo de sua trajetória, a vontade de criar virou uma filosofia, uma teoria de fazer dança, abrindo assim um leque belíssimo e infinito de possibilidades a partir de uma professora ávida por fazer, que se lançou em um novo horizonte com flores azuis e um monte de filhos dançantes, que com os axés baianos e o Ziriguidum carioca fez história com seus estudos, abrindo um caminho fértil para que esse trabalho se alicerçasse.

Esses frutos vão para além dos espetáculos, das teorias e dos ensaios, conjugando o verbo AMAR na dança, gestando e gerando filhos, o que possibilitou que o tempo e suas intempéries não acabassem com esta conjugação de AMOR à dança. E assim os personagens dessa linda história se amaram e se completaram, construindo e realizando sonhos, se reinventando e crescendo junto com o trabalho.

Hoje são bailarinos, professores, mestres, doutores, pós-doutores e, acima de tudo, seres humanos em pleno processo de aprendizado, o que os

fazem diferentes. “UM EXEMPLO DE QUE A DANÇA, COMO AS OUTRAS EXPRESSÕES DA ARTE, TRANSFORMA O HOMEM, TORNANDO-O MELHOR E MAIS SENSÍVEL.” Tornaram-se, junto com a Companhia, maiores de idade artisticamente, e bebem e se embriagam artisticamente em um rio de emoções, teorias, espetáculos, livros, experimentos, projetos e ações das mais diversas possíveis em nossa sociedade.

Tudo é por mim feito com muito AMOR, dedicação, solidariedade e inclusão. Sei que deu trabalho e foi necessário muito investimento, mas tudo trouxe aqueles jovens a este lugar, e isso me faz feliz pois conjugamos o AMOR no melhor da minha vida e mais promissor da vida deles.

Construir este trabalho foi algo mágico, prazeroso e, acima de tudo, tenho a certeza de que nos fez pessoas melhores, cumprindo assim a verdadeira razão do fazer artístico. “AMAR PARA FORMAR, EDUCAR TRANSFORMANDO, CRIAR CONSTRUINDO, SOBRE PÉTALAS AZUIS, FILHOS DA VIDA, VERDADEIROS AMORES DANÇANTES, VIDA DE AMOR”.

Em 18 anos, a Companhia Moderno de Dança nunca foi um sonho, pois se construiu em uma trajetória real, já que para o grupo o fazer presente sempre teve muita importância. Sua trajetória não foi sonhada ou planejada, mas realizada a partir dos desafios apresentados em um tempo sempre presente, e acredito que o futuro (sonho) sempre se constrói no tempo presente do verbo AMAR.

Gláucio Sapucahy

*Licenciado em Educação Física , produtor artístico
e fundador da Companhia Moderno de Dança*

Ana Flávia Mendes/Ana Paula Siqueira/Clareana Soares/Danielly Vasconcellos/Ercy Souza/Feliciano Marques/Gláucio Sapucahy/Joyce Silva/Luiza Monteiro/Márcio Moreira/Milena Lopes/Nelly Brito/Wanderlon Cruz

2002

2003

Amélia Vasconcellos/
Jéssica Mattos/João Addário
Júnior/Nathália Simão/
Neywilson Lobo

Daiane Gasparetto

2004

2005

Amanda Lima/Anderson
Brecht/Bruna Cruz/Christian
Perrotta/Darliene Gasparetto/
Osmarino Alves/Suanne
Baena/Taíssa Tobias/Tarik Coelho

LINHA DO TEMPO: ENTRADA DOS ARTISTAS NA CMD



Andreza Barroso/
Clediciano Cardoso

2008

Aline Maués/
Deborah Lago

2011

2009

Luiz Thomaz Sarmento

2012

Luiz Henrique Santana

Ariane Pimentel/
Iam Vasconcelos

2013

2014

Juan Silva/Leticia
Barros/Suzana Luz

Cássia Thaís/Cecília
Moreno/Gleydison
Cardoso/Luiza Braga

2015

2018

Larissa Chaves/Lucas
Costa/Paola Pinheiro/
Robson Gomes/
Thamirys Monteiro/Victor
Azevedo/Williame Costa

2020

Beatriz Moraes/Cibele Ramôa/
Danielle Cascaes/Débora Lopes/
Leticia Medeiros/Lucas Monteiro/
Naíse Costa/Rafael Magalhães/Renata
Alves/Roberta Mendes/Sâmya Oliveira

CIRCULAÇÕES CIDADES/ESTADOS



CARTAS DE AFETO



O QUE UM DIA FOI MOVIMENTO, HOJE, EM FORMA DE PROSA

Iam Nascimento Vasconcelos

Artista, pesquisador, maquiador cênico e produtor cultural

Minha querida Companhia Moderno de Dança, aqui é o Iam adulto de 31 anos agradecendo a você por ter salvado o meu eu garoto aos 12 anos.

No ano em que nos conhecemos tínhamos acabado de nascer para a dança, eu ajudava a lhe dar a vida e você salvava a minha. Meus pais se divorciaram no início da década de 2000 e, apesar de ter feito teatro por dois anos, foi em você que encontrei uma família, um porto seguro e afetos, encontrei pessoas que me acolheram e me abraçaram não só como amigo, mas também como irmão.

A cada processo criativo que passávamos juntos, amadurecíamos. Você me propôs vários desafios, me oportunizando desde assinar figurinos de muitos espetáculos do grupo coreográfico do Colégio Moderno, a ministrar aulas de dança para o Projeto Aluno Bailarino Cidadão.

Desbravei com a ajuda de todos os nossos irmãos e irmãs todas as minhas dúvidas e incertezas. Obrigado por sempre ouvir o meu eu garoto, e dar colo para quando eu precisasse chorar; aliás, eram nas rodinhas e nos laboratórios cênicos que você mais me ouvia, pois através dos movimentos passei a desabafar o que eu não conseguia falar com palavras.

Quando adolescente, sempre tive fascínio e paixão pelas manifestações culturais. Porém, não posso deixar de mencionar que foi você que, em 2007, me apresentou o Império do Samba Quem São Eles. Neste ano, desfilamos em cima do carro alegórico representando as estátuas do Theatro da Paz, e ao longo dos anos passei de brincante para as funções de adrecista, integrante da harmonia, maquiador da Comissão de Frente e hoje atuo como coreógrafo da Comissão de Frente.

Nosso último e caloroso encontro - antes da pandemia do novo coronavírus - foi em 2019, no Espaço Experimental Companhia Moderno de Dança, onde pude defender minha tese de mestrado, na qual você me oportunizou desenvolver, desde 2016, a minha metodologia da auto maquiagem cênica com os integrantes da Comissão de Frente do Auto do Círio.

Por fim, te agradeço por me deixar fazer parte da sua vida, pois já comemorei seus cinco anos, seus dez anos e agora os seus dezoito anos.

Abraços fraternos do menino que deixou os palcos para cuidar de ti nas coxias, mas que está morrendo de saudade de estar em cena. Uma vez Moderno, sempre Moderno. MODERNO! MODERNO! MODERNO!

RELATO DE UM ESPETÁCULO DA COMPANHIA MODERNO DE DANÇA

Marcelo Pinheiro de Aragão

Artista, professor de Educação Física e pai de aluna da Cia Moderno

Como falar dessa Companhia que traz traços e ambiente de família? E a missão de escolher um espetáculo marcante? Difícil, não? Foram tantas coreografias, tantas mostras, tantos espetáculos..., mas posso sim elencar alguns. Talvez o mais visto, ou o mais comentado... melhor escolher aquele que tocou a alma e o coração, não?!

Vamos começar pelo dueto *Saudades do Brasil*, que fez parte do InspiraBB - etapa Belém, do Banco do Brasil, único, implacável na performance do casal, num misto de sutileza e intensidade; forte, diria arrebatador, marcante, de uma poesia impressionante! Mas, se voltarmos ao tópico divisor, lembro-me também de uma mostra de final de semestre, muito bem organizada, lá na casa da Conselheiro Furtado. Transformaram a casa em um teatro, com iluminação, linóleo, tudo impecável e, para arrebatá-lo, veio a coreografia *Thriller*, com tanta verdade que nos transportou para as telas de cinema. E o *Metrópole*? Um dos primeiros, mas sempre atual e moderno. Hum... deixe-me ver aqui. Lembro-me também que fomos ao teatro Waldemar Henrique, aquele da Praça da República, entramos e sentamos bem *Na beira* para assistir o novo espetáculo da CMD, mas o sentimento foi inteiro, todos os meus órgãos do sentido foram arrebatados, fossem os táteis ao sentir as mãos que puxavam as minhas pernas, fosse o olfato ao sentir o cheiro do incenso, ou mesmo o olhar fixo em rodopios que me levava para dentro de mim mesmo e da rica cultura amazônica, sem falar do gosto de chuva e dos meus ouvidos que escutavam o canto da lara. Simplesmente majestoso! Porém, se o quesito for alegria, *Hair* é indiscutivelmente o mais marcante, pois ele conseguiu envolver a todos, sejam bailarinos dos mais novos aos mais veteranos; seja a produção ou mesmo o público, era como se o espaço do teatro Gasômetro fosse pequeno para expressar tanta abundância de felicidade, a vontade verdadeira era de sair dançando pelos corredores de palmeiras que compõem o complexo do Parque da residência. Mas, talvez seja isso, a maior missão do artista é provocar sentimentos, transformações, fazer da arte um agente transformador da vida! Parabéns CMD pelos 18 anos transformando vidas!

CONSTRUINDO UMA POÉTICA FOTOGRÁFICA EM COMPANHIA

Danielle Cascaes

Fotógrafa cênica, bailarina e professora de arte

Costumo dizer que a Companhia Moderna de Dança é um dos pilares que me levantaram até o ponto onde cheguei hoje. A CMD está envolvida em todas as minhas escolhas de vida e de carreira, sempre se fazendo presente. Foi pela CMD que eu escolhi cursar Licenciatura em Teatro, pois eu era extremamente incentivada a enveredar pelas vias teatrais quando era adolescente, no Grupo Coreográfico. Também foi na adolescência que surgiu a primeira faísca da carreira que escolhi: a fotografia. Novamente, a CMD foi a minha grande escola e fonte de experimentação sem julgamentos.

Por alguns anos, a fotografia não me apeteceu. Acho que eu não entendia muito bem como a luz funcionava, era muito jovem e impaciente. Eu abri mão de fotografar tudo e todos. Avisava logo: não vou levar câmera. Na verdade, *quase* tudo e *quase* todos. Eu nunca deixei de fotografar a Companhia Moderna de Dança, mesmo quando não gostava muito de fotografar. Mas eu gostava de outra coisa: dos espetáculos e, principalmente, de estar em Companhia. Essa é uma qualidade importantíssima para a minha poética fotográfica, que apresentava indícios desde muito cedo.

Os anos foram passando e eu continuei fotografando apenas a CMD. Na faculdade de teatro, eu fui aprendendo mais sobre luz, sombra, conhecendo os bastidores dos teatros e como as coisas funcionam. Isso treinou o meu olhar para enxergar através da lente de outra forma, uma forma que eu já gostava muito mais do que quando eu era adolescente. Agora, eu conseguia compreender que o que eu estava fazendo tinha um propósito. Mas mais do que isso, eu fui percebendo que o que transformava o meu trabalho em força poética era a relação interpessoal que eu estabelecia com quem eu fotografava. Novamente, fui capaz de perceber isso fotografando a Companhia Moderna de Dança.

Eu entendi que amar aquelas pessoas e amar o trabalho que nós construímos juntos é essencial para o meu trabalho como fotógrafa. Isso transforma a imagem, atravessa-a, chega para o espectador de uma forma diferente. Isso é visível desde as primeiras fotos que eu tirei, pois o primeiro espetáculo que eu fotografei na vida é um dos que eu mais amo de todos os que já assisti: o *Lírica Morada*. Eu não possuía conhecimento técnico algum, estava fazendo tudo na intuição. Mesmo assim, algumas fotos ainda transbordam o que eu senti ao fotografar/assistir aquele espetáculo: admiração e uma profunda gratidão por fazer parte daquilo.

Essa poética só tem sido aperfeiçoada, e cada dia mais, ela transborda emoção e amor por ainda estar aqui, crescendo e fazendo o que amo, com quem amo. Sempre em Companhia.

SER FELICIDADE

Nathalia Moura Saboia de Melo

Estudante de Arquitetura e Urbanismo

Não sei dizer ao certo onde esse relato tem início, mas acredito que um bom início seria dez anos atrás, em um dos meus primeiros dias de aula no Colégio Moderno. Andava meio perdida pelos corredores, ainda sem saber o nome dos outros alunos, quando, dos altos, vi uma apresentação do Grupo Coreográfico.

Naquele momento, avistei corpos de idades aproximadas à minha, fazendo movimentos que eu, que era do balé, jamais tinha visto. Fiquei interessada e, poucos dias depois, foi anunciado, durante uma pequena interrupção na aula, que estavam abertas as inscrições para as turmas de Dança Contemporânea.

Poucas decisões na vida a gente toma sem ficar com alguma dúvida de como teria sido caso escolhêssemos outro rumo, mas nesse caso, eu não consigo - nem quero - imaginar como teria sido a minha vida caso não tivesse feito essa inscrição. Ter entrado para o Núcleo Moderno de Dança é uma das poucas certezas que carrego na vida e um dos meus maiores acertos!

Os dias nas minhas novas aulas de dança eram como eu acredito que o Grupo se propõe: algo inédito ou reinventado. Para quem é dos palcos, sabe que dançar com plateia é uma delícia, mas é nos momentos de intimidade e criação que mora a minha maior saudade. Era lá, em grupo e investigando corporalmente, artisticamente, sentimentalmente e psicologicamente, que eu me sentia puramente feliz. Sentia também outros sentimentos que o momento de laboratório nos instigava a sentir, mas, por mais cruel que o sentimento instigado fosse, a felicidade estava sempre ali.

Com a Companhia Moderno de Dança, felicidade não era estar, era ser. Dançar, pra mim, é um prazer físico, mas dançar em Companhia é um autoconhecimento partilhado, e partilha, diferentemente de boa parte da percepção do nosso mundo, para nós nunca foi nenhum problema. A partilha na verdade é a nossa grande gerente. São incontáveis as vezes em que eu

dividi com meus colegas de dança não somente meu suor, mas também minhas lágrimas, alegrias, disposição, cansaço e angústia, e pude receber deles também.

Lembro-me dos rotineiros avisos do Gláucio aos recém-chegados de que: “Artista independente não se faz presente somente nas aulas de dança e apresentação nos palcos. Quando acaba a apresentação, somos nós quem limpamos e guardamos o linóleo (dentre outros itens também)”. Não sei se isso deveria ser algo amedrontador, o Gláucio é um homem alto e de voz grave, então até as mais sutis palavras saem de sua boca meio intimidadoras, mas eu amava tudo isso. Me sentia pertencente e me doando.

Não quero, com essa fala, negligenciar a situação em que os artistas brasileiros se encontram hoje, nada disso seria necessário caso nosso país investisse mais em arte e cultura, apenas penso que o melhor de ser artista é poder estar nos bastidores. Fazer pirulitos de chocolate para arrecadar dinheiro, por exemplo, era para mim uma forma de gestar coletivamente o nosso futuro espetáculo. Sinto que o “terroá” (terroir) da Companhia está muito ligado a essa troca que ocorria nos bastidores dos bastidores.

Hoje, com pesar, não faço mais parte do Núcleo, pois senti que chegou um momento de minha vida em que já não poderia mais fazer exatamente o que acabo de descrever com tamanha afeição e carinho no parágrafo acima e essa é, com toda a certeza, uma daquelas decisões que todos os dias me provoca angústia.

Mas arte, além de alento, é compromisso, seriedade e responsabilidade! Isso eu aprendi lá também. Independentemente de estar ou não inserida em Companhia, a felicidade vive em minha morada, pois (novamente) com a Companhia Moderno de Dança felicidade não é estar, é ser, e ser não padece ao tempo nem lugar.

Sinto que sou Companhia. Sou esse corpo que hoje penetra o espaço com sensibilidade na percepção. Sou essa mente que faz do seu corpo instrumento de autoanálise. Sou esse sujeito que se encontra imerso na coletividade com um olhar crítico.

Sou essa pessoa que vê na arte a compreensão de si ou o vômito incompreendido e por muitas vezes incompreensível do inconsciente. Tudo o que sou diz respeito à Companhia também. “Eu sou o que sou pelo que nós somos”.

LAÇOS, RAÍZES PROFUNDAS!

Danielly Vasconcellos

Artista, professora de Educação Física, professora de Dança,
Instrutora do Método Pilates e Coordenadora do CRAS -
Centro de referência de assistência social de Curuçá/Pa

Falar da Companhia é algo bem difícil pra mim, pois vivi mais com ela do que na minha própria casa. Sempre usávamos uma frase: “não posso, tenho ensaio!”, e era bem assim mesmo. Nas festas de aniversário de algum primo ou em algum encontro de família, geralmente não podíamos ir, pois tínhamos ensaio, apresentação ou viagem.

Se me arrependo? Não! Faria tudo de novo, igualzinho. Não éramos apenas um grupo de pessoas que amavam dançar, era muito mais que isso. Criamos laços, raízes profundas entre nós, de precisar dormir na casa de um porque tínhamos que imprimir mil certificados para o FEDAP (Festival Escolar de Dança do Pará), ou porque o ensaio terminou muito tarde e no outro dia tinha aula cedo.

Foi com a CMD que conheci de fato o carnaval, e não me refiro ao da TV, mas viver dentro de uma escola de samba. Foi com ela que pude conhecer boa parte do Brasil, como Manaus, Fortaleza e Santa Catarina, sem contar as viagens icônicas pelo interior do estado.

Foi na Companhia que encontrei meu parceiro de arte que hoje é o meu parceiro na vida, meu marido, e meus amigos dançantes que se tornaram irmãos, compadres, afilhados, parceiros. Foi lá que gerei meus filhos e os apresentei à minha família dançante. Com a CMD eu comemorei grandes vitórias profissionais e pessoais, e tive momentos ruins, como em todo lugar, mas que não apagam tudo de melhor que pude dar e receber.

Fomos os ombros uns dos outros quando alguém precisou. Poderia fazer um livro com as minhas memórias e ainda assim seria pouco. Por fim, minha última “aposentação” como CMD se deu em um momento inusitado. Tudo começou quando durante a apresentação da temporada do Espetáculo *UM* eu acabei me machucando em cena. Somei forças para ao menos terminar

a apresentação do dia, e assim que as luzes se apagaram eu já estava no camarim. Foi muito difícil entender e aceitar que para aquele espetáculo eu não conseguiria terminar a temporada, mas não tive escolha.

Um espetáculo onde eu me resignifiquei como ser humano, me encontrei na minha religiosidade. No *UM* nós entendemos que nossa arte não tem limite. A temporada chegou ao fim, e eu estava pronta para voltar a dançar em Companhia quando a vida me presenteou com a notícia da chegada do meu segundo filho (no caso, filha).

E foi aí que tive que tomar a difícil decisão de parar. Foi a decisão mais difícil de toda a minha vida, e até hoje dói, mas sei o quanto eu fui importante pra CMD, assim como ela foi pra mim. Eu nunca terei palavras para agradecer a todos por tudo que vivemos, mas preciso citar 3 pessoas importantes que foram fundamentais para que pudesse viver tudo isso: meu eterno mestre e amigo Gláucio Sapucahy; minha amiga e primeira e única professora de dança que me inspirou, Ana Flávia Mendes; e minha querida professora Marlene Coeli Vianna (*In Memoriam*), por ter me estendido a mão e dado a oportunidade de estudar usando a dança como meu estímulo. “Sou o que sou pelo que nós somos”.

UMA NOTA DE AMOR (DA REVISORA)

Talita Gomes e Souza

Tradutora e revisora de textos, e artista

Nem sei por onde começar. São tantos anos admirando essa família! Eu nunca fiz parte da CDM em si, mas sinto que minha história está ligada à de muitas pessoas ali, a começar pela minha prima, Luiza Monteiro. Ter uma artista na família foi sempre uma inspiração para mim, tanto que quando criança fui fazer balé no Colégio Moderno, e assim conheci a Professora Ana Flávia. Anos depois, a própria Luiza foi minha professora, nas aulas de dança moderna, e foi nessa época que eu pude ter contato com algumas pessoas da Companhia, assistindo a ensaios abertos, vendo a preparação de todos nas coxias etc. Nossa, como eles eram maravilhosos! Me lembro de ficar admirada diversas vezes com todo o empenho, a garra, a determinação daqueles componentes. Além do talento nato de todos ali para executar passos síncronos e perfeitos, nos bastidores todos executavam um pouco de todas as tarefas, desde ajudar com o cenário e iluminação, a colocar um figurino e ajudar o amigo que estava nervoso para entrar em cena. Eles não eram só artistas de uma Companhia de dança: eram irmãos. A família que a vida deixou escolher.

Diante de tudo isso, eu percebia que crescia em mim o desejo de também fazer arte, de seguir os passos da minha prima. Eu entendia o amor dela por tudo aquilo. Ficava um pouco magoada com os “não posso, tenho ensaio” diante dos eventos da família, mas quando eu mesma me descobri na arte, na forma do Teatro, passei a compreender também os desafios e lutas diárias do fazer artístico. Hoje sou atriz de profissão, e tenho certeza de que isso não teria acontecido se não fosse pelo que vivi lá no Moderno. Além de tudo, a Luiza ainda dava um jeito de unir a família biológica dela com a família artística, e assim eu dancei minha valsa de 15 anos com o Christian, vi minha casa servindo de espaço para que o Gláucio e a Flávia comemorassem um aniversário, fui coreografada pelo Juan, conheci o Tarik, o Ercy, e muitas outras pessoas que

sempre foram receptivas e encantadoras comigo. Ainda tive o prazer de receber a pessoa maravilhosa do Feliciano na minha família, como primo querido, e de ter como sobrinho-primo o Pedro, essa criança tão especial e que muito provavelmente irá para o lado das artes também um dia!

Em 2013 eu me formei como Tradutora e Intérprete, e descobri na área da Revisão acadêmica uma paixão. Desde então, a dança tem me escolhido como a principal temática dos textos que reviso, e é claro que, mais uma vez, o pessoal da CDM está envolvido nisso, pois já ajustei muitos textos deles. Acho que já consigo explicar sobre Dança Imanente, Encantarias e alguns outros conceitos, graças aos artigos acadêmicos da Larissa, da Luiza, da Flávia e do pessoal da UFBA que, pasmem, agora está me contratando por saberem o quanto eu amo ler sobre Dança. É muito bom ver como a área cresce no meio acadêmico, com trabalhos cada vez mais informativos e bem redigidos sobre as diversas formas de se dançar e ensinar Dança. Que o estudo sobre essa arte cresça cada vez mais, com Companhias como a CDM para inspirar e trazer à tona debates importantes e que acrescentam não só na vida de quem é artista, mas na de todos os seres humanos também.

Finalizando esse depoimento que eu acho que já ficou longo demais, eu só queria agradecer às pessoas que fazem parte dessa história. A todos os componentes da CDM. Vocês, com todo o amor e toda a dedicação nesses 18 anos, inspiraram e ainda inspiram a vida de muitas pessoas. Os espetáculos são mágicos, certos, abordam questões polêmicas e importantes, e fazem com que cada espectador saia do teatro encantado e reflexivo com o que viu. A trajetória de vocês como artistas e amigos é linda, é emocionante, e por todos os outros depoimentos que li (tive a difícil missão de ser a primeira a ler e chorar com vários deles), posso afirmar que não sou a única a dizer o quanto amo essa Companhia, o quanto vocês são importantes na minha história, e de como esse livro é uma Carta de Amor a todos que fizeram parte ou que admiraram mesmo de longe tudo isso. Espero que apreciem a leitura, pois eu amei. A todos os componentes e fãs, o meu carinho.

ESPETÁCULOS



Metrópole é o reflexo de um desejo mútuo de vivenciar a experimentação cênica com maior liberdade, redescobrimdo os limites do corpo e do espaço por meio de improvisações e pesquisas de movimentos.

Observações do cotidiano nas grandes metrópoles e, principalmente, do comportamento humano comum a esses lugares, associadas aos versos livres presentes nos poemas de Mário de Andrade são estímulos para a livre criação coreográfica, que abstrai em imagens dançadas a instigante condição do homem urbano contemporâneo.

Esse espetáculo originou a pesquisa de mestrado em artes cênicas de Ana Flávia Mendes, realizada junto à Universidade Federal da Bahia e intitulada GESTO TRANSFIGURADO: A ABSTRAÇÃO DO COTIDIANO URBANO NOS PROCESSOS COREOGRÁFICOS DO ESPETÁCULO METRÓPOLE. Essa pesquisa consiste em uma análise estética e reflexiva acerca da transformação do real em abstrato, a partir do tratamento artístico concedido ao gesto na coreografia.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Coreografias: Ana Flávia Mendes e Companhia Moderno De Dança

Laboratórios teatrais: Márcio Moreira

Direção artística: Márcio Moreira

Roteiro: Ana Flávia Mendes

Direção executiva: Gláucio Sapucahy.

Trilha sonora: Antonio Vivaldi

Textos: Mário De Andrade/Feliciano Marques e Nelly Brito (Abertura)

Intérpretes-criadores: Amélia Vasconcellos, Ana Paula Siqueira, Clareana Soares, Ercy Souza, Feliciano Marques, Jéssica Mattos, Luiza Monteiro, Márcio Moreira, Milena Lopes, Nathália Simão, Nelly Brito e Wanderlon Cruz.

METRÓPOLE | 2003



MILENA LOPES, ERCY SOUZA, CLAREANA SOARES, WANDERLON CRUZ, NELLY BRITO,

LUIZA MONTEIRO, JOYCE SILVA, FELICIANO MARQUES E ANA PAULA SIQUEIRA

TEATRO GABRIEL HERMES, 2003 - FOTO: MANOEL PANTOJA



BRUNA CRUZ, ERCY SOUZA, DAIANE GASPARETTO, LUIZ THOMAZ SARMENTO, MÁRCIO MOREIRA, WANDERLON CRUZ, CHRISTIAN PERROTTA, ANDREZA BARROSO, NELLY BRITO, FELICIANO MARQUES, ANA PAULA SIQUEIRA, DANIELLY VASCONCELLOS E LUIZA MONTEIRO

TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO MANOEL PANTOJA



FELICIANO MARQUES, BRUNA CRUZ, NELLY BRITO, DANIELLY VASCONCELLOS, WANDERLON CRUZ, ERCY SOUZA, DAIANE
GASPARETTO, LUIZA MONTEIRO, CHRISTIAN PERROTTA E MÁRCIO MOREIRA
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA

POR CHRISTIAN PERROTTA

Artista e professor

Do *Metrópole*, eu assisti a ensaios de criação, conversas de laboratórios, construção de cenas e poemas, passagem de texto, de som, de luz, apresentações inteiras... Tudo isso antes de entrar na Companhia. E depois de entrar, participei de tudo de novo, pois o espetáculo passou por longa temporada no Waldemar Henrique, e lá ele sofreu algumas “atualizações”, nas quais o elenco novo pôde deixar suas contribuições. Uma das coisas que mais me atraem no *Metrópole* é a escolha da música. Sou suspeito para falar, mas a trilha de Vivaldi faz um sentido tão grande para essa obra, que hoje, para mim, os dois se confundem, mesmo suas gêneses estando separadas por séculos. Outra característica que me atrai neste espetáculo é a grande dicotomia (e que palavra para este espetáculo, hein?) entre o fazer habitual da Companhia e o sistema usado no espetáculo. Uma parte substancial dele é criação de uma única pessoa — Ana Flávia —, no sistema “eu crio, vocês copiam”. Acho isso interessante justamente por poder ver a criação de movimentos vindos diretamente da direção artística, algo que quase não ocorria mais em muitos outros grupos no núcleo CMD. Inclusive, o espetáculo passou a ter mais pedaços de criação coletiva, com suas posteriores atualizações. Ainda assim, desde sua versão primeira, muitos dos elementos tão característicos da cena da Companhia estão ali presentes; talvez este seu germen poético. E talvez por isso tantos de nós sejam apegados a este famoso “xodó”.

POR LARISSA MELO CHAVES

Mestra em Dança pela UFBA, artista, professora e pesquisadora

A coreografia *Fragmentos de Urbanidade* faz parte do primeiro espetáculo da Companhia Moderna de Dança, o *Metrópole*. Ela é um ícone do trabalho da CMD para nós, intérpretes, e para o público. Muitas gerações de elencos já interpretaram e recriaram essa coreografia. A vivência da obra é como um selo de passagem do(a) bailarino(a) pelo grupo, uma experiência que marca e caracteriza bem a prática artística em Companhia. A característica de *Fragmentos de Urbanidade* que mais me toca como artista é a articulação da coletividade na estrutura coreográfica. Muitos são os momentos de carregadas; de movimentos que têm seu sucesso dependente de uma parceria entre intérpretes. Muitas obras da Companhia são conhecidas por esse caráter coletivo, da movimentação conjunta, da articulação grupal. Acredito que essa marca foi desenvolvida desde o *Metrópole*, aperfeiçoando-se ao longo de outros espetáculos e das versões posteriores de *Fragmentos de Urbanidade*. A sensação presente na coreografia, que retrata a cidade como uma metrópole agitada na qual acontecem muitas coisas de forma simultânea, juntamente com a indescritível trilha sonora de Antonio Vivaldi, são alguns dos elementos que contribuem para a acentuação da sensação de coletividade nessa obra. Dançar essa coreografia é entregar-se à explosão de vivacidade que essa experiência coletiva nos proporciona. A crescente tensão apontada pelo desenvolvimento da trilha em articulação à progressão dos movimentos nos coloca em um estado de completo êxtase coreográfico. *Fragmentos de Urbanidade* enfatiza nossa vitalidade de intérpretes-criadores e escancara a potência artística do(s) corpo(s) que dança(m).



DAIANE GASPARETTO, CHRISTIAN PERROTTA, MÁRCIO MOREIRA,
BRUNA CRUZ, ERCY SOUZA E FELICIANO MARQUES
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO:MANOEL PANTOJA

POR NELLY BRITO

Psicóloga, psicanalista e pesquisadora

– “Eu sou 300! Sou 350. Mas um dia, afinal, eu toparei comigo”.

Era 2003. Todos tínhamos, maiores ou menores, as dúvidas da adolescência. Vivíamos as inúmeras possibilidades do futuro, abertas ao nosso desejo. Ao mesmo tempo, vivíamos o receio de escapar ao destino já traçado. Éramos 300, 350 e buscávamos topar conosco. Foi assim que nos encontramos nos desencontros de uma fase decisiva da vida para explorar “as sujidades implexas do urbanismo” – do que é viver em uma metrópole, sem dúvidas, mas não só. Foi um processo de destruir e reconstruir as alturas de nossas próprias avenidas. Essa foi a encruzilhada que representa, para mim, o *Metrópole*. Éramos todos, de certo modo, aquele ser sem cabimento que protagonizava a narrativa. Aquele que buscava se encaixar, mas não podia. Éramos a perfeccionista bailarina Ana Flávia diante das cores, formas e cheiros transgressores da UFBA. Éramos Gláucio propondo que alunos de um Colégio tradicional da conservadora Belém formassem uma Companhia de Dança. Artistas, quando os planos previam engenheiros, cardiologistas, promotores: eteceteras. Com a arte, topamos conosco. Nesse encontro com outros, semelhantes, tive um encontro comigo, em minha diferença. Fui apresentada a poemas de Mário de Andrade. Também licei umas letras com meu amigo, Feliz – “A cada metro, o metrô coberto mistura o deserto e a multidão”. Carreguei andaimes e suor. Ensaiei esquecendo os limites da carne. Senti o ilimitado da cena. Enxerguei. “Horíveis as cidades, vaidades e mais vaidades”. Comecei a entender os privilégios da “digestão bem feita da metrópole”, que também sou eu. Tudo isso reverbera até hoje. Foi um despertar quando ainda dormíamos. Ainda é muito forte a areia que escorre o tempo da ampulheta. “Tenhamos paciência, andorinhas curtas”. Sigamos nas metrópoles em nós. Obrigada por terem feito a alma servir de abrigo.

POR PAOLA RODRIGUES PINHEIRO

Artista, pesquisadora e professora de dança

O espetáculo *Metrópole* foi o primeiro da CMD, e nessa época eu nem conhecia a Companhia. Só depois de anos eu fui ter contato com essa obra artística que marcou o início da trajetória da CMD. Eu já tinha assistido a vários vídeos e algumas adaptações da obra representadas ao vivo, e já sentia meu coração acelerar pela música contagiante que faz o nosso sangue correr pelo corpo. Mas apenas em 2018 eu de fato participei da obra, com mais uma adaptação deste espetáculo atemporal. Foi desafiador e muito prazeroso realizar as sequências coreográficas que admirava tanto, e poder fazer parte do caos do *Metrópole*. Foi uma experiência inesquecível. Nessa obra senti o caos reinar, e ao mesmo tempo senti um controle imenso; meu coração palpitava toda vez que a música atingia o seu refrão, caracterizado por uma sequência coreográfica que se eternizou por causa dessa obra. A sociedade representada por movimentos, jeitos de caminhar, personalidades, num corpo alterado, corpo esse que é tomado pela adrenalina, pelo desespero e ansiedade. A correria da cena, dos movimentos e da música toma o nosso corpo, alterando nosso estado, e quando a cena acaba as sensações demoram a passar, ficam reverberando. Quando nos apresentamos no teatro com a cena adaptada do espetáculo, o público ficou eufórico e vibrou acompanhando a música conforme ela ia aumentando sua intensidade. O *Metrópole* é para mim uma euforia, um caos controlado, uma adrenalina; é o sangue correndo pelo corpo em desespero.



AMÉLIA VASCONCELLOS, ANA PAULA SIQUEIRA, CLAREANA SOARES, ERCY SOUZA, FELICIANO MARQUES, JÉSSICA MATTOS,
LUIZA MONTEIRO, MÁRCIO MOREIRA, MILENA LOPES, NATHÁLIA SIMÃO, NELLY BRITO E WANDERLON CRUZ

THEATRO DA PAZ, 2004 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR AMANDA DE PAULA NOGUEIRA LIMA EISMANN

Advogada

Meu primeiro contato com a Companhia foi por meio do espetáculo *Metrópole*. Fiquei fascinada. Na verdade, era também o meu primeiro contato com a dança contemporânea. Quando escuto a trilha que embalou o espetáculo ainda me lembro das vezes em que assisti aos ensaios e vi os bailarinos em cena, dançando nos andaimes de ferro. O Márcio enlouquecido pelo caos da metrópole.

POR ANA PAULA COLINO

Terapeuta ocupacional e amante das artes

A Companhia Moderna de Dança possui um lugar especial no meu coração. Falar dela é falar de memórias afetivas que me acompanham nas diversas fases da minha vida, infância, adolescência e vida adulta. O primeiro espetáculo que teve um impacto em mim como plateia foi o *Metrópole*. Eu devia ter o auge dos meus 5/6 anos e assistir aquilo me impactou positivamente. Uma característica fenomenal que a Companhia traz para a cena são as experiências sensoriais que a plateia vivencia. A primeira dessas experiências é a visual, com jogo de luzes e um cenário até simples, mas que causa o impacto desejado; a segunda é a auditiva, com os barulhos produzidos, a trilha bem selecionada e até o silêncio que nos faz despertar algum sentimento; a terceira experiência talvez sejam as diversas texturas que são trabalhadas em cena, então mesmo sem tocar, conseguimos sentir o bruto, o suave, e a composição faz com que o todo nos alcance e traga reflexões. O *Metrópole*, que com sucesso representa a vida urbana caótica, me fez sair de lá questionando sobre a vida e reparando mais na cidade e nas suas peculiaridades, e foi o espetáculo que me fez questionar sobre processo criativo e querer um dia estar do outro lado.

POR VICTOR AZEVEDO

Artista, arquiteto e urbanista

A apresentação que fizemos, que nomeamos de *Fragmentos de Urbanidade*, era um trecho do espetáculo *Metrópole*. O primeiro espetáculo realizado pela CMD, em 2002. Essa apresentação entrou de surpresa no cronograma do grupo. Lembro de achar simbólico que a estreia dos novos integrantes no elenco da CMD seria feita agora com uma coreografia do início do grupo, há anos. O festival no qual participaríamos com a coreografia era de uma Companhia de Dança amiga da CMD, que havia nos convidado para participar do evento. Decidimos levar um trecho do espetáculo *Metrópole* por ser uma coreografia animada e um pouco mais adequada para o contexto do festival. A coreografia é marcante. A trilha sonora de Vivaldi é completamente contrastante com os movimentos e isso é o que mais marca a experiência desse espetáculo para mim: misturar a música clássica com o caos urbano. Fico feliz de ter feito minha estreia no grupo com uma coreografia que marcou o seu início como uma Companhia profissional. Na minha mente, isso borra as fronteiras de quando cada pessoa foi parte do grupo, ou seja, apesar de ter entrado oficialmente em 2018, me sinto parte do grupo desde 2002.



MILENA LOPES, WANDERLON CRUZ, LUIZA MONTEIRO, FELICIANO MARQUES E ANA PAULA SIQUEIRA

TEATRO GABRIEL HERMES, 2003 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR DAIANE GASPARETTO

Artista e psicóloga

Dois mil e três. Pelas contas, eu devia ter uns treze anos. Via o palco grande, com artistas grandes... ali era o mundo no qual eu queria estar. A inquietude aparecia a cada verso recitado, a cada vibrar de cordas, em todo olhar retorcido de cidade guardada na juventude que ainda trago. Talvez muitos dos sonhos tenham nascido daquele primeiro momento, em que senti a possibilidade do voo e do pouso, ressignificados no acender e apagar de luzes, no coração revirado nas ferragens que nos faziam levitar. Primeiro contemplei, depois interpretei-criei, como fazem os pequenos junto aos que desde cedo começam a admirar. A agitação da sirene nos ouvidos, a proliferação dos gestos, a roupagem do preto, branco e cinza nos caminhos. O bloquinho ao centro, e a voz da mestra contando com leveza e precisão para que todos pudessem se encontrar. E foram tantos os palcos, salas de ensaio e coxias que já não saberia pôr em ordem os passos dados naquele *Metrópole*. Mas vira e mexe tento recompor os trajetos, como quem sabe ter guardado em pergaminho antigo os movimentos ainda vivos no tronco, nas mãos, do deitar ao cair da noite, ao cair do tempo, o qual bebo no escuro em todas as orações que alinhavam os ritos de entrada, bem registrados nos que aprenderam em roda as mãos a segurar.

POR DARLIENE GASPARETTO

Psicóloga e artista

Foi nos bastidores e na plateia que, embalada pela música de Vivaldi, o coração disparava a cada movimento...Entre pneus, andaimes, individualidades e solidão, a reflexão sobre o quanto a grande metrópole aprisiona o ser humano era inevitável. “Nada de asas, nada de poesia, nada de alegria”, são gritos que ecoam e arrepiam até hoje e trazem a lembrança vívida dos corpos dançantes e entregues nesse espetáculo intenso e marcante.

POR LETÍCIA BARROS

Médica

Em 2004, uma criança de 10 anos que já dançava no clube escolar do Colégio, foi assistir ao espetáculo *Metrópole* no teatro Waldemar Henrique. A criança era eu. Comecei a dançar de maneira despretensiosa, porém tinha um brilho no olhar ao admirar a Companhia Moderna de Dança desde o início. As coreografias, as expressões de cada um. Era toda aquela arte e o amor a ela me encantou, enchendo meus olhos de admiração. Ali soube que eu amava aquilo e um dia queria ser assim. 10 anos se passaram e em todos eles continuei dançando. Por amor à dança, mas sobretudo pelo sentimento de família que sempre esteve presente. Então, no ano de 2014, já integrante da Companhia e após tantos momentos memoráveis, passei por um dos momentos mais marcantes: finalmente iria dançar um trecho do espetáculo *Metrópole*. Eu sempre gostei de dançar trechos de espetáculos antigos dos quais um dia eu havia sido espectadora, como o *Lírica Morada*, por exemplo, que já cheguei a dançar inteiro. Porém, o dia em que pude dançar apenas um trecho de *Metrópole* foi cheio de significados, pois representava o começo de tudo. Da Companhia e da semente que nasceu em mim, da artista que fui e sempre serei. Semente que nasceu em mim e em tantas outras pessoas que fazem parte dessa história de 18 anos. Lembro da espera na coxia em que me arrepiei e me emocionei. Um filme na cabeça. Ao escutar os acordes de Vivaldi, entrei, dancei, e fui preenchida por um sentimento de plenitude, o qual sempre sentia ao dançar no palco, mas que naquele momento foi potencializado e eternizado em mim. Eu já estava próximo de encerrar meu ciclo na Companhia Moderna de Dança, devido às escolhas profissionais, o que aconteceu 1 ano depois. Confesso que isso tornou o momento ainda mais simbólico. Até hoje ainda assisto a um registro do momento em vídeo, para sentir um pouco de toda aquela energia única. Inesquecível.



JÉSSICA MATTOS, WANDERLON CRUZ, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, AMÉLIA VASCONCELLOS, ERCY SOUZA, CLAREANA

SOARES, JOYCE SILVA, ANA PAULA SIQUEIRA E FELICIANO MARQUES

TEATRO GABRIEL HERMES, 2003 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR DANIELLY VASCONCELLOS

Artista, professora de Educação física, professora de dança,
instrutora do Método Pilates e Coordenadora do CRAS -
Centro de referência de assistência social de Curuçá/Pa

Lembro-me como se fosse hoje. Ainda consigo sentir o pulsar em cada acorde nas músicas de Antonio Vivaldi. Fecho os olhos e me reporto a 2002, na antiga sala de dança do Colégio Moderno, onde tudo começou e onde realizávamos nosso ensaio semanal, com nossos laboratórios para chegar a compor nossos personagens. Até que “nasceu” Natasha, uma jovem rebelde que era apenas um reflexo da sociedade caótica na qual vivia. Com o espetáculo já pronto, fomos para a estreia, e não éramos apenas bailarinos ou dançarinos (como achar melhor chamar), éramos a máquina que movia tudo. Nos dias de apresentação, chegávamos cedo para montar a parte da produção, e no dia da estreia não era diferente. Lá estávamos nós, no dia 26 de maio de 2002 no Teatro da Paz, descarregando iluminação, andaimes e linóleos. Para quem pode achar isso um absurdo, para nós era a confirmação de que “a CMD é o fruto de um árduo trabalho em equipe”, e sempre foi. Mas de todas as nossas apresentações com o espetáculo, a que mais me marcou foi a temporada que tivemos no Teatro Experimental Waldemar Henrique, com um mês de ensaios e um mês de apresentações. Foi aí que eu percebi o quanto tudo aquilo era realmente importante na minha vida, pois durante os ensaios eu acabei fissurando o 5ºdedo da mão direita. Foi aí que pensei: “ Não vou parar agora. Vou tentar”. Passei por uma cirurgia na mão e continuei os ensaios, mesmo com uma calha de gesso na mão. E foi assim, entre ensaios e fisioterapia, que eu ia me adaptando aos movimentos das coreografias, e no dia da estreia da temporada eu estava lá, com uma proteção na mão e o amor pela dança. Eu só queria fazer o que eu mais amava: dançar, e com a CMD. Se faria de novo? Claro que faria! Porque foi dessa forma que eu aprendi a não desistir dos meus objetivos. O espetáculo *Metrópole* foi meu primeiro espetáculo como elenco da CMD. E até existe um forte envolvimento emocional não só pelo saudosismo, mas por tudo de intenso que ele significou na minha vida aos 19 anos. Foi ele que me fez não ter monotonia nas minhas retinas e meu deu asas para ir além dos meus muros.

POR WANDERLON CRUZ

Artista, fundador da CMD, cenógrafo e arquiteto

O espetáculo *Metrópole* é com o qual mais me identifico, pois fala de nosso pessoal, nosso cotidiano, nossas vivências e muito da nossa real história. Sobre o processo de criação, o que posso dizer é que foi muito significativo, pois teve seu “start” em nossa primeira viagem juntos para fora do estado, para participar de um dos principais festivais de dança do país. Essa viagem nos proporcionou novas e espetaculares experiências, principalmente porque estávamos “in loco” na maior cidade de nosso país, onde poderíamos encontrar muito latentes todas as sensações que uma metrópole pode nos proporcionar: a diversidade, os sons, a velocidade e principalmente o caos, o que para mim foi um grande estimulador para que eu pudesse pensar e desenvolver a criação de nosso cenário. Isso me levou a continuar com essas duas vertentes dentro do trabalho da Companhia, que foram a de intérprete-criador e a de cenógrafo, onde tentei representar literal e abstratamente as formas, a organização, as imagens e o caos de uma metrópole, para que nós, intérprete-criadores, pudéssemos utilizar o espaço como se estivéssemos de fato enfrentando os “obstáculos” que a cidade pode nos oferecer, e para que o público pudesse visualizar e perceber as sensações que tivemos durante o processo de pesquisa e criação do espetáculo. Não sei se cabe no ensejo, mas o que tenho como grande vivência e também faz com que esse espetáculo seja para mim o mais marcante, é o fato de que em uma das temporadas de apresentação juntamos o sucesso do mestrado de nossa diretora coreográfica com o fato de ter sido por conta do *Metrópole* que comecei a namorar com uma das intérprete-criadoras, e esse namoro acabou, para a felicidade de todos, se tornando uma família que até os tempos atuais continua escrevendo sua trajetória.



LUIZA MONTEIRO, WANDERLON CRUZ, JÉSSICA MATTOS, NELLY BRITO, MILENA LOPES, ERCY SOUZA, FELICIANO MARQUES,
DANIELLY VASCONCELLOS, ANA PAULA SIQUEIRA E CLAREANA SOARES
THEATRO DA PAZ, 2004 - FOTO: MANOEL PANTOJA

METRÓPOLE: VITRAL E ALEGORIA

João de Jesus Paes Loureiro

Poeta, professor de filosofia da dança, poéticas e estuda o imaginário amazônico

Conheci a proposta coreográfica da Companhia Moderna de Dança no período de sua formulação e realização cênica. Em sua nascente, portanto. Como orientador da pesquisa de mestrado de sua idealizadora e coreógrafa, professora Ana Flávia Mendes. Fazer dança contemporânea, pesquisa teórica e construção coreográfica coletiva constituía o pensamento do grupo. A presença inspiradora de Pina Bausch indicava o caminho emblemático do contemporâneo. A construção coletiva não implica em fragmentação da unidade, mas no entrelace das partes em um todo harmônico ou desarmônico, desde que realize uma coreografia que reflita o sentido constante e complexo em cada espetáculo. A partir das sugestões de cada qual do grupo, a organização final é da coreógrafa. *Metrópole* é um espetáculo inspirado em poemas do livro "Paulicéia Desvairada", de Mário de Andrade, que revela as tensões e revelações inquietas de uma cidade como São Paulo, metrópole emblemática do capitalismo. Uma escolha apropriada. A coreografia mostra a poética conflitiva dessa metrópole, onde o novo conflita o antigo e a desorganização urbana condena ao desvario uma população submetida ao trânsito, à desigualdade, e à sufocação da competição e do tempo. A visão do poeta diante de seu tempo, na primeira metade do século XX.

Na ocasião de nosso encontro, os componentes da CMD eram jovens alunos do Colégio Moderno, liderados pela jovem professora, pesquisadora e intérprete Ana Flávia Mendes. A professora elaborava sua pesquisa de mestrado. O mundo que desejavam era um mundo mais justo, mais humano, mais bonito. E sentiam, na dança, o apelo poético. Sem descuidarem-se do pensamento crítico, quando o tema assim o exigisse. Ou, quem sabe, o tema, decidido coletivamente, fosse escolhido também a partir dessa perspectiva.

Pode-se dizer que *Metrópole* é uma coreografia manifesto, pois revela nessa alegoria metropolitana através da cidade de São Paulo, a proposta teórico-prática de ação da CMD. Admirei que um grupo de jovens visse na arte de dança, além de uma das mais belas expressões artísticas, certa complexidade poética que, além

de sua dominante artística, contempla e revela pensamento, compreensões do mundo e da vida e sonha com uma sociedade humana mais humanizada. O mundo desejado é um mundo mais justo, menos desigual e mais bonito. Tudo sob o impulso da dimensão do poético na arte da dança, que se expressa pelo corpo, mas é guiada por sentimento e reflexão. Um ato de amor.

Metrópole definiu uma linha de ação e pensamento da Companhia Moderna de Dança. Causou inesperado impacto na atualidade dessa arte em Belém. Trazia intercorrência com a poesia, inserindo poemas em cena. Como penso que a poesia é a dança das palavras na linguagem, fiquei sensibilizado com o espetáculo. Teve caráter experimental. Unia dançarinas e dançarinos de diferentes vivências, com o fulgor da juventude, no pórtico da mocidade, com o entusiasmo que o amadorismo confere aos que fazem arte como a realização de um sonho.

Na coreografia, percebia-se diferenças técnicas próprias de espetáculos coletivos e de iniciação. O que não constituía desarmonia. A coreografia privilegiava a atuação grupal e os efeitos corais. O fundamental seria alegorizar a incomunicabilidade, a solidão coletiva, o tumulto, a mecanização, a desindividuação da vida em uma metrópole em transição para megalópole. Como toda alegoria é um vitral, através das imagens policrômicas da coreografia, passa a luz da vida em uma metrópole, neste caso, simbolizada por São Paulo. O coletivo das individualidades. A movimentação em massa. Com essas imagens, a coreografia é esfacelada em grupos de cenas, sem solos, sem diálogos interpessoais. É a massa humana simbólica em busca de sentido. Não existe harmonia e conformidade, mas a desconformidade harmônica. Expressa o desvario de uma cidade a partir dos poemas sobre a desvairada São Paulo de Mário de Andrade e de experienciação nessa mesma cidade.

A *Metrópole* gestual da Companhia Moderna de Dança é uma alegoria coreográfica. Coreografia manifesto. Proposta teórico-prática de trabalho artístico. Coreografia que entrelaça dança, poesia, emoção e pensamento, qualidades que também emergem de todos os espetáculos do repertório da Companhia.

Na arte da dança, cada coreografia é um fractal do infinito. Pois o cosmo é o universo em movimento, e o movimento cósmico é dança.



NELLY BRITO, MÁRCIO MOREIRA
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA



FELICIANO MARQUES, MÁRCIO MOREIRA, WANDERLON CRUZ, LUIZA MONTEIRO, DAIANE GASPARETTO, ANA PAULA SIQUEIRA, ANDREZA BARROSO, LUIZ THOMAZ SARMENTO, NELLY BRITO, BRUNA CRUZ E CHRISTIAN PERROTTA
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



DANIELLY VASCONCELLOS, DAIANE GASPARETTO, WANDERLON CRUZ, LUIZ THOMAZ SARMENTO, ANA PAULA SIQUEIRA, MÁRCIO MOREIRA, FELICIANO MARQUES, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, ERCY SOUZA, BRUNA CRUZ, ANDREZA BARROSO E CHRISTIAN PERROTTA

TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA

Em *Não-Dito*, a Companhia Moderna de Dança vem, à sua maneira, desvelar os véus da ditadura, concentrando no corpo a sua pesquisa para a cena e expandindo sua linguagem de movimentos por meio do imaginário coletivo do grupo, fomentado pelas metáforas de Chico Buarque de Hollanda e por relatos-testemunhados por sujeitos que vivenciaram este período da história brasileira.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção e coreografia: Companhia Moderna De Dança

Direção coreográfica: Ana Flávia Mendes, Danielly Vasconcellos,
Luiza Monteiro e Nelly Brito

Direção teatral: Márcio Moreira

Textos: Carlos Drummond de Andrade, Maria Yvone Ribeiro e Luiza Monteiro

Consultoria temática: Sérgio Sapucahy

Trilha sonora: Chico Buarque de Hollanda e Gilberto Gil

Coordenação de Produção: Tarik Coelho

Produção: Companhia Moderna De Dança

Direção executiva: Gláucio Sapucahy

Intérpretes-criadores: Amanda Lima, Ana Paula Siqueira, Bruna Cruz, Christian Perrotta, Daiane Gasparetto, Danielly Vasconcellos, Darliene Gasparetto, Ercy Souza, Feliciano Marques, Jéssica Mattos, João Addário Júnior, Luiza Monteiro, Márcio Moreira, Milena Lopes, Neywilson Lobo, Nelly Brito, Rayssa Miranda, Taíssa Tobias e Wanderlon Cruz.

NÃO DITO | 2005



ANA PAULA SIQUEIRA E DAIANE GASPARETTO | TEATRO GABRIEL HERMES, 2005 - FOTO: MANOEL PANTOJA



MÁRCIO MOREIRA, WANDERLON CRUZ, FELICIANO MARQUES, ERCY SOUZA, DANIELLY VASCONCELLOS E CHRISTIAN PERROTTA

THEATRO DA PAZ, 2008 FOTO: RODOLFO FERREIRA

POR NELLY BRITO

Psicóloga, psicanalista e pesquisadora

Tanto a dizer sobre esse processo! O espetáculo era sobre o período autoritário da ditadura empresarial-militar no Brasil... Só que lá em casa, “militar” não era verbo. Mais que substantivo, era sujeito de orações subordinadas, nunca adversativas. Foi a partir do que as “mal-ditas” palavras não falavam que algumas benditas vozes ganharam corpo na construção do *Não dito*. Nos laboratórios, o Márcio – que, aliás, batizou esse espetáculo – encarnou a tortura, o desespero e a censura que não vivemos na pele, mas que se impregnam numa sociedade que até hoje não deu a tais atrocidades o único nome cabível: crime. Foi tempo de liderar um processo de criação sem a presença da Flávia. Eu e Luiza dividimos esse desafio. Foi tempo de começar a perceber que tudo é político, afinal, a vida não se vive sem outros e o laço social é, portanto, a política. No enlace entre arte e educação, tivemos o privilégio de, ainda muito novos, ouvir e discutir criticamente sobre corrupção de ideias, distorção de discursos, conservadorismo que abomina a diferença. Teria sido demais, não fossem as músicas de Chico Buarque, transformando o “cale-se” censor no “cálice” do qual se pode afastar; não fosse o bom exercício político de estar com outros, em Companhia. Apresentamos o *Não dito* nas dependências do nosso querido Colégio Moderno. Foi como fazer o passado habitar o presente. Nossos futuros nunca mais poderiam ser os mesmos. “Um sonho que se sonha só é só um sonho. Mas, um sonho que se sonha junto pode se tornar realidade”. Dos moinhos de vento, de Cervantes, à utopia do roqueiro Raul Seixas, essa frase se materializou com força durante o processo do espetáculo, marcando sua criação. Porque, se a disputa pelo poder será a mesma de sempre, são os sonhos que perfazem o motor pulsante da história viva.

POR AMANDA DE PAULA NOGUEIRA LIMA EISMANN

Advogada

Quando entrei para a Companhia participei do processo criativo do espetáculo *Não Dito*, tendo como pano de fundo o período da ditadura militar. Estudávamos a História do Brasil, assistíamos a filmes e documentários com o fim de captar o sentimento por trás daquela época tão sombria. Com o material em nossas mentes, podíamos transformá-lo em movimento corporal. Confesso que ainda buscava entender tudo aquilo que parecia tão orgânico para muitos ali. Era um processo de desconstrução da maneira como eu enxergava a dança, oriundo dos métodos tradicionais de decorar coreografia. A música “Construção”, de Chico Buarque, finalizava o espetáculo de forma empolgante, com todos os bailarinos no palco. Lembro que levamos o *Não Dito* para um festival no interior de São Paulo, momento em que compartilhamos muitos sentimentos especiais em grupo.



NELLY BRITO, BRUNA CRUZ, LUIZA MONTEIRO, DAIANE GASPARETTO E DANIELLY VASCONCELLOS

THEATRO DA PAZ, 2008 FOTO: MANOEL PANTOJA

POR DARLIENE GASPARETTO

Psicóloga e artista

O ser, entre o dito e o não dito,

As entrelinhas do acontecido

O acometido entre nós.

A busca pela liberdade de pensar, agir, sentir

Construção em roda viva...

Entre tantas bocas caladas e torturas vividas

O não dito foi o despertar...

Mergulho intenso na dor, medo, angústias e incertezas.

Vazios...

Grito e manifesto do ser resistência em um mundo de caos.

O se arriscar entre forças, ditaduras e exílios.

Descoberta da possibilidade do movimento e da criação.

Entendimento que o pensamento livre é privilégio intocável

E vira dança num encaixe perfeito com a canção.

POR ANA PAULA SIQUEIRA

Esposa, mãe e empreendedora

Neste pequeno relato, gostaria de retratar como foi o processo de criação do espetáculo *Não Dito*, bem como a obra em si apresentada no ano de 2006. Nesse espetáculo, realizamos uma espécie de tributo às pessoas que foram torturadas e tiveram a sua liberdade de expressão cerceada durante o período da ditadura militar. De forma proposital e relevante, os laboratórios realizados durante o processo de criação foram de extrema importância para que pudéssemos, através da dança, expressar o quão sufocante e perturbador foi esse período para muitas pessoas. O caráter sombrio e torturador daquela estrutura política foi bastante explorado nos laboratórios, para que as sensações descritas fossem colocadas em prática e, assim, obtermos um resultado satisfatório. Como o espetáculo tratava principalmente sobre as torturas, escolhemos trabalhar corporalmente com os intérpretes-criadores as seguintes técnicas: "Pau-de-arara", "Choque elétrico", "Afogamento", "Solitária", "Agressões", "Censura", "Tortura psicológica" e "estupros". Ainda dentro do contexto do processo, escolhemos músicas compostas naquela época para que o viés político ficasse ainda mais evidenciado em cena. Pode-se dizer que o espetáculo *Não Dito* pode ser compreendido como dança política, pois através de movimentos corporais retratamos momentos críticos de pessoas que foram submetidas por questões de poder e ideologia; essa foi a linha tênue que achamos para retratar um importante acontecimento histórico do Brasil através da liberdade artística que a dança permite.



WANDERLON CRUZ, DANIELLY VASCONCELLOS, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, FELICIANO MARQUES,

MÁRCIO MOREIRA E DAIANE GASPARETTO

THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR DANIELLY VASCONCELLOS

Artista, professora de educação física, professora de dança,
instrutora do Método Pilates, Coordenadora do CRAS -
Centro de referência de assistência social de Curuçá/Pa

Como falar de algo que não se viveu? Missão difícil, né?! Mas foi bem isso que nos aconteceu. Ana Flávia, nossa diretora e coreógrafa, se ausentou para o seu doutorado na Bahia e Luiza, Nelly, Márcio e eu recebemos a tarefa de CONSTRUÇÃO de um espetáculo junto com o elenco, com a orientação da Flávia (mesmo que distante) e tudo supervisionado pelo Gláucio, nosso diretor executivo. O desafio maior não era estar à frente do espetáculo, mas sim retratar algo sobre o qual não tínhamos nenhuma vivência a não ser pelos livros de história. *Não Dito* me significou muitas coisas principalmente como mulher/artista, apesar ainda da pouca idade, mas me fez olhar e repensar várias questões da minha vida. Márcio, por sua vez, que tinha o papel de dramaturgo da CMD, me colocou em momentos difíceis para a busca de um personagem; pois bem, fecho os olhos e me vejo no laboratório teatral onde nasceu Beatriz, uma jovem estudante que era presidente do movimento estudantil de 1964, que foi brutalmente violentada e torturada por ter ideias contrárias às das autoridades na época. *Não Dito* carrega um roteiro muito forte, pois falar da ditadura militar no Brasil toca em feridas de muitas pessoas que eram próximas de nós ou até mesmo de muitas que assistiram ao espetáculo e que vivenciaram esse momento, embora para outros a história não tenha sido bem assim, ou não tenha acontecido desse jeito (depende do ponto de vista, né?!). Foi um espetáculo com tema forte e uma trilha pautada nas letras de Chico Buarque de Holanda, cuja construção não seria nada fácil, e não foi! Mas foi cheio de emoção, de RODAS VIVAS de conversas, de choros, de abraços e muita entrega. Hoje eu miro nos exemplos de mulheres guerreiras, e se quer um bom conselho, não cale-se, pois o mundo ainda tenta colocar mordidas para que não haja a construção de um mundo melhor. No momento que estamos vivendo ainda é muito difícil poder falar claramente aqui o que se pensa sem ser censurado. Nunca deixe o dito pelo *Não Dito*.

POR LUIZ THOMAZ SARMENTO

Artista, pesquisador e professor de dança

O que não se diz se mostra

O *Não-dito* é indubitavelmente um espetáculo sobre política. No entanto, ele não é uma obra panfletária. Ela fala de um momento histórico, a ditadura militar, mas ele não fala de como nossos corpos brasileiros permanecem reverberando e sentindo efeitos de um regime político fascista. Isso a CMD não fala, mas ela mostra. Ela mostra o quanto estamos amarrados uns aos outros em teias sociais de cetim vermelho enquanto nos afogamos em cálices de sangue conterrâneo. Sangue de violências físicas, de silenciamentos e da invisibilidade de determinadas narrativas e corpos. *Não-dito* não diz, mas mostra uma dialética do movimento conservador e progressista. Revela micropolíticas de afeto e resistência pautadas em desejos de subversão da ordem e do progresso aos moldes ditatoriais ultraconservadores. Diante disso, não tem como dizer que alguém não tenha dançado o *Não-dito*, seja esse alguém intérprete-criador ou não da CMD. Todos os brasileiros e as brasileiras dançaram e dançam o *Não-dito* desde a colonização. Alguns corpos daquele elenco talvez tenham precisado “aprender” a reconhecer essa dança de forma mais consciente, enquanto outros provavelmente apenas precisaram ativar memórias ancestrais. A violência neocolonial, neofascista e neoliberal coreografa nossos corpos todos os dias. “Como beber dessa bebida amarga” da violência e continuar vivendo sem embriaguez ou sem analgesia? O *Não-dito* deveria se mostrar publicamente de novo nesses tempos mortos de pandemia e B-narismos.



CHRISTIAN PERROTTA, WANDERLON CRUZ, DAIANE GASPARETTO, DANIELLY VASCONCELLOS, MÁRCIO MOREIRA,
ERCY SOUZA, LUIZA MONTEIRO, BRUNA CRUZ, NELLY BRITO E FELICIANO MARQUES
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA

ENTRE O DIZER E O NÃO DIZER, O SENTIR

Fernando Carneiro

Historiador e amante das artes

**Sua voz, quando ela canta
me lembra um pássaro, mas
não um pássaro cantando:
lembra um pássaro voando.**

Ferreira Gullar

Não se sabe ao certo de que matéria é feito um sonho. Pode ser um amontoado de desejos, misturados ao sabor do tempo e recheado de ímpetos e potências ou pode ser só um devaneio. Não importa. Um sonho não se aprisiona. Um sonho não cabe na pequenez da vilania. Um sonho voa e não há gaiola que o prenda. Gilberto, o Gil, disse certa vez: “o sonho acabou, foi pesado o sono pra quem não sonhou”. (O Sonho Acabou, 1971). E quanto a você, seu sono foi leve? O meu foi e é leve, porque sigo sonhando com a liberdade.

A liberdade é um desses sonhos que embeleza a vida. Uma utopia que encanta os cotidianos dias, sempre cheios de uma insistente mesmice. Ser livre é uma mola que move mundos. Não é fácil ser livre, mas é necessário. Dói, mas são como as dores de um parto, que traz a esperança em forma de gente.

As tiranias que a humanidade já viveu foram (e são) inimigas da arte, porque a arte flerta com a liberdade e a subversão. A arte não cabe em esquemas, está sempre em movimento. Foi por isso que a ditadura que se instalou, via golpe militar, em nosso país em 1964 tratou de proibir e censurar peças, músicas, livros, filmes e a imprensa, perseguindo, prendendo e matando centenas de mulheres e homens que ousaram desafiar o regime militar.

A despeito da violência a arte sempre resistiu. Burlou a manifesta incompetência dos censores e produziu obras fantásticas que souberam catalisar o sentimento de revolta do povo. Muitas dessas obras são perenes e ainda hoje guardam atualidade. Até porque o país vive novamente o risco de uma tutela militar.

Evidente que as situações e os momentos históricos são muito distintos. Do golpe de 1964 nasceu uma ditadura civil/militar que destruiu as instituições democráticas e se manteve através da violência e da repressão. Mas, das eleições presidenciais de 2018 emergiu um governo nefasto e ultrareacionário, que trouxe à superfície da vida política boa parte dos defensores do regime ditatorial. As instituições ainda funcionam, mas são permanentemente ameaçadas pelos generais de plantão. Hoje também há ameaças reais à democracia. Hoje também é preciso resistir.

O espetáculo *Não Dito* é um soco no estômago do sedentário comodismo. De forma explícita faz uma contundente crítica à ditadura. Diz e mostra que tudo aquilo que não foi dito, foi sim dito, pois apesar do silêncio imposto pelos militares, a voz do povo sempre se fez ouvir através de múltiplas formas de expressão, incluindo a arte. A dança contemporânea, ela também, tem vocação subversiva na medida em que coloca corpos em movimento contra a rigidez de regras pré-estabelecidas. O corpo é uma poderosa arma comunicante. E é isso que vemos no espetáculo montado pela Companhia Moderna de Dança.

Como elemento adicional, a trilha sonora escolhida tem um casamento perfeito com a coreografia. A obra de Chico Buarque daquele período é um manifesto libertário que embalou toda uma geração e segue inspirando as atuais. A trilha e a coreografia de *Não Dito* nos proporcionam um espetáculo único e atemporal porque não falam apenas de um determinado período, falam para a alma. *Não Dito* nos diz em alto e bom som que a liberdade é um sonho que vale a pena ser sonhado... e vivido.



AMANDA LIMA, JÉSSICA MATTOS, WANDERLON CRUZ, FELICIANO MARQUES, ANA PAULA SIQUEIRA, NEYWILSON LOBO,

RAYSSA MIRANDA, JOÃO ADDÁRIO JUNIOR

TEATRO GABRIEL HERMES, 2005 - FOTO: MANOEL PANTOJA



ERCY SOUZA E TAISSA TOBIAS

TEATRO GABRIEL HERMES, 2005 - FOTO: MANOEL PANTOJA



MÁRCIO MOREIRA, ERCY SOUZA, FELICIANO MARQUES, CHRISTIAN PERROTTA E WANDERLON CRUZ

THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA



ERCY SOUZA, DAIANE GASPARETTO, CHRISTIAN PERROTTA E FELICIANO MARQUES
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA



LUIZA MONTEIRO, CHRISTIAN PERROTTA, DANIELLY VASCONCELLOS, ANA PAULA SIQUEIRA, FELICIANO MARQUES,

WANDERLON CRUZ, NELLY BRITO, DAIANE GASPARETTO E ERCY SOUZA

INDAIATUBA SÃO PAULO, 2007 - FOTO: ACERVO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA



DAIANE GASPARETTO, FELICIANO MARQUES, ERCY SOUZA, LUIZA MONTEIRO,
WANDERLON CRUZ, NELLY BRITO E DANIELLY VASCONCELLOS
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA

“O reverso do corpo revelado no próprio corpo”, este é o argumento que norteia a concepção de *Avesso*, que surge a partir de um desejo coletivo de desenvolver uma maneira peculiar de dançar, investigando, portanto, um vocabulário de movimentos que não esteja pautado em padrões estabelecidos por técnicas formais de dança, como o balé e a dança moderna, por exemplo.

Nessa Dança Imanente, que nada mais é que uma forma de metalinguagem, os corpos dos próprios intérpretes-criadores são adotados como fonte de investigação, respeitando suas subjetividades e idiosincrasias e instituindo a noção de movimento autônomo.

Esse espetáculo é fruto da pesquisa acadêmica de doutorado em artes cênicas realizada pela diretora artística da Companhia Moderna de Dança, Ana Flávia Mendes, junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Para investigar o movimento, a pesquisa coreográfica articulou técnicas como o Contato-Improvisação e o Body Mind Centering®.

No processo de criação de *Avesso* foi priorizado o aprimoramento da consciência corporal dos intérpretes-criadores a partir de uma mescla entre essas técnicas, além de terem sido utilizados recursos tecnológicos da medicina para propiciar a visualização da anatomia e fisiologia humana internas.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção, pesquisa e direção artística: Ana Flávia Mendes

Orientação da pesquisa: Eliana Rodrigues Silva

Roteiro: Ana Flávia Mendes, Ercy Souza, Márcio Moreira e Nelly Brito

Codireção artística: Gláucio Sapucahy, Luiza Monteiro e Márcio Moreira

Direção executiva: Gláucio Sapucahy.

Produção: Acm Produções e Sistemas

Trilha sonora: Zé Mário Mendes

Iluminação: Sônia Lopes

Assistente de iluminação: Tarik Coelho

Cenografia: Tarik Coelho e Wanderlon Cruz

Vídeo cenografia: Ana Flávia Mendes e Dimitri Branquinho

Figurino: Gláucio Sapucahy

Projeto gráfico de cartaz e programa: Ana Flávia Mendes e Feliciano Marques

Fotografias: Luiz Cláudio Lacerda

Intérpretes-criadores: Amanda Lima, Ana Paula Siqueira, Bruna Cruz, Christian Perrotta, Daiane Gasparetto, Danielly Vasconcellos, Darliene Gasparetto, Ercy Souza, Feliciano Marques, João Addário Júnior, Luiza Monteiro, Márcio Moreira, Nelly Brito, Taíssa Tobias e Wanderlon Cruz.

AVESSO | 2006



LUIZA MONTEIRO, ERCY SOUZA, NELLY BRITO, CHRISTIAN PERROTTA, FELICIANO MARQUES,

TAÍSSA TOBIAS E DANIELLY VASCONCELLOS

THEATRO DA PAZ, 2007 - FOTO: LUIZ CLÁUDIO LACERDA



WANDERLON CRUZ, JOÃO ADDÁRIO JÚNIOR, MÁRCIO MOREIRA, LUIZA MONTEIRO, ERCY SOUZA, ANA PAULA SIQUEIRA,
AMANDA LIMA, BRUNA CRUZ, NELLY BRITO, FELICIANO MARQUES, TAÍSSA TOBIAS E CHRISTIAN PERROTTA
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2006 - FOTO: MAURO MOREIRA



FELICIANO MARQUES

TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2006 - FOTO: MAURO MOREIRA

POR ROBSON FARIAS GOMES

Artista, filósofo e pesquisador da interface Arte-Filosofia

“AVESSO”: a dança para além de si mesma.

Avesso é a abertura maestral para as investigações em Dança Imanente em toda sua complexidade ôntica, metodológica e epistêmica. O Avesso como avesso da dança é um manifesto não de como a dança deveria ser, mas como ela é ou, simplesmente, está. Abordar a pluriface da performance dançada em seu entrelace com o criador-performer esfarela o lugar onde outrora haver-se-ia um rosto, assim como também o problematiza quando já incutido em processos de feitura em dança, desmascarando-o ante (o)pressões transcendentais que se impõem até hoje a múltiplos corpos-dança. Avesso tem primeiramente a ver com a pressuposição de si que imediatamente passa a uma despressuposição do (re)conhecido. O ato de dissecação artística do corpo tem consequências em obras de dança para além de um espetáculo ou cena, pois oscila entre a arte e a vida de modo a inferir plataformas dançadas para além do dançar, isto é, uma dança que ornou cenário e vestiu o próprio corpo consigo mesma em um movimento de vai-e-vem solúvel de identidade, categorias e classificações. Avesso simboliza, para mim, uma revolução do pensamento-fazer em dança na Amazônia paraense, justamente pela autonomia e possibilidade de sua universalização em si, mas também para além. *Imanência, Metalinguagem e Visibilidade*, emersos desta obra-teoria, engendram no campo dos estudos contemporâneos em dança novos prismas para o se pensar dança e o se pensar em dança como corpo dançante.

POR LINDEMBERG MONTEIRO DOS SANTOS

Professor, pesquisador, artista da cena e diretor artístico da Ribalta Companhia de Dança

No decorrer dos tempos/espços vividos e acompanhando os trabalhos/pesquisas da Companhia Moderna de Dança - CMD, tenho sinceramente apreciado a eloquência dos caminhos e ideias construídas em suas dramaturgias e de seus trabalhos artísticos variados e recheados de surpresas, encantos imaginários em suas narrativas de corpos proporcionados pelas descobertas e vieses das imanências de ser um pesquisador/artista, e ainda a dedicação de vida e mensagens reflexivas deixadas em cada uma de suas obras apresentadas com vida/amor e arte pela dança-teatro. Nesse campo diversificado de um fazer/pensar/criar e produzir suas variadas pesquisas, remeto-me a um trabalho/pesquisa que foi impactante aos meus olhos e reações corporais, digo reações corporais, porque adentrei em meu imaginário atuando em cena junto com os intérpretes-criadores. O nome do espetáculo era Avesso, um produto cênico envolvido por uma música alucinante, cenário envolvente com a sua tonalidade de cor branca, onde as danças dos corpos e luzes se embrenharam naquele espaço envolvido por imagens projetadas em corpos imanes dos intérpretes-criadores. Como sabemos, o espetáculo Avesso foi fruto de uma pesquisa de doutorado e idealizado por Ana Flávia Mendes. A obra foi tão inspiradora que foi uma das minhas escritas em meu processo de pesquisa do TCC da UFPA, que teve como título “As teorias de Laban nas produções críticas e artísticas de duas coreógrafas brasileiras: Ana Flávia Mendes (PA) e Ciane Fernandes (BA)”. Um pensar reflexivo sobre umas das inesquecíveis obras artísticas produzidas no estado do Pará da Companhia Moderna de Dança – CMD.



DARLIENE GASPARETTO, BRUNA CRUZ E LUIZA MONTEIRO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2006 - FOTO: MAURO MOREIRA

POR AMANDA DE PAULA NOGUEIRA LIMA EISMANN

Advogada

Um desafio de estudar e observar o corpo humano de dentro para fora. Acredito que até hoje levo comigo as sensações experimentadas nos laboratórios e ensaios. Viver a montagem do espetáculo no teatro Waldemar Henrique também foi incrível. Todos empenhados, da iluminação ao figurino. Tudo pronto, hora de apresentar... no chão, sentia o meu coração bater no mesmo ritmo do som que escutávamos. O que tínhamos preparado fazia sentido, por dentro e por fora.

POR DAIANE GASPARETTO

Artista e psicóloga

ar
sangue, ar,
respira, respira
vibração desordenada
engata, desprende
pulsção em giro
corrente
amontoado de pele e água
cardinais sem rumos, intentos
aberturas do passado...
quantas células
(tuas)
foram deixadas em semente
(em mim)
a brotar, brotar, brotar
feito feto a se gestar depois de nascer?





CHRISTIAN PERROTTA, WANDERLON CRUZ, TAÍSSA TOBIAS, MÁRCIO MOREIRA, FELICIANO MARQUES, LUIZA MONTEIRO,

NELLY BRITO, ERCY SOUZA E DAIANE GASPARETTO

CENTRO COREOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO - RJ, 2007 - FOTO: ACERVO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA

POR ANA ROSA BASSALO CRISPINO

*Bailarina clássica, professora e
Examinadora Internacional da Royal Academy of Dance (Londres)*

Assistir a um espetáculo da Companhia Moderna de Dança sempre foi para mim um prazer. A energia do conjunto transborda união e amor pelo movimento, o tempo todo, do início ao fim de cada performance. Todas as vezes em que pude me sentar na plateia para assisti-los, vivi momentos de pura emoção. A amizade e o carinho pessoal que eu tinha - e tenho até hoje - pela pessoa de sua diretora, Ana Flávia Mendes, foi aos poucos, ao longo desses 18 anos, sendo partilhados com todos os integrantes da CMD. Um desses momentos que muito me marcou aconteceu no espetáculo *Avesso*, onde no difícil palco italiano do nosso belo Teatro da Paz, os muitos intérpretes-criadores dispostos em uma impecável linha reta realizaram um movimento sincronizado, de tal forma que esta linha humana girou em torno de seu ponto médio, como um diâmetro em um círculo de rotação. Perfeição de movimento em cena! Naquele momento, os poros do meu corpo se abriram, fazendo com que eu me transportasse para aquele mundo de energia pura e imanente de um grandioso trabalho em equipe. Bravo!!!

POR DARLIENE GASPARETTO

Psicóloga e artista

A dança imanente...
Capacidade de se enxergar por dentro e deixar fluir...
Olhos fechados,
Respiração atenta...
Sentir.

Pulsar da pele, da transpiração, dos toques, dos arrepios.
Entrelaçar de corpos, movimentos e sensações.
Estar do *avesso*
Desvendando o som que vem do entremeio, do entrelaço, do verso...
Das batidas descompassadas do coração.

Trabalho em conjunto, Companhia,
Movimento natural e em sincronicidade...
Descobrir-se parte do todo e desaguar na espera de ser mais.

POR WANDERLON CRUZ

Artista, fundador da CMD, cenógrafo e arquiteto

Sobre o *Avesso*, posso dizer que foi o processo mais desafiador para mim não só enquanto cenógrafo, mas principalmente como intérprete-criador, pois foi um processo muito visceral, no qual as propostas de criação nos traziam “laboratórios” que nos instigavam o aguçamento de todos os nossos sentidos. Um processo que ao mesmo tempo era angustiante, nos levava a uma leveza, e uma viagem ao imaginário do corpo humano que nos trazia uma enorme calma, nos levando a uma concentração que transcendia a nossa realidade. O maior desafio dentre todos, na verdade, foi o do pudor, pois precisávamos embarcar num processo completamente contrário ao nosso cotidiano, onde o nosso corpo era o grande e principal personagem, e que ele teria que ser mostrado de todas as formas e por todos os ângulos, praticamente nu. Essa parte foi bastante difícil e desafiadora, pois nos obrigava a esse “despir” para que pudéssemos expressar as sensações, e esse “despir” me trazia sensações aquém do que era necessário, principalmente o sentimento de “vergonha” em mostrar o mais importante que era o corpo. Em relação ao cenário, pude embarcar em uma viagem de cores e texturas, e desvendar os mistérios do corpo humano, tentando mostrar da forma mais literal possível o que as imagens, cores e sensações nos provocavam, e quais formas e texturas seriam necessárias para expressar tudo isso através dos tecidos, das cores, das imagens em projeção e do figurino multicolorido e cheio de texturas. Foi um processo de muito aprendizado, de muita emoção e de muitas sensações. Foi um “lugar” onde nos sentíamos retraídos à nossa existência, onde sentíamos como se realmente fizéssemos parte do corpo humano, como se cada um fosse um órgão, uma engrenagem que gerasse toda a vida e as sensações daquele “corpo/espetáculo”.



ANA PAULA SIQUEIRA, DAIANE GASPARETTO, NELLY BRITO, ERCY SOUZA, ANDREZA BARROSO, LUIZA MONTEIRO, FELICIANO MARQUES, BRUNA CRUZ, DANIELLY VASCONCELLOS, WANDERLON CRUZ, LUIZ THOMAZ SARMENTO E CHRISTIAN PERROTTA

TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



CHRISTIAN PERROTA, WANDERLON CRUZ, DAIANE GASPARETTO, ERCY SOUZA, LUIZA MONTEIRO,
ANA PAULA SIQUEIRA, DANIELLY VASCONCELLOS, FELICIANO MARQUES, NELLY BRITO E BRUNA CRUZ
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2008 FOTO: RODOLFO FERREIRA



HRISTIAN PERROTTA, LUIZ THOMAZ SARMENTO, DANIELLY VASCONCELLOS, WANDERLON CRUZ, FELICIANO MARQUES, BRUNA CRUZ, ANDREZA BARROSO, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, ERCY SOUZA, ANA PAULA SIQUEIRA E DAIANE GASPARETTO
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



NELLY BRITO, MÁRCIO MOREIRA, FELICIANO MARQUES, LUIZA MONTEIRO E CHRISTIAN PERROTTA

TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA



LUIZ THOMAZ SARMENTO, ALINE MAUÉS, IAM VASCONCELOS, RAYSSA MIRANDA
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2006 - FOTO: MAURO MOREIRA

AVESSO

Eliana Rodrigues

Doutora em Artes Cênicas, UFBA

O espetáculo *Averso* foi objeto de estudo do Doutorado em Artes Cênicas de Ana Flávia Mendes, a quem tive o prazer e a honra de orientar a partir de 2005, concluindo com distinção em 2008 na UFBA.

No resumo da sua tese podemos ler: “Tendo como objetivo criar e encenar o dito espetáculo, esta pesquisa focalizou a transfiguração dos movimentos orgânicos do corpo em movimentos de dança, na perspectiva de validar as opções metodológicas da criação coreográfica como recursos de uma poética contemporânea de dança, à qual é dada a denominação de dança imanente. Subsidiada nos preceitos da pós-modernidade em arte e nas noções contemporâneas de corpo vigentes nas diversas áreas do conhecimento, a análise propiciou a construção dos seguintes princípios criativos para o espetáculo: o princípio da imanência, consolidado a partir do conceito de corpo imanente; o princípio da metalinguagem, identificado na noção de metacorpo, e o princípio da visibilidade, observado no conceito de corpo visivo. Estes princípios foram adotados como norteadores da noção de dissecação artística do corpo, tida aqui como procedimento metodológico gerador da poética da dança imanente. O produto cênico do espetáculo *Averso* resultou em uma coreografia cujos padrões de movimento não foram construídos a partir de técnicas formais de dança, confirmando a hipótese de que esta experiência criativa instauraria um vocabulário de movimentos peculiar para a dança”.

De fato, uma das características mais importantes da dança dos nossos dias é a extensa experimentação presente nos processos de criação de cada espetáculo, o que torna a coreografia única e plena de significados. Cada obra traz em si mesma uma verdade intrínseca, construída e circunscrita pelas histórias de cada corpo, no seu entorno social e cultural, o que reflete traços inconfundíveis do seu tempo e espaço.

Ao assistir ao espetáculo *Averso*, objeto de análise e fruto da sua pesquisa, pude constatar que ali estavam todos os conceitos e elementos desenvolvidos na sua fala teórica. Desfilavam à frente dos meus olhos, a partir do movimento, da cena e, sobretudo, da construção daqueles corpos, os conceitos de imanência, metalinguagem corporal, visibilidade e tantos outros conceitos discutidos ao longo de sua pesquisa. Acima de tudo, pude constatar a intensidade e alegria com que cada dançarino participou daquele processo, tornando-o único e profundamente coerente aos princípios da arte genuína. A feliz possibilidade de experimentar os estudos acadêmicos na Companhia Moderna de Dança alicerçou muito bem o binômio teoria-prática que é um dos objetivos fundamentais dos programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

Compartilhar esse processo criativo que é, ao mesmo tempo, universal e único, é a grande contribuição dessa obra, além de que foi um veículo importante do fazer artístico paraense.

Em *Antropozô* são evidenciadas questões relativas à humanidade em seus diversos períodos históricos, observando, dentre outras características, as transformações biopsicossociais, a troca de experiências entre sujeitos e a variação entre as condições de dominador e dominado.

Propondo um diálogo interdisciplinar entre a dança e a teoria da evolução, o espetáculo apresenta as referidas situações como signos da seleção natural, que tem como consequência aquilo que a ciência chama de evolução das espécies, conceito revisitado e redimensionado pela Companhia Moderna de Dança em sua livre criação artística.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção e pesquisa: Companhia Moderna de Dança

Direção artística: Ana Flávia Mendes

Direção executiva: Gláucio Sapucahy

Produção técnica e iluminação: Tarik Coelho e Sônia Lopes

Cenografia: Companhia Moderna de Dança

Trilha sonora: Banda Sevilha

Intérpretes-criadores: Ana Paula Siqueira, Andreza Barroso, Bruna Cruz, Christian Perrotta, Clediciano Cardoso, Daiane Gasparetto, Danielly Vasconcellos, Ercy Souza, Feliciano Marques, Luiza Monteiro, Márcio Moreira, Nelly Brito e Wanderlon Cruz

ANTROPOZÔ | 2008



BRUNA CRUZ E FELICIANO MARQUES | THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA



DANIELLY VASCONCELLOS, ANDREZA BARROSO, BRUNA CRUZ, MÁRCIO MOREIRA,
LUIZA MONTEIRO, FELICIANO MARQUES, NELLY BRITO E CHRISTIAN PERROTTA
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR ANDREZA BARROSO DA SILVA

*Artista da dança e da cultura popular, professora, pesquisadora,
bailarina intérprete-criadora e educadora capoeirista*

Recordo como se fosse hoje o meu primeiro dia nesta Companhia. Foi um dia de chuva torrencial. Cidade toda alagada, trânsito lento e, o Entroncamento (interseção de entrada e saída da cidade) submerso. Olhava para o tempo, para o movimento das águas da via a cada parada e a cada aceleração do ônibus, numa ínfima alegria e ansiedade de chegar. Mas atrasei-me. Ao chegar, tão logo assumi a posição de ficar sentada, num círculo, de cabeça baixa, com as pernas cruzadas, mão esquerda ao lado do corpo no chão, e mão direita espalmada atrás das costas com a palma da mão para fora... Um micro e macro universo em mim. “La mème chose” era uma frase muito usada por todos no decorrer da música ‘Meninas da Luz’ (Banda Floresta sonora) e o motivo já não lembro, pois era algo relacionado a algum fato anterior (assim compreendo!). Porém, as batidas iniciais e os sons de cordas faziam sempre ocorrer “a mesma coisa”: meu coração acelerava, e as minhas perspectivas se afirmavam, cada vez mais, de que o meu lugar era ali! Recebida e amparada por essa família, tão admirada por mim nos palcos da cidade e eu, àquela altura, estava ali com ela, sendo dela e sendo ela. Espetáculo em andamento! E eu, de braços dados com meu amigo-irmão Clediciano Cardoso (*in memoriam*) – artista incrível das artes circenses na cidade, buscando sonhos com “os pés maltratados pela terra” (embora tais lembranças sejam pertinentes à outra obra), a terra dos caminhos que trilhamos aos movimentos coreografados do que acreditamos... Passos em Companhia. E dançando, após os versos “Do centro que chamamos da raça dos homens, que se realiza o plano de amor e luz, e fecha a porta por onde entra o mal. Que a luz, o amor e o poder, restabeleça o plano divino na terra” eu corria para os braços de Nelly Brito e sentia a ofegância de sua respiração diante do impacto e do peso de meu corpo, seu cheiro e sua pele me amparavam. Era a representação dos braços de acolhimento dessa família e o primeiro passo da pertença de Nelly à minha, pois ela se tornou a madrinha do filho parido nesta Companhia. Isso mesmo! Os conflitos postos na obra causaram transformações de afetividade. A CMD construiu e constrói laços e atravessa gerações.





CLEDICIANO CARDOSO, ANDREZA BARROSO, BRUNA CRUZ,
DANIELLY VASCONCELLOS, NELLY BRITO, LUIZA MONTEIRO E DAIANE GASPARETTO
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA

ANTROPOLUX : QUE SE ALIMENTA DA LUZ DO CONHECIMENTO

Sônia Lopes

Iluminadora

Vou falar um pouco sobre o espetáculo *Antropozô* (2008). Depois de muito tempo, não seria possível que eu não guardasse anotações dos meus processos criativos ao longo desses anos, e eu também tenho ainda coisas do processo dos espetáculos *Metrópole* (2003), *Avesso* (2006) e *Lírica Morada* (2012).

“Bailarino criador”: essa é a linha de pesquisa da Companhia Moderna de Dança. Partindo desse princípio, todos criam e todos dirigem; claro, há uma direção mais pontual, que é quem enxuga todas as criações para um resultado homogêneo, mas esses movimentos coreografados vão para além da dança. É a alma regada de signos que nos levam (enquanto platéia) à viagens fantásticas, principalmente quando juntamos figurino, cenografia, a beleza corpórea e estética dos bailarinos e enfim a iluminação, a arte que vem para pintar todo esse quadro, deixando-o numa linguagem teatral mais nítida para essa viagem.

Em *Antropozô*, o desafio era criar um ambiente que mostrasse a relação do homem (raça humana) com sua existência no planeta Terra. Movimentos na dança de idas e vindas, de briga por territórios e dominância, a luta por sobrevivência e religiosidade.

Eu e meu parceiro Tarik Coelho (iluminador oficial da Companhia), buscamos criar esse clima. Com os refletores disponíveis naquele momento no Teatro, usamos refletores Fresnel, Elipsoidais, PC. Utilizamos a sombra chinesa para dar o efeito “Gruta”, onde esses seres viviam, por sentirem-se ali protegidos, os refletores colocados no chão à esquerda e à direita, foi o que dava uma visão de seres agigantados.

Costumo dizer que Arte é um eterno aprendizado, e com a Companhia Moderna de Dança não foi diferente. Ali somei valores, somei parceria e muito aprendizado, que levarei para a minha vida.

Termino aqui agradecendo a acolhida que vocês me deram. Gratidão aos adolescentes que conheci, agora homens e mulheres com suas vidas mergulhadas na Arte.





FELICIANO MARQUES, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, CHRISTIAN PERROTTA, DAIANE GASPARETTO,
BRUNA CRUZ, WANDERLON CRUZ, DANIELLY VASCONCELLOS, MÁRCIO MOREIRA E ERCY SOUZA

THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA



LUIZA MONTEIRO, CHRISTIAN PERROTTA, MÁRCIO MOREIRA, DAIANE GASPARETTO, FELICIANO MARQUES,
ERCY SOUZA, DANIELLY VASCONCELLOS, BRUNA CRUZ E WANDERLON CRUZ
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA



CLEDICIANO CARDOSO, ANDREZA BARROSO, ERCY SOUZA, LUIZA MONTEIRO, CHRISTIAN PERROTTA, DAIANE GASPARETTO,
MÁRCIO MOREIRA, FELICIANO MARQUES, DANIELLY VASCONCELLOS, WANDERLON CRUZ, ANDREZA BARROSO, BRUNA CRUZ

THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: MANOEL PANTOJA



CLEDICIANO CARDOSO, ANDREZA BARROSO, ERCY SOUZA, LUIZA MONTEIRO, CHRISTIAN PERROTTA, DAIANE GASPARETTO,
MÁRCIO MOREIRA, FELICIANO MARQUES, DANIELLY VASCONCELLOS, WANDERLON CRUZ, ANDREZA BARROSO E BRUNA CRUZ

THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA



FELICIANO MARQUES, LUIZA MONTEIRO, WANDERLON CRUZ, BRUNA CRUZ, NELLY BRITO, ANDREZA BARROSO, MÁRCIO MOREIRA, CLEDICIANO CARDOSO, ERCY SOUZA, CHRISTIAN PERROTTA, DANIELLY VASCONCELLOS E DAIANE GASPARETTO

THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA



FELICIANO MARQUES, MÁRCIO MOREIRA E ERCY SOUZA
THEATRO DA PAZ, 2008 - FOTO: RODOLFO FERREIRA

Luz em Cena ocorreu em março de 2009, como uma proposta de fazer parte da pesquisa de especialização em artes cênicas do professor-iluminador-pesquisador Tarik Coelho.

O diferencial desta experimentação se deu pelo fato dela ser assistida por um público e não haver comandos fechados para a movimentação. Havia 4 fatores influenciavam a improvisação: o movimento da luz, o qual seria alterado durante o processo de improvisação; a improvisação, que só iria ocorrer “dentro” das áreas iluminadas; os textos de referência, lidos pelos próprios intérpretes-criadores conforme a disposição individual de cada um, textos estes de trechos do “corpo” da pesquisa de Especialização em Artes Cênicas intitulada “Atmosfera Imanente”, de Tarik Coelho; e, ao final, a entrada da música, que seria realizada no decorrer de 5 min de improvisação, ficando durante mais 5 min.

A experimentação foi especial, pois “revelou” na prática para os próprios intérpretes conceitos que poderiam levar mais tempo para serem absorvidos ou constatados se fossem somente teorizados. A percepção do corpo do outro, iluminado, do seu próprio corpo, e dos caminhos que a luz realizava para iluminar. *Luz em Cena* é uma proposta de desprendimento do movimento coreografado e da marcação fixa da cena.

Na experimentação, o corpo do intérprete-criador se encontra imerso em uma atmosfera de sensações, causando-lhe alterações em seu estado de corpo e conseqüentemente sua movimentação na cena. A possibilidade de improvisar com o outro, e por vezes até com o público, faz com que *Luz em Cena* se torne uma experimentação que a cada vez que é remontada torna-se única, pois a interação sempre será alterada devido às improvisações, seja da luz, da música, do movimento, ou até mesmo do elenco como um todo..

A partir da referida pesquisa, denominada “Atmosfera Influyente”, Tarik Coelho desenvolveu sua pesquisa de mestrado acadêmico em artes, intitulada de “Atmosfera Imanente”, na qual analisa os processos de criação em iluminação nos espetáculos da Companhia Moderna de Dança.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção e pesquisa: Tarik Coelho

Iluminação: Tarik Coelho (Criação e execução) e Iara Souza (Orientadora)

Cenografia: Tarik Coelho

Vídeo: Ana Flávia Mendes

Trilha sonora: Phill Wanzeler

Direção artística: Ana Flávia Mendes

Direção executiva: Gláucio Sapucahy

Intérpretes-criadores: Ana Paula Siqueira, Andreza Barroso, Bruna Cruz, Christian Perrotta, Daiane Gasparetto, Ercy Souza, Feliciano Marques, Luiz Thomaz Sarmento, Luiza Monteiro, Márcio Moreira, Nelly Brito, Tarik Coelho, Wanderlon Cruz

LUZ EM CENA | 2009



FELICIANO MARQUES, NELLY BRITO, LUIZA MONTEIRO, BRUNA CRUZ, ERCY SOUZA,
DAIANE GASPARETTO, CHRISTIAN PERROTTA E LUIZ THOMAZ SARMENTO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA



INTERAÇÃO COM O PÚBLICO TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2010 FOTO: ACERVO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA



INTERAÇÃO COM O PÚBLICO TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2010 FOTO: ACERVO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA



LUIZ THOMAZ SARMENTO, DEBORAH LAGO E KAYAN ROSSY (PÚBLICO)
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2010 - FOTO: ACERVO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA



FELICIANO MARQUES, NELLY BRITO, LUIZA MONTEIRO, BRUNA CRUZ, ERCY SOUZA, DAIANE GASPARETTO,
CHRISTIAN PERROTTA E LUIZ THOMAZ SARMENTO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA



WANDERLON CRUZ, NELLY BRITO, LUIZA MONTEIRO E LUIZ THOMAZ SARMENTO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA



ANDREZA BARROSO, FELICIANO MARQUES E ANA PAULA SIQUEIRA
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA



DAIANE GASPARETTO, LUIZ THOMAZ SARMENTO E BRUNA CRUZ
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA



DAIANE GASPARETTO, WANDERLON CRUZ, CHRISTIAN PERROTTA, LUIZA MONTEIRO, FELICIANO MARQUES, MÁRCIO MOREIRA, LUIZ THOMAZ SARMENTO, BRUNA CRUZ, ERCY SOUZA, ANDREZA BARROSO E ANA PAULA SIQUEIRA
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA



CHRISTIAN PERROTA, BRUNA CRUZ E NELLY BRITO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA



LUIZ THOMAZ SARMENTO E NELLY BRITO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2009 - FOTO: MARCELO SOUZA

LUZENA: QUANDO O CORPOESPAÇO SE FAZ LUZ NO BREU DA CENA

Ercy Araújo de Souza

*Artista, pesquisador, coreógrafo e
membro do coletivo artístico Companhia Moderno de Dança*

Luz em Cena é um espetáculo de improvisação onde temos como provocadores: o lugar onde a cena acontece, composto de níveis variados com plataformas e/ou caixotes, superfícies com texturas e inclinações diferentes, fumaça para auxiliar nos efeitos luminosos, músicas eletrônicas pré-selecionadas e as mais diversas luzes cênicas. Este último provocador é a batuta do “maestro”, se entendermos os corpos em cena sendo uma “orquestra” em que a coreografia é a música sendo composta no mo(vi)mento do espetáculo. As luzes são os principais estímulos sensoriais para os intérpretes-criadores perceberem, em cena, as cores e formas diferentes (com o auxílio da fumaça) das superfícies.

Luz em Cena é uma obra resultante da pesquisa de especialização do professor iluminador-provocador-coreógrafo Tarik Coelho (2009). Por ser um espetáculo que se apropria da técnica de improvisação, podemos dizer que “os sujeitos revelam a forma como compreendem e interpretam os códigos da sua manifestação cultural, recriando e transcriando as memórias coletivas que formam a cosmovisão do grupo” (RAMOS, 2017, p. 18).

Quando os intérpretes-criadores adentram a cena sob o desconhecido, pois não há ensaio prévio no lugar da cena, nem conhecimento da trilha que irá tocar e muito menos quais serão as luzes provocadoras, acredito que adentram no breu do mundo que os é enquanto corpo. Recriando em si um corpoespaço “tomando-se por base a relação homem/mundo, como organismo vivo que se organiza como experiência em movimento” (MUNDIM, 2017, p. 86).

Viver o *Luz em Cena* foi um mergulho no breu de si na busca de reações imediatas a meus anseios e afetos pelos movimentos. Foi uma conversa na intimidade falando para si das próprias limitações e vulnerabilidades no corpoes-

paço que sou. Corpoespaço que não é

cair na armadilha da prepotência humana, que se vê como eixo central do universo a partir de onde tudo ocorre, desconsiderando outrem, mas o contrário: perceber-se, de modo humilde, em sua pequenez. (...) é considerar o outro, pois a existência só se dá nas conexões coletivas e na percepção de que um indivíduo é social (MUNDIM, 2017, p. 88).

Quando *Luz em Cena* se cria como obra da Companhia Moderno de Dança, a compreensão acerca das conexões coletivas presentes no corpoespaço é diretamente relacionada à práxis denominada Dança Imanente (MENDES, 2010), onde as criações são sempre compartilhadas coletivamente. Dançar em Companhia nunca é sobre mim, é sempre sobre nós.

Estar em improvisação no *Luz em Cena* é criar ilusões reais a partir dos estímulos luminosos. É produzir mundos concretos ao ver luzes em formas quadradas, retangulares, cilíndricas, cônicas e disformes, e compreendê-las como portas, casas, torres, abismos, estradas, como sensações como frio e calor, tranquilidade e agonia, ódio e amor. Nesta produção de mundos, cada um busca se conectar e comunicar, gerando códigos corporais capazes de inferir movimentos, o corpoespaço, e atrair as cosmovisões tanto do elenco quanto do público presente.

Partindo deste entendimento, compreendo o *Luz em Cena* como uma *composição em tempo real* (MUNDIM, 2017 p. 115), pois a “improvisação não necessariamente pressupõe um espectador. A composição em tempo real, sim. Neste sentido, a composição em tempo real é a obra em si” (MUNDIM, 2017, p. 115).

Luz em Cena é também uma vivência que ainda afeta minhas transcrições coreográficas e as minhas práticas quando atuo como professor, pois sinto que essa afetação ainda permanecerá por um longo tempo fazendo parte de mim, do eu mundo como corpoespaço dançante.

Reforma reflete a trajetória da Companhia Moderno de Dança na busca por uma linguagem cênica própria, que parte do princípio do limiar e da fronteira para falar de suas dúvidas, inquietações, adaptações e descobertas no campo dos processos de criação em dança.

Do encontro entre pessoas de diferentes origens, áreas de conhecimento diversas, múltiplos interesses e um sonho em comum, surge o que a Companhia entende como uma Dança Imanente. *Reforma* é, portanto, resultante de um encontro de imanências, memórias, histórias de vida, ciências e emoções que, de forma rizomática, alimentam o caminhar de um grupo jovem de artistas.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção e pesquisa: Companhia Moderno De Dança.

Direção artística: Ana Flávia Mendes.

Direção executiva: Gláucio Sapucahy.

Iluminação: Tarik Coelho (criação e execução) e Iara Souza (consultoria).

Cenografia: Ana Flávia Mendes, Gláucio Sapucahy, Tarik Coelho e Wanderlon Cruz.

Vídeo: Ana Flávia Mendes e Companhia Moderno De Dança.

Trilha Sonora: José Mario Mendes e Marcel Barreto.

Intérpretes-criadores: Ana Paula Siqueira, Andreza Barroso, Bruna Cruz, Christian Perrotta, Daiane Gasparetto, Ercy Souza, Feliciano Marques, Luiz Thomaz Sarmiento, Luiza Monteiro, Nelly Brito e Wanderlon Cruz.

REFORMA | 2010



FELICIANO MARQUES, BRUNA CRUZ, ERCY SOUZA, LUIZA MONTEIRO, LUIZ THOMAZ SARMENTO, CHRISTIAN PERROTTA, WANDERLON CRUZ, DAIANE GASPARETTO, ANA PAULA SIQUEIRA, ANDREZA BARROSO E NELLY BRITO

TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



FELICIANO MARQUES, ANDREZA BARROSO , ANA PAULA SIQUEIRA, LUIZA MONTEIRO, WANDERLON CRUZ,

DAIANE GASPARETTO, BRUNA CRUZ E ERCY SOUZA

TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR ANDREZA BARROSO DA SILVA

*Artista da dança e da cultura popular, professora,
pesquisadora, bailarina intérprete-criadora e educadora capoeirista*

A diversificada matematicidade do *Reforma* corrobora com a diversidade de corpos, histórias e imanências de cada intérprete-criador. A força, a presentificação e a precisão nos movimentos faziam com que eu vibrasse a todo instante, pois me remetiam à imagem de um instrumento muito simbólico neste trabalho: o metrônomo. A assunção de nossa técnica (vista como não-técnica por ditas personalidades da dança) nos coloca em um lugar de singularidade criativa e de autorresponsabilidade artística nesta cidade-celeiro de compromissos e idiosincrasias. Elementos tais como: a transformação do espaço de cena; a dupla-cor, cinza-vermelho, do linóleo (atmosferas “fria” e “quente”); a inter-relação corpo-movimento e corpo-imagem; a transformação do figurino em cena; a utilização de objetos nossos do dia a dia que carregam simbologias dos caminhos trilhados... A celeridade dos movimentos, as pausas ao controle da respiração faziam do tempo quase interminável, porém, nossos passos seguiam firmes na construção de nossa história e, na assunção de novas histórias no caminho do processo criativo em Companhia, numa imanência de tantas imanências em si, compunha significativamente o cenário de *Reforma*. As percepções afloradas, cheiro de querosene no espaço, desenhos expostos na tela, chamas, suor, a temperatura dos corpos... Tudo conjugado dentro do mesmo processo-obra! Histórias dançadas, compartilhadas, revividas, memoradas para juntos comporem “uma só história”! A história recheada de tantas histórias imanentes à Companhia e, diante de tudo, uma obra que assinala de forma muito especial o que é ser um “árduo trabalho de equipe” na nossa trajetória artística.

POR CHRISTIAN PERROTTA

Artista e professor

Gosto demais deste espetáculo porque ele é difícil, cansativo e cheio de muito movimento o tempo todo. Isso sempre me atraiu, mas passou a ser menos frequente com o passar do tempo, já que a Companhia transitava aos poucos para uma abordagem poética diversa. Saltos, giros, contagens metronômicas, posições precisas no palco, luzes cirurgicamente delimitadas, fogo em cena, cânones, tudo isso estava ali, em abundância. O *Reforma* marcou uma mudança de paradigma, por tantas vezes conversada nas rodas em Companhia. Com ele, ficou claro que as criações estavam rumando para outras estéticas, principalmente porque as pessoas espontaneamente estavam caminhando para isso. Talvez, no *Reforma*, nós tenhamos criado tantas coisas complexas, em vários âmbitos — cenário, luz, música, figurino... até meias a gente usava nos pés; isso sem falar no sapateado com todo mundo — como uma despedida apoteótica desse estilo. Ou pelo menos o início de uma despedida, que se demorou ainda por algumas criações. Ouso arriscar que este é o meu espetáculo preferido. Quando dava aulas no *Moderno em Cena*, eu gostava de mostrar esse espetáculo para os bailarinos. Não sei exatamente o motivo, mas talvez eu apenas quisesse me empolgar com aquilo tudo, querendo também contagiar as pessoas com minha empolgação.



ERCY SOUZA

TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR DAIANE GASPARETTO

Artista e psicóloga

Seis meses longe de Belém. O retorno aos sagrados quatro dias da semana, ao inventário da criação. Sensação de voltar e (re)conhecer. Composições em andamento. O reformar de uma história. A compilação dos dados, dardos lançados no prazo da estreia. Havia cena metade rua, metade palco; face de vídeo, face de gente. E os tecidos, num sobe e desce de fazer dançar as curvas da camada fina que separava um do outro. E eu gostava tanto do aprumar da brincadeira, dos sapatos carregados por Jó! A estética dos movimentos quebrados, em síncope, postos na fileira da experiência erguida com os anos de convivência e afinação. E era nas sombras das lamparinas que o ocupar dos espaços vazios fazia ecoar o que ainda não sabíamos de nós mesmos. E hoje bem sei que o arrumar dos cômodos de uma casa tem disso, leva dias e para acabar é preciso abandonar. Em forma pouco definitiva, a música do fim poderia ser a do começo, fazendo repetir o frame coreografado e posto em meio aos registros para ver, rever e sorrir pela beleza de se ter no todo em reconstrução. Se eu pudesse, estaria ali de novo, só pela alegria de poder em queda e recuperação fazer conversar os ossos, o engenho de dentro que nos abriga.

POR BRUNA CRUZ

Artista da cena, musicista e psicóloga

O *Reforma*, apesar de ter solos e duos, me soa como uma obra toda constituída de coletividade. O que era um fomos todos. Onde tinham dois, havia mais corpos repetidos no voal. Esse “multiplicar” era presença afirmada em cada cena, mesmo que ela fosse uma cena de um só. Apostávamos em uma espécie de estética de invasão e diluição das formas antes que perdurassem tempo demais, e as cenas eram atravessadas de bricolagens de tal modo que não dava tempo de personificar as ideias. As vias acinzentadas sugeriam concretude, o chão que ampara os voos. Nas linhas vermelhas, as entranhas, o mergulho em um largo sem fim de suspensão do que é individual, dando lugar a um caldo caloroso de comunhão de corpos em movimento. A poética quase que arquitetônica de caixa cênica e corpos transportava a linguagem para um lugar de jogo, animado pelo encantador movimento de edificar, ruir e remontar. Trazia como centro da narrativa os movimentos de fazer e refazer de um corpo coletivo, das materialidades que se reformavam e davam anteparo às nossas mais diversas experiências e, mesmo nessa toada aparentemente impessoal, dizia de sentimentos muito sutis que não poderiam pulsar senão de um corpo que ama. É certo que o processo criativo foi enormemente alimentado de narrativas tão pessoais, locais, e íntimas, mas todas elas foram corajosamente colocadas para brincadeira e retemperadas no caldeirão da experiência compartilhada. Eis uma ideia que dizíamos com o corpo ali: para reformar a si, tínhamos que nos mostrar ao nosso seio coletivo e nele nos fazer mutuamente outros.



FELICIANO MARQUES E DAIANE GASPARETTO
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



DAIANE GASPARETTO, BRUNA CRUZ, ANA PAULA SIQUEIRA E NELLY BRITO
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



CHRISTIAN PERROTTA, ANA PAULA SIQUEIRA, NELLY BRITO, LUIZA MONTEIRO, BRUNA CRUZ, DAIANE GASPARETTO,
ANDREZA BARROSO, WANDERLON CRUZ, ERCY SOUZA, LUIZ THOMAZ SARMENTO E FELICIANO MARQUES
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



FELICIANO MARQUES, ERCY SOUZA, LUIZ THOMAZ SARMENTO E WANDERLON CRUZ
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



CHRISTIAN PERROTTA, NELLY BRITO, FELICIANO MARQUES, ANA PAULA SIQUEIRA, BRUNA CRUZ, ANDREZA BARROSO, LUIZA MONTEIRO, LUIZ THOMAZ SARMENTO, DAIANE GASPARETTO, ERCY SOUZA E WANDERLON CRUZ
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



ERCY SOUZA, DAIANE GASPARETTO, CHRISTIAN PERROTTA, LUIZA MONTEIRO, ANA PAULA SIQUEIRA, FELICIANO MARQUES,
BRUNA CRUZ, NELLY BRITO, ANDREZA BARROSO, LUIZ THOMAZ SARMENTO E WANDERLON CRUZ
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA



ANA PAULA SIQUEIRA, CHRISTIAN PERROTTA, LUIZA MONTEIRO, LUIZ THOMAZ SARMENTO E FELICIANO MARQUES
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POÉTICA DE PLURALIDADE

Franco Salluzio

Bailarino e coreógrafo

O *Reforma* é um daqueles espetáculos que reverbera na gente. Reverberou no Franco de 23 anos, que se encantou com a poética apresentada naquela estreia em 2010, desde as cores do palco em vermelho vibrante, figurinos assimétricos, panadas transparentes, trilha intensa e movimentação enérgica até o marcante depoimento da Diretora artística da Cia. Moderno de dança, Ana Flávia Mendes, que abre o espetáculo dizendo “a dificuldade, ela reside no fato de eu não conseguir resolver, porque tem milhões de coisas que têm que ser resolvidas ao mesmo tempo.”

Para mim que estava nos primeiros anos de caminhada como artista, aquilo ressoou com muita força, me levando a um estado de ainda mais atenção ao *Reforma*, espetáculo que ainda que apresente através da dança os desafios da própria Cia em estabelecer/descobrir sua própria poética tendo corpos com experiências tão diversas dentro dos processos, nos leva a fazer essa mesma reflexão sobre o diverso e o equilíbrio, mesmo que haja disparidade e a potência de construir através do plural, da voz coletiva em outros âmbitos.

Percebendo suas singularidades, mesmo que por vezes tenhamos que nos encaixar, fazer caber em focos de luz que surgem nas nossas jornadas, saltando nossa atenção a reforma no sentido de se readaptar, ocupar novos focos quando necessário e ali se fazer existir resiliente na sua capacidade de mudar e se adaptar na busca por um espaço.

Levar conosco as dores e prazeres da nossa caminhada, tudo impresso em nossos calçados e por vezes experimentar a caminhada do outro, tentar novas plataformas e meios para seguir em comunidade, deixando as pegadas de

outros nos guiarem também. A capacidade de solucionar, resolver ou mesmo apenas deixar o processo fluir a partir do que temos, acreditar nesse coletivo que é diverso, diferente, mas que se une em uma mesma causa, carregado de similaridades ainda que totalmente desiguais.

Hoje, 11 anos depois, aquele depoimento do início do espetáculo ressoa com uma potência ainda maior, afinal, como artista independente, no meio de uma pandemia, as dificuldades das quais Ana Flávia falava, tanto em dirigir cenicamente corpos diversos ou apenas se fazer existente nesse mundo, fazem ainda mais sentido para mim. Talvez esse ciclo de vida em que nos encontramos seja o momento em que mais precisamos encontrar soluções para as infinitas questões que se apresentam e seguir, mesmo não encontrando na maioria das vezes solução para nenhuma delas.

Andar de mãos dadas com o experimentar, o experienciar, o sentir; o meu, o do outro, dos outros, os nossos; aprender, ensinar, destruir, reconstruir, ressignificar.

O *Reforma* é desses espetáculos que fala do processo de uma Cia que, naquela época ainda jovem, abraçou e deu voz à tantas poéticas diversas, conectou tantos artistas diferentes, nos ensinou e deixou guardado em cada um a sensação de que é possível acessar a poesia quando se confronta suas inquietações.



ERCY SOUZA, DAIANE GASPARETTO, CHRISTIAN PERROTTA, LUIZA MONTEIRO, ANA PAULA SIQUEIRA, FELICIANO MARQUES, BRUNA CRUZ, NELLY BRITO, ANDREZA BARROSO, LUIZ THOMAZ SARMENTO E WANDERLON CRUZ
TEATRO MARGARIDA SCHIWAZAPPA, 2010 - FOTO: MANOEL PANTOJA

Quem não viu vai ver agora: o poeta e o samba na capital paraense, pesquisa artística desenvolvida junto à Companhia Moderna de Dança e ao Grupo de Dança Moderno em Cena para o Programa de Bolsa de Pesquisa, Experimentação e Criação Artística do Instituto de Artes do Pará (2010), descortina memórias do carnaval de Belém do Pará a partir da poesia de João de Jesus Paes Loureiro, contida nos sambas-enredo do Quem São Eles, agremiação carnavalesca situada no bairro do Umarizal, em Belém. Ao mergulhar nessa pesquisa, observou-se a existência de um poeta cuja obra transborda as palavras, sendo evidenciada, assim, em sua biografia, em suas ações cotidianas, políticas sociais e, em síntese, em sua própria existência. Desse modo, é a partir do encontro entre o poeta e o Quem São Eles que esse experimento artístico se constitui.

Serpentinas e Poesia, espetáculo resultante da pesquisa em pauta, traz à cena uma espécie de poesia carnavalizada. Os poemas/letras dos sambas são a motivação primeira para a criação, porém os aspectos rítmicos e melódicos também se fazem presentes, determinando, desse modo, a estética da encenação.

“É lindo reencontrar um grande amor!”. Assim, Paes Loureiro e o Quenzão se reencontram nessa experiência cênica que, entre Eneidas, maravilhas do Marajó e outros temas, desenha no espaço-tempo da dança a poesia de sambas genuinamente amazônicos.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Elenco: Aline Maués, Andreza Barroso, Arianne Pimentel, Bárbara Dias, Brenda Nunes, Bruna Cruz, Christian Perrotta, Daiane Gasparetto, Danielly Vasconcellos, Deborah Lago, Ercy Souza, Feliciano Marques, Iam Vasconcelos, Luiz Henrique Santana, Luiz Thomaz Sarmento, Luiza Braga, Luiza Monteiro, Nelly Brito, Rayssa Miranda, Suzana Luz e Wanderlon Cruz.

Figurinos e adereços: Cláudia Palheta.

Iluminação: Tarik Coelho.

Trilha sonora e composições musicais: Sambas do Quem São Eles – Paes Loureiro, Simão Jatene, Waldemar Henrique, José Serra, Edyr Proença; Músicas autorais do espetáculo – Bruna Cruz, Christian Perrotta, Daiane Gasparetto, Feliciano Marques, Júnior Cabralli, Nelly Brito/ Arranjos: Christian Perrotta, J.Pê Cavalcante, Júnior Cabralli

Intérpretes: Ana Flávia Mendes, Alberson Alves, Christian Perrotta, J.Pê Cavalcante, Júnior Cabralli e elenco.

Direção musical: Junior Cabralli.

Direção executiva e orientação: Gláucio Sapucahy.

Concepção, pesquisa e direção artística: Ana Flávia Mendes.

Argumento cênico: Ana Flávia Mendes/ Revisão: Miguel Santa Brígida.

Realização: Instituto de Artes do Pará (Programa de Bolsa de Pesquisa, Experimentação e Criação Artística) e Companhia Moderna de Dança.

Apoio: Colégio Moderno.

SERPENTINAS E POESIA | 2010



LUIZ HENRIQUE SANTANA, DEBORAH LAGO, FELICIANO MARQUES, SUZANA LUZ, RAYSSA MIRANDA,

ANDREZA BARROSO, ERCY SOUZA E DANIELLY VASCONCELLOS

CASA DAS ARTES, 2010 - FOTO: SAULO SISNANDO



ALINE MAUÉS, ANDREZA BARROSO, ARIANNE PIMENTEL, BÁRBARA DIAS, BRENDA NUNES, BRUNA CRUZ,
CHRISTIAN PERROTTA, DAIANE GASPARETTO, DANIELLY VASCONCELLOS, DEBORAH LAGO, ERCY SOUZA,
FELICIANO MARQUES, IAM VASCONCELOS, LUIZ HENRIQUE SANTANA, LUIZ THOMAZ SARMENTO,
LUIZA BRAGA, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, RAYSSA MIRANDA, SUZANA LUZ E WANDERLON CRUZ
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2014 - FOTO: MATHEUS LIMA



ALINE MAUÉS, BRUNA CRUZ, CHRISTIAN PERROTTA, ARIANNE PIMENTEL, NELLY BRITO, LUIZA MONTEIRO,
DANIELLY VASCONCELLOS, ANA FLÁVIA MENDES, FELICIANO MARQUES E ERCY SOUZA
TEATRO MARGARIDA SCHIVASAPPA, 2011 - FOTO: SECULT

POR RENATA ALENCAR

Analista de marketing

Não posso afirmar com tanta certeza, mas acredito que o primeiro espetáculo que me marcou foi o *Serpentinas e Poesia*, que também é um dos meus favoritos. Me recordo da apresentação dele no Teatro Cláudio Barradas, e me lembro de ter sido a primeira vez em que vi um espetáculo naquele sentido vertical. Tudo naquele momento fez com que eu me sentisse dentro do cenário: os figurinos, os intérpretes que me olhavam nos olhos... principalmente na hora em que todos cantavam uma canção, acho que fiquei repetindo a música de Eneida por uns dois meses após o espetáculo, e até hoje (uns 5 ou 6 anos depois), e ainda me pego em momentos sozinha em que fico cantarolando “Eneida sempre livre, Eneida sempre flor, Eneida sempre viva, Eneida sempre amor”. Apesar de ter assistido a diversos espetáculos da Companhia, o *Serpentinas* sempre terá um espaço reservado no coração. Lembro que em todas as vezes que fui assistir (e não foram poucas), eu sempre cantava baixinho junto, pois era a minha forma de me sentir no palco, de me sentir fazendo parte daquela história. Para mim, todas as vezes que assistia a um espetáculo da Companhia, era esse sentimento, de que mesmo do lado do espectador, eu também estava em cena, em uma imersão que me dava a sensação de que eu entrava como uma pessoa, e saía outra quando o espetáculo terminava.

POR SUZANA LUZ

Artista, pesquisadora e professora de dança

Tive a feliz oportunidade de conhecer a Companhia Moderno de Dança em 2006, quando tinha apenas 15 anos. Fiz parte da primeira turma do projeto social desenvolvido pela Companhia, intitulado à época de Bailarino-Coreógrafo, Aluno-Cidadão (atualmente conhecido como Projeto Aluno Bailarino Cidadão). Após isso, ingressei no grupo juvenil, Grupo de Dança Moderno em Cena e, em 2014, passei a integrar a referida Companhia. Devo confessar a dificuldade particular em elencar um momento ímpar, pois quem teve a oportunidade de conhecer esta FAMÍLIA, sabe que fazer parte dela não é estar, é SER. O que vivi durante minha permanência (em todas as dimensões do grupo), está perpetuado em mim. Mas hoje escolho o relato do processo de criação do espetáculo *Serpentinas e Poesia (2010)*. Este foi o primeiro espetáculo em que eu pude atuar com os bailarinos que antes eram meus professores. Lembro como se fosse hoje do nervosismo pré-ensaio, de vê-los tão entregues em cena e olhar ao redor e me sentir grata por estar ali. Em Companhia, obtive a minha formação sobre a construção da cena nos mais amplos aspectos. Desde o esboço do roteiro até o suor do palco, não havia nada em que não estivéssemos 100% entregues e envolvidos. Por fim, *Serpentinas e Poesia* foi um marco por ter me aproximado ainda mais de intérpretes que eu tanto admirava. Ter aprendido tanto com os professores, com quem posteriormente passei a dividir a cena, me fez crescer em maturidade, responsabilidade e senso de coletividade. Noções que eu carregarei para sempre comigo aonde eu for.



ARIANNE PIMENTEL, ALINE MAUÉS, LUIZ THOMAZ SARMENTO, BRUNA CRUZ, CHRISTIAN PERROTTA, ERCY SOUZA, NELLY BRITO, FELICIANO MARQUES, WANDERLON CRUZ, DANIELLY VASCONCELLOS E LUIZA MONTEIRO

TEATRO MARGARIDA SCHIVASAPPA, 2011 - FOTO: SECULT



LUIZA MONTEIRO, LUIZA BRAGA, DAIANE GASPARETTO, BRUNA CRUZ, DEBORAH LAGO, ERCY SOUZA E FELICIANO MARQUES

TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2014 - FOTO: MATHEUS LIMA



ARIANNE PIMENTEL, BÁRBARA DIAS E ERCY SOUZA
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2014 - FOTO: GUY VELOSO



BÁRBARA DIAS E FELICIANO MARQUES
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2014 - FOTO: GUY VELOSO



ALINE MAUÉS, ANDREZA BARROSO, ARIANNE PIMENTEL, BÁRBARA DIAS, BRENDA NUNES, BRUNA CRUZ,
CHRISTIAN PERROTTA, DAIANE GASPARETTO, DANIELLY VASCONCELLOS, DEBORAH LAGO, ERCY SOUZA,
FELICIANO MARQUES, IAM VASCONCELOS, LUIZ HENRIQUE SANTANA, LUIZ THOMAZ SARMENTO,
LUIZA BRAGA, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, RAYSSA MIRANDA, SUZANA LUZ E WANDERLON CRUZ.

TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2014 - FOTO: MATHEUS LIMA



ALINE MAUÉS, ANDREZA BARROSO, ARIANNE PIMENTEL, BÁRBARA DIAS, BRENDA NUNES, BRUNA CRUZ
CHRISTIAN PERROTTA, DAIANE GASPARETTO, DANIELLY VASCONCELLOS, DEBORAH LAGO, ERCY SOUZA,
FELICIANO MARQUES, IAM VASCONCELOS, LUIZ HENRIQUE SANTANA, LUIZ THOMAZ SARMENTO,
LUIZA BRAGA, LUIZA MONTEIRO, NELLY BRITO, RAYSSA MIRANDA, SUZANA LUZ E WANDERLON CRUZ.

TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2014 - FOTO: MATHEUS LIMA



LUIZA BRAGA, SUZANA LUZ E NELLY BRITO
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2014 - FOTO: MATHEUS LIMA



NELLY BRITO, LUIZ THOMAZ SARMENTO, ALINE MAUÉS, FELICIANO MARQUES, WANDERLON CRUZ,
ANA FLÁVIA MENDES, CHRISTIAN PERROTTA, ERCY SOUZA, DAIANE GASPARETTO, ARIANNE PIMENTEL,
BRUNA CRUZ, DANIELLY VASCONCELLOS E LUIZA MONTEIRO
TEATRO MARGARIDA SCHIVASAPPA, 2011 - FOTO: SECULT

RECORTEI COM A LUA NOVA SERPENTINAS E POESIA...

Francisco Moreira (Beto Benone)

Doutor em História da Arte, professor da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, ator, diretor teatral e figurinista

É uma felicidade, uma emoção, falar do espetáculo *Serpentinas e Poesia* da Companhia Moderno de Dança. Me sinto lisonjeado, honrado, e espero que tais linhas que se seguem de alguma forma possam contribuir neste sujeito de pesquisa em realização.

Pois bem, o espetáculo se apresenta como uma grande celebração de corpos, em homenagem a uma das maiores e mais importantes escolas de samba da cidade Belém, o Império de Samba Quem São Eles.

Ele é um encontro de corpos móveis, sonoros, rítmicos, que desfilam por um rio/palco com tanta propriedade de seus fazeres artísticos que mundiam os olhares atentos de seus espectadores. Em seus conjuntos de composições em movência, provenientes de um vasto período de estudo, *Serpentinas e Poesia* proporciona ao fazedor a consciência de cada movimento realizado sob a luz e som, e a quem o assiste, o desejo de participação ativa junto ao corpo coletivo do espetáculo.

Nesse coletivo, corpo único, corpo vivo, vemos crianças, mulheres, homens transformados pela emoção, doados pelo toque de peles e pela música que os conduz durante sua passagem. E essa condução corpórea coletiva apresenta alegrias, emoções, sentimentos de amor, respeito e comunhão com a festa do povo.

Todas essas sensações geradas e partilhadas aos corpos presentes em cena e na cena enquanto espaço público ocorrem a partir dos intérpretes e de suas pesquisas, o que os leva à criação de suas partituras individuais e coletivas. Temos a iluminação que cria uma atmosfera de ações, tempo e espaço, realizada pelo pesquisador Tarik Coelho.

O figurino é concebido pela pesquisadora carnavalesca Cláudia Palheta, que se apresenta todo em tom pastel, todos diferentes entre si mas, ao mesmo tempo, todos iguais, tendo como fio condutor nessa unificação a aplicação de rendas, nos remetendo a um tempo de outrora, nostálgico, o que provoca neste espectador um saudosismo e alento da não vivência desse momento passado. Também contamos com a sonorização criada por Júnior Cabralli, apresentada através de composições únicas e de sambas de enredo que se eternizaram na história de nosso carnaval, bem como as vozes produzidas pelos corpos em movência cênica.

Esta sonoridade e visualidade que o espetáculo proporciona conduzem este espectador - e acredito que aos demais, a partir de minha observação -, a outros tempos/espacos vividos ou não por nós, que nos deixa a pele sensível ao toque, ao olhar, ao sorriso, emanados dos corpos que banham este espaço cênico ao qual chamo de rio/palco.

Em seu ato final, o rio/palco vira a passarela do samba. O espetáculo se transforma em desfile carnavalesco, apresentando sua comissão de frente, porta-estandarte, assistas, casal de mestre-sala e porta-bandeira e baianas, todos devidamente caracterizados, cada um com a sua função de quesito, desfilando em deslumbre aos olhos do espectador. É para mim um grande momento celebrativo, que em sua simbologia representa todo um processo criativo realizado pela escola de samba, e que em seu ato final, se apresenta para a cidade.

A escola segue em seu desfile a passos ritmados, comum a um desfile carnavalesco na cidade, saudando, agradecendo a presença e aplausos de todos. Para este que vos descreve em poucas linhas a presença do espetáculo, que tem seus olhos mareados e já totalmente embriagado pelo samba em seu ato final, na dispersão agradece e celebra a festa Carnaval.

Ao comemorar dez anos de atividades artísticas, a Companhia Moderna de Dança propõe dinamizar seu processo criativo presenteando a si mesma e ao seu público com a criação, encenação e circulação de um novo espetáculo, utilizando como ponto de partida o poema "Para ler como quem anda nas ruas", de autoria de João de Jesus Paes Loureiro, que em seus versos cruza espaços e tempos de Belém e desvela, a partir de múltiplas referências históricas e literárias, uma cidade encantada na linguagem.

Poesia e movimento entrelaçam-se na criação cênica, ressignificando e atualizando a memória da cidade. Neste entrelaçamento, a Companhia escava calçadas de pedras e mergulha em busca das encantarias de sua Belém do Pará, encobertas ora pelo andamento caótico da cidade, ora pelo discurso de seus moradores, que se limitam a enxergar apenas o que lhes é dado visivelmente.

A leitura coreográfica implementada sobre o poema constrói na cena um lugar existente entre a realidade e a imaginação dos criadores do espetáculo, que concebem uma cidade invisível aos olhos, porém vislumbrada em sensações e devires. A cidade é o próprio corpo que dança: lânguido, sôfrego, benevolente, alegre, atroz... humano. É a cidade-corpo, posta à prova, testada em seus limites, entre a fé e a penitência, a morte e a ressurreição, o amor e a dor. Como Orfeu, que segue Caronte até os confins do Nunca Mais em busca de sua Eurídice, a Companhia Moderna de Dança procura, pelos caminhos apontados no poema de Paes Loureiro, aproximar-se das entranhas de sua cidade natal e, a partir das sutilezas presentes na banalidade cotidiana, vagar entre passado, presente e futuro do lugar, bailando como um ser errante que se deixa levar por ruídos submersos nos rios e ruas de Belém, sua *Lírica Morada*.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Direção executiva: Gláucio Sapucahy.

Direção artística: Ana Flávia Mendes.

Direção artística adjunta: Luiza Monteiro.

Dramaturgia: Saulo Sisnando.

Poema: João de Jesus Paes Loureiro.

Concepção e pesquisa: Companhia Moderna de Dança.

Argumento cênico: Ana Flávia Mendes.

Roteiro: Ana Flávia Mendes, Ercy Souza, Feliciano Marques, Luiza Monteiro e Saulo Sisnando.

Elenco: Aline Maués, Andreza Barroso, Bruna Cruz, Christian Perrotta, Daiane Gasparetto, Danielly Vasconcellos, Deborah Lago, Ercy Souza, Feliciano Marques, Luiz Henrique Santana, Luiz Thomaz Sarmiento, Luiza Monteiro, Nelly Brito e Wanderlon Cruz.

Trilha sonora original e direção musical: Christian Perrotta.

Músicos: Elíoenai Seabra, Hans Magno, José Pedro Martins, Kaio Matos e Thiago André.

Cenografia: Sônia Lopes, Tarik Coelho e Wanderlon Cruz.

Iluminação: Sônia Lopes e Tarik Coelho.

Figurino: Cláudia Palheta.

Programação visual: Suicidal Rapeize.

Assessoria de imprensa: +3 Comunicação – Daniela Damaso e Edson Coelho.

Apoio: Grupo de Dança Moderno em Cena – Ana Carolina Santana, Arianne Pimentel, Bárbara Dias, Gabrielle Galvão, Iam Vasconcelos, Ivan Picanço, Letícia Barros, Luiza Braga, Rayssa Miranda, Suzana Luz, Tais Morena e Walther Brito.

LÍRICA MORADA | 2012



LUIZA MONTEIRO, LUIZ THOMAZ SARMENTO E ALINE MAUÉS

THEATRO DA PAZ, 2012 - FOTO: FERNANDO SETTE



DAIANE GASPARETTO, LUIZA MONTEIRO, WANDERLON CRUZ E BRUNA CRUZ
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2013 - FOTO: DANIELLE CASCAES



LUIZA MONTEIRO, DEBORAH LAGO, BRUNA CRUZ, WANDERLON CRUZ, ALINE MAUÉS, ERCY SOUZA,
LUIZ THOMAZ SARMENTO, DAIANE GASPARETTO, NELLY BRITO, DANIELLY VASCONCELLOS, FELICIANO MARQUES,
CHRISTIAN PERROTTA, ANDREZA BARROSO, LUIZ HENRIQUE SANTANA E JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

THEATRO DA PAZ, 2012 - FOTO: MANOEL PANTOJA

POR MAYRLA ANDRADE

Artista, professora, pesquisadora em dança e fundadora da Ribalta Companhia de Dança

Meu encontro com o *Lírica Morada* foi de uma ATMOSFERA ESPIRITUAL. Sempre acompanhei de perto a trajetória dos irmãos/artistas da Cia Moderno, já assisti a todos os espetáculos, mas naquele dia, no Theatro da paz, eu SENTI minha dança sendo habitada por eles. Cada composição de movimentos próprios provocava em mim a SENSACÃO DE PERTENCIMENTO daquele lugar, da DANÇA ENCANTADA de uma cidade invisível/visível que foi levantada naquele palco. As moradas despertadas passeavam em nossas temporalidades, sentia ali que entrava junto com os intérpretes em um estado onírico, mas com peso firme de que tem a força dos sentidos de uma DANÇA PESSOAL. Lembro imediatamente da dramaturgia coreográfica que realmente era de uma qualidade dinâmica impecável e de uma fluidez e leveza arrebatadora. *Lírica morada* trouxe um MAPEAMENTO SENSIVELMENTE sinestésico: o sino, o barco, as sonoridades vindas das águas, a pele tatuada pela força e ternura dos nossos azulejos históricos, a iluminação que nos levava a travessias e a singular trilha sonora que arrebatava CAMADAS DE MEMÓRIAS e esquecimentos. Cada desvelar de cena ficava MUNDIADA, especialmente nas palavras de Paes Loureiro que penetravam nos movimentos e alcançavam aderência em nossos laços sociais, permeando nossos itinerários na função de habitar dançando nossa cidade/corpo. Habitar e HABITANTE CRIADORES se encontram e constroem mundos com a dança, com os outros. Que bom que encontrei vocês!

POR ALINE MAUÉS

Psicóloga, pesquisadora e atuou por mais de 10 anos na cena da dança contemporânea paraense

O *Lírica Morada* foi o primeiro espetáculo do qual participei como intérprete-criadora da Cia Moderno de Dança, em 2012. A partir desse processo criativo embarcamos em uma aventura poética nas memórias da cidade de Belém do Pará, conforme descritas no poema *Para Ler Como Quem Anda nas Ruas*, do nosso querido poeta Paes Loureiro. Enquanto criávamos, pudemos vislumbrar o que havia sob a pele de Belém, de sua arquitetura e de seus habitantes. Vivenciamos o sensível e o invisível que compõem a cidade e a sua história, assim como a história de cada corpo paraense que se fez presente em cena. Os azulejos portugueses, tão característicos das construções belenenses, habitaram a própria pele dos intérpretes-criadores, compondo nosso figurino e nossa performance. Sinto que demos vida à cidade transfigurada em nossos corpos, em sentimentos, em música e em movimento. Entreguei minha imagem, minha história e toda a trajetória artística que me atravessou enquanto mulher para celebrar a amada Belém que existe em cada um de nós e comemorar os 10 anos da Cia Moderno de Dança naquela ocasião... Companhia que acompanhou meu crescimento – formei-me artista nessa casa – e auxiliou-me a moldar meu caráter, minhas ideias e meu coração. O *Lírica Morada* foi a apoteose de minha vida artística! Esse espetáculo também marcou um importante momento da Cia Moderno, já que se viajou para apresentá-lo em diversas cidades e municípios do Pará e do restante do Brasil, divulgando a arte e a cultura paraense em outras proporções. Sou muito grata por ter feito parte desse processo com pessoas tão geniais, inspiradoras e amorosas!



LUIZ THOMAZ SARMENTO, ALINE MAUÉS, DANIELLY VASCONCELLOS, ANDREZA BARROSO, NELLY BRITO,

DEBORAH LAGO, BRUNA CRUZ, LUIZA MONTEIRO E LUIZ HENRIQUE SANTANA

THEATRO DA PAZ, 2012 - FOTO: LUIZ BRAGA

POR JARDEL AUGUSTO LEMOS

Coreógrafo do carnaval carioca, pesquisador e professor de dança

Minha história com a CMD começa em 2009. Ao longo da trajetória artística deste coletivo pude acompanhar vários espetáculos. Porém, meu relato-depoimento se destinará a recordar momentos apreciados no espetáculo comemorativo de 10 anos da CMD, denominado *Lírica Morada*, que estreou nos dias 19, 20 e 21 do mês de abril do ano de 2012 no Theatro da Paz e que também teve passagem, entre outros felizes lugares, no Teatro Municipal Angel Vianna no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro.

O ponto de partida para o espetáculo foi o poema *Para ler como quem anda nas ruas*, de autoria de João de Jesus Paes Loureiro (PA). O espetáculo metonímico enaltece a história da cidade de Belém e os corpos que ali dançaram. O próprio espetáculo produziu seus poemas exprimindo pensamentos, desejos, tempos, memórias, cheiros, aromas, sentimentos e encantarias que talvez as palavras sozinhas jamais pudessem alcançar. Os movimentos ali vistos alimentaram nossa alma e daqueles que por algum motivo se limitaram naquele momento a enxergar a cidade de Belém apenas visivelmente, esquecendo a força que as camadas possuem.

Os corpos múltiplos e diversos em sua composição (valor da CMD que nos contamina) e as luzes nas tonalidades azul e lilás se encontram com fulgor com o cenário mostarda fosco, com o figurino esvoaçante, com a música intensa e estuante e até a força e brutalidade das pedras portuguesas. O espetáculo expressa como um todo e produz em nós sentimentos de vida, de paz, história, fé, penitência, dor, morte, ressurreição e, principalmente, de amor. Afinal, tudo o que essa Companhia fez e faz possui esse sentimento afetivo que torna a história e a importância desse grupo não só na história da dança paraense, mas como para a história da dança da região norte e de todo o Brasil. Uma receita que deve ser seguida. Trabalho, entrega e amor.

Parabéns Companhia Moderno de Dança. *Uma vida de dança em Companhia.*

POR ANDREZA BARROSO DA SILVA

Artista da dança e da cultura popular, professora, pesquisadora,
bailarina intérprete-criadora e educadora capoeirista

Os azulejos portugueses nas paredes da cidade são espelhos que refletem historicidade e a cotidianidade das histórias, das memórias, dos costumes que atravessam ou param nas esquinas, nas conversas, nas chuvas nos fins de tarde. O lirismo da poesia, a poesia do corpo: a morada em mim... Expressão das dores, dos amores, da fé, da alegria, das pedras de lioz calcadas nos caminhos da cidade, transfiguradas em desenhos, atritos, lascas... Das pedras portuguesas que chovem no palco aludindo às mortes do nosso ser: ser que vive, vivente, crente na arte de ressurgir em si! Em mim, *Lírica Morada* marcou um momento de muita dor, uma penitência! Onde a dança se fazia em reza, o meu choro, a minha prece, o meu desespero, se confundiam com a alegria de estar-viver ali. Um dilema, vários problemas, o amor à dança, meus amores ali! A cada aparição na cena, um ecoar da voz de meu filho chamando "Mãe?! Mamãe?!" repetidas vezes, no sagrado espaço do Theatro da Paz, que me impulsionava à alegria, ao mesmo tempo que despertava a agonia sob o olhar de meu amado. Momento único: meu pai, minha mãe, minha família! Contemplando a cidade-corpo-vida no universo desta Companhia. As lágrimas sob minha face, o retorno à alegria, vida e morte lado a lado como se fossem "Para Ler como Quem Anda nas Ruas", no dia a dia, os rios de meu ser jorrando, as pedras da agonia, as saias varrendo o chão e a certeza que se seguia: o quão é bom viver-amar-dançar-estar em Companhia. Há muita coisa a se dizer, de todos e de cada um ser/obra que se vivencia! A alma dimensionada se veste e reveste de sensações, emoções, memórias, coreografias... O ser dança, a alma clama, a nossa identidade se afirma. Ser Companhia Moderno de Dança é ser uma lírica morada na arte da vida.



LUIZA MONTEIRO, SUZANA LUZ E DEBORAH LAGO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2014 - FOTO: GUY VELOSO



ARIANNE PIMENTEL, SUZANA LUZ, FELICIANO MARQUES,
LETÍCIA BARROS, IAM VASCONCELOS, DEBORAH LAGO E LUIZA MONTEIRO
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2014 FOTO_ GUY VELOSO

POR CHRISTIAN PERROTTA

Artista e professor

O *Lírica Morada* foi minha grande transição entre bailarino e músico. Neste espetáculo, fui ousadíssimo em ser os dois, dançando e compondo (e às vezes ensaiando e regendo os músicos também). Depois desse espetáculo, assumi que o lado da música dominaria meu fazer artístico por completo, deixando a função de bailarino apenas na latência do corpo e na poeira das memórias. Senti esse espetáculo muito intensamente, o tempo todo, principalmente porque a responsabilidade da trilha sonora inteira foi minha. Sequer havia planos reservas (até onde eu saiba). E eu ainda precisava mostrar músicas que estivessem à altura de outras, usadas para ensaio temporariamente. Foi desafiador, mas dignificante. Curiosamente, no momento em que eu estava no palco, não pensava em nada do tipo “Ah, essa música é minha, eu que fiz”. Nada parecido com isso sequer me passava pela minha cabeça. Na verdade, eu só tomava consciência de que a trilha era de minha autoria quando estava compondo partes dela, ou quando algo relativo a isso surgia, como demandas, elogios, burocracias, ensaios com músicos, gravação de áudios etc. Essa composição também me ajudou a amadurecer a ideia de que sou compositor, e de que tenho a capacidade de tomar um espetáculo inteiro para fazer. Quase um rito de passagem.

POR ANA PAULA COLINO

Terapeuta ocupacional e amante das artes

Um espetáculo sensacional em toda a sua montagem, iluminação, fotografia e trilha sonora, que mais uma vez faz a plateia ter experiências sensoriais. Ao assistir no Teatro da Paz a um espetáculo que fala sobre a nossa linda e bela Belém, tive uma sensação indescritível. Lembro de no final estar chorando por ele ter me tocado tanto e ter tido um sentimento de pertencimento. Uma das minhas cenas favoritas é a das pedras que vão sendo lançadas ao palco gradativamente, o que nos faz remeter ao barulho da chuva que é tão característica da nossa cidade. O espetáculo é poesia, e a poesia é o espetáculo.



ANDREZA BARROSO, FELICIANO MARQUES, ERCY SOUZA E WANDERLON CRUZ

TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2014 - FOTO: GUY VELOSO

POR BRUNA CRUZ

Artista da cena, musicista e psicóloga

O *Lírica Morada* foi o último processo de espetáculo com o qual me envolvi na Companhia. Ele ficou marcado como um dos mais carregados de trabalho teatral, assim como os *saltimbancos*, que vivi com o grupo coreográfico do colégio, antes de entrar na Companhia. Também foi nele que vivi de forma mais inaugural a criação do movimento como processo de simbolizar narrativas mitológicas. As cenas eram extremamente recheadas simbolicamente, assim como emocionalmente densas e corporalmente exigentes. Ainda assim, elas não eram sempre eufóricas ou intensas. Acontece que as oscilações do humor de cada nuance do espetáculo pediam da gente certa elasticidade expressiva, de todos os poros. Algumas vezes era difícil dar conta dessa camada dramática com a mesma entrega a cada sessão de apresentação. Algumas vezes foi frustrante reparar uma certa monotonia emocional logo após alguns excessos cometidos em momentos que precediam certos dias de ensaio ou apresentação. Quase uma ressaca. Ainda assim, o *Lírica Morada* ocupa na minha memória um lugar de importância solene. Nele vivi desde catarses descontroladas até ginásticas teatrais. Joguei pedras com vontade, berrei sem pudor e caminhei lentamente com suave semblante, vivendo por dentro um turbilhão sentimental e simbólico. E, pela primeira vez, dancei sob um quarteto de cordas no Teatro da Paz.

POR LUIZ BRAGA

Fotógrafo

Desde o início da minha carreira me encanto com a dança. Costumava fotografar os espetáculos e os bastidores, e de certa forma vejo muita coreografia nas cenas do cotidiano ribeirinho que fotografo. Portanto, ter a oportunidade de acompanhar a construção de *Lírica Morada* por si só já seria um deleite, já que o espetáculo se pautava na poesia do meu amigo e mestre João de Jesus Paes Loureiro. Nossa terra precisa disso, de colaborações artísticas baseadas na nossa cultura e nos nossos talentos. Ter participado desse momento ímpar foi enriquecedor, e guardo essa convivência com muito afeto. Parabéns pela dedicação e talento! Viva a dança!



LUIZA MONTEIRO, DEBORAH LAGO, BRUNA CRUZ, WANDERLON CRUZ, ALINE MAUÉS, ERCY SOUZA,
LUIZ THOMAZ SARMENTO, DAIANE GASPARETTO, ANDREZA BARROSO, NELLY BRITO, CHRISTIAN PERROTTA,
DANIELLY VASCONCELLOS, FELICIANO MARQUES E LUIZ HENRIQUE SANTANA

THEATRO DA PAZ, 2012 - FOTO: FERNANDO SETTE



FELICIANO MARQUES E LUIZA MONTEIRO
THEATRO DA PAZ, 2012 – FOTO: LUIZ BRAGA

POR DANIELLE CASCAES

Fotógrafa cênica, bailarina e professora de arte

Quando se mora e também é morada

Que a palavra que vela o ser desvele
a cidade encantada na linguagem,
seu lugar de morar e ser morada.

Lembro-me bem do dia da estreia do *Lírica*, no Teatro da Paz. Fui ao teatro acompanhada da minha irmã mais velha, Márcia, e nos sentamos no mezanino. Não sabia muito bem o que esperar daquele espetáculo, mas sabia que eu iria amar. Não sei como, mas sabia. Acho que o motivo está relacionado com o fato do elenco da Companhia Moderno de Dança naquele momento ter sido, em minha opinião, um dos mais fantásticos desses dezoito anos de estrada. Eu tinha muito carinho e admiração por cada um dos integrantes daquele elenco, e vê-los juntos no palco despertava em mim sentimentos inspiradores.

O espetáculo começou. Do local onde eu estava, conseguia ver uma figura sombreada lendo um poema ao vivo. Aquela foi a primeira das muitas vezes que vi João de Jesus Paes Loureiro, e lembro de ficar impressionada pela solenidade de sua voz e por suas palavras. Eu era surpreendida a cada nova cena. Nunca vou esquecer a sensação de angústia que os intérpretes conseguiram instaurar na plateia, para depois quebrar a atmosfera com gargalhadas estridentes. Eu ri junto. Ri de alívio. Achei incrível a maestria com que o elenco conduzia as cenas, prendendo a plateia do início ao final.

E que final! As cenas finais do *Lírica Morada* me arrancaram lágrimas todas as vezes que eu assisti. Os duos, as saias, os cabelos bagunçados, as pedras, o abraço... só de lembrar, fico sem fôlego. Eu saí do Teatro da Paz com vontade

de assistir ao espetáculo de novo. E eu assim o fiz. Assisti de novo, de novo e de novo. Muitas vezes. Mais de dez. Talvez vinte. Foi o primeiro espetáculo que fotografei na vida. É o meu espetáculo favorito da Companhia Moderno e Dança e um dos meus favoritos de todos os que eu já vi, e que eu falo para todo mundo. O *Lírica Morada* mora em mim. Fez morada permanente. E ao caminhar pela cidade onde moro, lembro-me de suas cenas. Caminhando na morada e lembrando da *morada*, sendo morada. É paradoxo. É força poética. É amor pelo nosso trabalho e por tudo o que construímos juntos.

É Soledade de alamedas lívidas,
onde o arcano sem nome, arcaz do nada,
vaga no ofício de apagar os nomes,
enquanto Orfeu retoma à caminhada
de amor amor e amor pela cidade amada

POR DEBORAH LAGO

Artista, professora de dança e project manager

Há um tempo indescrito no palco.

Azul e raro, o tempo.

Às vezes era difícil descrever o que acontecia.

Era fumaça, vultos ou lágrimas?

Não sei. Só sei que foi assim.

Por entre as nesgas de luz encontrava lirismos e caminhos, tanto em dias de criação, quanto em dias de partilha.

A cada passo de lioz, encontrava novos sentimentos de pertença. De melancolia. De presença.

Usávamos mitos como inspiração para a narrativa, mas era nas minhas próprias lembranças que me encontrava.

Enxergava-as por entre as transparências das minhas lágrimas.

Eu morava nessa obra. E era na morada, real e poética, que eu dançava.

Em cada calo causado pelas pedras,
em cada baque causado pelas quedas,
em cada suor partilhado,
em cada prece falada,
em cada arrepio,
em cada toque,
em cada lírica,
eu morava.

POR LUIZ THOMAZ SARMENTO

Artista, pesquisador e professor de dança

A última dança

“Pedras de lioz, passos, caminhos”. Assim começa a última obra que dancei na companhia, *Lírica Morada*. A partir de poemas de João de Jesus Paes Loureiro, desenvolvemos um processo que nos levou a (re)desenhar o nosso mapa pessoal na cidade de Belém, nossa morada natal. Poema e dança caminhavam pela cidade explorando e revelando histórias. Fomos guiados por Jesus, mas também por nós mesmos, em nossas memórias impregnadas de ruas, prédios, canais e pessoas. Cidade velha e cidade nova, casas de família, ruas mal faladas, pessoas mal ditas; quantos personagens cabem numa cidade e quantos personagens cabem em nós? Para mim, essa foi a obra mais dança-teatro da CMD. A construção dramática da obra alinhava o tempo inteiro texto, corpo, voz, visualidade e nossas histórias de vida misturadas com as histórias da cidade, colocando-nos como protagonistas de nós mesmos. Isso fez dele um processo muito difícil e doloroso, pelo menos para mim. Remexer minhas vísceras naquele momento da vida não era – e talvez não continue sendo – agradável. Na Companhia sempre tivemos uma relação muito íntima e por mais que todos soubessem de quase tudo da vida uns dos outros, havia sempre aquele “quartinho da bagunça” que cada um deixava trancado e com as luzes apagadas dentro de si. De vez em quando a porta destrancava e era possível adentrar nesse espaço escondido. Alguns processos de criação ajudavam a abrir essas portas. Outras vezes, eram as próprias relações interpessoais fora da sala de ensaio que as escancaravam. Mais intenso era quando a luz do quartinho acendia sozinha. O *Lírica Morada* escancarou portas e acendeu luzes em mim. Me obrigou a mapear minha cidade interior como um drone que consegue acessar becos, lajes e vielas de difícil acesso. Minha última dança em companhia me revelou pedras, passos e caminhos com os quais sigo (re)aprendendo a dançar até hoje.



NELLY BRITO
THEATRO DA PAZ, 2012 - FOTO: MANOEL PANTOJA



DEBORAH LAGO, LUIZ HENRIQUE SANTANA, CHRISTIAN PERROTTA, LUIZA MONTEIRO, WANDERLON CRUZ, ARIANNE PIMENTEL, ALINE MAUÉS, LUIZ THOMAZ SARMENTO, IAM VASCONCELOS, FELICIANO MARQUES, ERCY SOUZA, ANDREZA BARROSO E BRUNA CRUZ
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2013 FOTO: DANIELLE CASCAES

QUEM SOMOS NÓS AGORA?

Saulo Sisnando

Escritor e diretor teatral

Não, não há retornos!

Se tempo é um círculo, tudo ainda está eternamente ali, preso em reminiscências etéreas. Se não existe início ou fim, para que voltarmos se todos os espetáculos já feitos ainda ocorrem, noite após noite, nalgum lugar onde ninguém sabe mais?

O que foi, é!

A imutabilidade do passado é uma *Lírica Morada* capaz de libertar e trazer coragem para enfrentar novos horizontes...

Mergulhar em buracos negros...

Viajar viagens sem retorno em submarinos velozes a cruzarem oceanos desconhecidos em busca de novos povos e jovens amores.

Pois nada feito a partir de agora, mudará o já habitado na recordação.

Hoje, portanto, descobro que mil portas não se abrem para outras mil, se não aceitarmos o adeus de Eurídice. Pois tudo, um dia, morre.

Quem seria capaz de imaginar, naquela época, o fim de uma união indissolúvel? A perda de uma sede? Um centenário colégio nem existindo mais?

Tudo que era estático e incabível... se submeteu à ousadia do tempo.

E as pessoas, aprisionadas na lembrança estática do passado, se moveram... e viveram!

Um não se casou com a outra. O outro, por outro lado, se casou com a outra e já foram até para o Canadá. E aquele foi pra Bahia, e outro também foi. E a gente até se fala de vez em quando. Quem diria?

Alguns tiveram filhos, muitos viraram psicólogos e nem dançam mais, e a maioria eu nunca mais tive notícias. Para quê?

Não importa há quanto tempo as mangueiras de Belém estão no mesmo lugar, nem há quantos anos as pedras de lioz foram afixadas às calçadas da cidade encantada na memória, pois só os objetos permanecem parados ao sabor de nossa vontade.

As gentes... caminham... e caminham...

E, por favor, caminhem!

Cruzem portas... e abandonem pretéritos, pois o mundo é grande demais para nos aprisionarmos em uma fotografia.

Se distanciem de uma forma a nem importarem mais. Porque o que foi, sempre será. E o amor vive ainda.

Haverá novas entradas e novas Eurídictes.

A jornada ao tártaro, perceberemos, não é feita apenas uma vez na vida, mas em todos os momentos nos quais decidimos amar... ou abandonar.

A samaumeira, se acalmem, continuará cantando ao pôr do sol.

E Carlos Gomes sempre regerá esse Guarani de tempos enclausurados.

Porque estaremos lá, presos, mas esse "Orféu-Nós" continuará a sua caminhada em frente e, embora perdido, não voltará aos tempos-aqueles habitados pelo nunca-mais.

Pois os tempos passados doem e, como cicatrizes, habitam a *Lírica Morada* de nosso corpo.

Que o novo chegue agora para os que aceitem viver o adeus!

Boa sorte a todos. A contagem regressiva já começou há muito tempo e a nave já vai decolar. Até um dia, amigos, quando nos encontrarmos na plateia do desconhecido, nalgum lugar do cosmos, assistindo ao mesmo espetáculo já vivido, mas totalmente diferentes.

Tomara!

E adeus

Desde o primeiro sopro de vida o ser humano não é um, mas dois (gametas) que se unem formando um (zigoto) que se divide e forma milhões dentro de um só corpo que é todo um coletivo. Um múltiplo: o corpo. É dessa noção multiplicada do eu que se vale a Dança Imanente, expressão artística nascida na Companhia Moderna de Dança, que se filia à ideia de que o eu é sempre um múltiplo. Tal noção, aplicada à prática cênica do grupo, configura-se como saber-fazer que parte dos princípios de unidade e coletividade como motrizes de um pensamento-ação em dança. Em seu percurso artístico de pesquisa e criação cênica, a Companhia Moderna de Dança vem alargando a Dança Imanente por meio do contato com saberes oriundos de diferentes naturezas. Destaca-se aqui o encontro com a filosofia Ubuntu, originária dos povos Bantu, da África, que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Ubuntu: sou o que sou pelo que nós somos! Esse pensamento é a motivação para a criação de *UM*, espetáculo cujo processo artístico manuseia práticas corporais de matriz africana e afro-brasileira por intermédio dos procedimentos coreográficos da Dança Imanente. A pesquisa cênica de *UM* busca abstrair elementos da capoeira, do samba, das danças afro-baianas e da música africana, incorporando ao pensar-fazer da Dança Imanente valores que reiteram e fortalecem os ideais humanísticos preconizados na/ pela Companhia Moderna de Dança.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Direção executiva: Gláucio Sapucahy.

Direção artística: Ana Flávia Mendes.

Direção artística adjunta: Luiza Monteiro.

Dramaturgia: Saulo Sisnando

Fotografia: Guy Veloso

Direção Musical: Christian Perrotta e JP Cavalcante

Iluminação: Tarik Coelho

Apoio técnico: Grupo de Dança Moderno em Cena – Ana Luiza Lelis, Ana Paula Colino, Camila Costa, Larissa Chaves, Leonardo Pamplona, Lucas Augusto, Lucas Costa, Luiza Braga, Paola Pinheiro, Paula Barroso, Victor Azevedo, Tais Morena e Yago Gecy.

Elenco: Andreza Barroso, Arianne Pimentel, Danielly Vasconcellos, Deborah Lago, Feliciano Marques, Juan Silva, Letícia Barros, Luiza Monteiro, Suzana Luz, Wanderlon Cruz.

UM | 2014



JUAN SILVA, LUIZA MONTEIRO, SUZANA LUZ E ARIANNE PIMENTEL

COLÉGIO MODERNO, 2014 - FOTO: GUY VELOSO



ANDREZA BARROSO, ARIANNE PIMENTEL, DANIELLY VASCONCELLOS, DEBORAH LAGO, FELICIANO MARQUES,
JUAN SILVA, LETÍCIA BARROS, LUIZA MONTEIRO, SUZANA LUZ E WANDERLON CRUZ
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2015- FOTO: GUY VELOSO

POR ANDREZA BARROSO DA SILVA

*Artista da dança e da cultura popular, professora, pesquisadora,
bailarina intérprete-criadora e educadora capoeirista*

Mais um mergulho! Agora o mergulho é na terra. Um feliz encontro com a nossa ancestralidade de matriz africana. As batidas do tambor invadem o nosso ser e projetam entidades que demarcam o território que habitamos no corpo e para além dele. Encontramos, então, a multiplicidade na unidade, o Um de todos nós, e todos em *UM*. Terra, água, ar e fogo circundam a nossa poética! O suor se mistura ao barro e a poeira invade nossos poros... Nos refaz! O encontro em tantos laboratórios possibilitou que a capoeira emanasse com a sua força, garra, coragem, sagacidade, conflito, malandragem... E lhe rendessem artigos em nossas duas coleções de livros em *Processos Criativos em Companhia*. E minha imanente “Dançadeira” estava lá! Cada ritual, cada canto, cada som, cada conflito, era uma celebração! Celebração de nossa unidade na diversidade, de nossa irmandade imanente na dança. Cada ataque em movimento dançado no *UM* era uma assinatura no tempo de nossa certeza de que a arte da dança compartilhada está para além da cena, mas é nela que, magicamente, há o peso de muitas partilhas, confiança e trabalho duro. A imanência se funde em unidade múltipla! E, nesse momento, vivemos e morremos felizes. E o que me resta?! O axé! Porque a dança que habita em mim, habita em todos, pois... Todos... Somos *UM*!!!

POR LARISSA MELO CHAVES

Mestra em Dança pela UFBA, artista, professora e pesquisadora

O *UM* é o espetáculo da Companhia que tive a oportunidade de dançar mais vezes. Desde que ingressei no elenco, em 2018, já interpretei o *UM* de diversas formas. Com o barro no corpo; sem o barro; com o pau de chuva; sem o pau de chuva, entre outras variações. Esse espetáculo possui uma minuciosidade coreográfica muito específica, além de utilizar muitos elementos com os quais os(as) intérpretes precisam se conectar: as porongas, os paus de chuva, o figurino – que nessa obra é como uma parte do corpo do bailarino -, a terra e a água. Dada a quantidade de elementos, acredito que é necessário que o(a) bailarino(a) interprete várias vezes o espetáculo para se integrar realmente a ele; para que se torne parte constituinte da obra. Fazendo uma comparação entre a primeira e a última vez que dancei o *UM*, posso afirmar que nas últimas vezes a conexão intérprete-obra foi bem mais incisiva. É fato que a intimidade entre o(a) artista e o espetáculo posto se dá com o tempo, independentemente do produto artístico em questão. Contudo, essa situação é acentuada no *UM*, em virtude da grande quantidade de elementos e especificidades que estão entremeadas na obra. Friso que essa repetida vivência necessária ao aperfeiçoamento da interpretação do(a) artista nesse espetáculo não pode ser satisfeita apenas nos ensaios de rotina. No *UM*, a vivência cênica é o espaço que mais desenvolve a intimidade entre o(a) bailarino(a) e a obra. A cada nova execução do espetáculo outras percepções emergem. Em todas as vezes que interpretei o *UM*, nunca tive a oportunidade de dançar com o chão de terra, tal como o utilizado na estreia. Se eu ainda tiver tal oportunidade, é provável que uma nova conexão com a obra venha a ocorrer, graças à inserção desse novo elemento. Dançar o *UM* é emaranhar-se nos componentes que o constituem. Depois de algum tempo dançando com tais elementos eles se tornam, tal como o próprio figurino, uma parte de nosso corpo cênico. A conexão terra-água-fogo-ar, a partir das materialidades que a exemplificam, é um dos principais estímulos à interpretação da obra.



DEBORAH LAGO, JUAN SILVA, SUZANA LUZ, WANDERLON CRUZ, LUIZA MONTEIRO,
ANDREZA BARROSO, LETÍCIA BARROS, ARIANNE PIMENTEL E FELICIANO MARQUES
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2015 - FOTO: ERCY SOUZA

POR PAOLA RODRIGUES PINHEIRO

Artista, pesquisadora e professora de dança

O espetáculo *UM* marcou minha primeira participação como produção em um evento. Foi logo quando entrei para o Grupo de Dança Moderno em Cena. A sua primeira temporada de apresentação foi extremamente marcante, caracterizada por muito trabalho, amor e admiração. Quem estava trabalhando fazia um pouco de tudo: as vezes varria a entrada, limpava os banheiros (duas vezes por sessão, por causa do barro que os bailarinos passavam em si mesmos), recepcionava o público, ficava na bilheteria e por aí vai. Foi uma temporada intensa de três finais de semana que nunca irei esquecer, pois foi ali que aprendi o significado do trabalho para a Companhia Moderno de Dança. Como somos uma Companhia independente, geralmente o trabalho que existe para além da sala de ensaio é feito por nós mesmo. Divulgação em redes sociais, concepção de cenário e figurino, criação de cartazes etc. Então, enquanto elenco da CMD, o espetáculo começa montando o palco, colocando os linóleos, limpando, ajudando a carregar os materiais de luz e som, e ele só acaba quando retiramos e guardamos tudo. Todo esse trabalho tem um significado muito maior do que apenas ser independente: ele gera um laço muito grande e sólido entre nós, e nos faz apreciar e sermos gratos por tudo o que temos e fazemos. É viver em coletivo, como *UM*.

POR VICTOR AZEVEDO

Artista, arquiteto e urbanista

Assim como nós, o trabalho sempre foi marcado por diversos atravessamentos que surgiam mudando os planos que havíamos estabelecido para o coletivo. Trago essa observação porque foi um dos fatores que marcaram o meu primeiro processo estando no elenco principal da CMD. Fizemos todo o preparo do elenco para apresentar o espetáculo na íntegra durante o Colóquio Internacional de Etnocologia da UFPA. O *UM* foi um dos espetáculos da CMD que mais assisti antes de fazer parte do elenco, então a *vibe* dele era bem clara para mim, mesmo antes de saber a coreografia. A movimentação da obra é muito característica, além de ser um dos espetáculos da CMD que mais gosto de dançar. A experiência com o *UM* foi extremamente marcante na minha trajetória enquanto intérprete-criador (mesmo que não tenha criado a sua versão original). Lembro de achar por muito tempo que esse espetáculo seria minha apresentação de estreia oficial no elenco, mas, próximo à apresentação do espetáculo no Colóquio, nos últimos ajustes da coreografia, fomos atravessados por uma participação em um festival de dança que oferecia uma premiação e nós iríamos dançar uma cena do espetáculo *Metrópole*.



SUZANA LUZ
CAIXA CULTURAL - SP, 2018 - FOTO: GUY VELOSO

POR SOCORRO LIMA

Artista, pesquisadora e professora da dança

Compartilhar a minha visão de espectadora como plateia nos espetáculos da Cia Moderno é falar de atravessamentos na arte que me move. A cada espetáculo, uma apresentação que me arrepiava e deixava meu corpo vibrando, querendo entender o que se passava em cada parte de suas cenas. Tenho baixa visão e, como a maioria das pessoas com deficiência visual, parecia ser meio impossível assistir aos espetáculos. Mas como sendo parte de um meio prático e teórico na dança, comecei a encontrar estratégias para frequentar os espaços e perceber do meu jeito o espetáculo que iria assistir. O espetáculo que me marcou foi o *UM*. Os corpos, os cenários e o espaço me chamaram atenção. A primeira vez que assisti foi dentro da escola de samba Quem São Eles. Na entrada, o processo é contado em uma exposição por vídeos, descrita com imagem e sinopse do espetáculo. Isso ajudou a formar o primeiro momento para ver o que estava por vir. Ao entrar no espaço, estava escuro e havia alguns troncos de árvore e círculo grande com areia que uma amiga descreveu para mim. Sentei-me bem perto de onde aconteceria a dança. Foi então que percebi alguns lampiões acesos também. Não conseguia enxergar as pessoas nem os objetos ficando longe, pois vejo tudo embaçado, mas ao ouvir, ou tocar, ou olhar muito perto, consigo perceber. Fui entendendo aos poucos os movimentos dos bailarinos - até então só enxergava o vulto das roupas brancas que nos meus olhos pareciam fios pendurados pelo corpo. Não enxergava braços nem pernas, apenas os movimentos dos troncos que se movimentavam com bastante energia. Senti algumas vezes a terra espirrar em mim, sentindo vontade de entrar no círculo com areia. Os bailarinos com suas respirações aceleradas me faziam perceber o crescimento do espetáculo na cena. A união entre os corpos, o conceito de coletividade, tudo me remete logo ao nome do espetáculo. A música me levava a outro imaginário que transcendia a dança e os corpos que se entregavam. Em alguns momentos enxergava os corpos; em outros, só conseguia sentir.

POR GLEYDYSON CARDOSO

Administrador, discente em Educação Física, artista e técnico em Dança

Admirador das artes e principalmente da dança, em 2013 tive a oportunidade de assistir ao espetáculo *UM* da Cia Moderno de Dança, apresentado na escola de samba Quem São Eles. Até lá, não imaginaria que um dia estaria fazendo parte da Companhia que é tão bem quista e visada, quer seja pela teoria desenvolvida através da professora Dra. Ana Flávia Mendes, no que diz respeito à dança contemporânea, quer seja pelas temáticas abordadas de forma diferenciada em cada espetáculo, deixando o selo de qualidade que a Companhia possui. O espetáculo se tornou impactante primeiramente pelo visual criado. O cenário funcional elaborado, a disposição da plateia em um círculo, os troncos como assento na possibilidade de trazer um pouco dessa ambientação para afetar o público e fazer uma ambiência semelhante, além da sonorização ter sido ao vivo, aproximou todos de tudo o que acontecia em cena. A apresentação marcada pela rusticidade no/do corpo, “mirabolou” cenas que em determinados momentos era possível ver dança, capoeira, estranhamento dos corpos na cena, embate, confraternização em forma de aproximação corporal, abraços, cantos e olhares antes escondidos pelo figurino. Movimentos fortes, pesados, marcados, acentuados e de precisão representaram essa africanidade coletiva e pessoal, característica que esteve presente em toda a dança. O jogo entre a teoria da pesquisa para a dança e o desenrolar do processo criativo proporcionaram para o espetáculo uma imagem forte que afetou, sem dúvida, a todos que assistiram juntamente comigo a narrativa proposta e a mensagem deixada. “UBUNTU... sou o que sou pelo que nós somos”.



FELICIANO MARQUES
COLÉGIO MODERNO, 2014 - FOTO: GUY VELOSO

POR FÁBIO SANTOS VASCONCELOS

Vendedor, professor de capoeira e agente cultural

Primeiro, escrever é difícil! E segundo, é ainda mais difícil escrever sobre algo que tenho que lembrar, e que já faz algum tempo que assisti dentro de tantas coisas que já vi nesta Companhia. Mas, vamos lá! Quando eu entrei no espaço da apresentação, percebi que os vários bancos eram de modo diferente do comum: eram tocos de árvores. O círculo que parecia ser de serragem - o que chamou muito a minha atenção - era de barro seco, o que fez levantar muita poeira. A parte sonora também chamou muito a minha atenção, com os efeitos do pau de chuva que o JP (músico) manipulava; o cântico emitido pelos integrantes, e a forma de dançar que remetia, em alguns momentos, à capoeira. Pude fazer parte do processo ensinando algumas coisas de capoeira, percebendo dentro da dança alguns movimentos semelhantes à ela, pois tinha um momento na obra que parecia com o jogo de capoeira. Para mim, o ponto chave desse espetáculo foi trazer as matrizes africanas, sendo bem diferente dos outros que eu já tinha presenciado. O tambor, o cântico utilizado, era um cântico forte que prendia a atenção. "Ha weh, ha weh somagwaza", ficou um bom tempo sussurrando ao pé do meu ouvido, martelando na mente. E, outro ponto chave, foi a roupa que parecia uma roupa de guerreiro, bem diferente das roupas coladas ou folgadas que geralmente usam.... Tudo bem diferente do contexto das demais apresentações. Um espetáculo forte, de muita intensidade, estranho mas, ao mesmo tempo, familiar.

POR DEBORAH LAGO

Artista, professora de dança e project manager

Lembro-me bem da sensação fria da argila na pele. Era muito mais do que o tato. Com o passar das horas, meus poros se abriam, na mesma proporção em que me enraizava mais em meus pensamentos. Lembro-me bem do cheiro da terra. Era muito mais do que o olfato. Desde o primeiro momento que adentrava o círculo, o aroma me inebriava. Eu era levada a um outro tempo, um outro espaço, um outro eu. Acho que nem era humana, mas não sei dizer se era animal, ou talvez os dois. Ou nenhum. Lembro-me bem das luzes incertas ao meu redor. Era muito mais do que a visão. Por entre as sombras moventes, as franjas cadentes e os grãos inerentes não havia descanso. Essa inquietação me fazia sentir ansiosa, nervosa, amorfa. Mas era também pelo mesmo motivo que estava sempre à procura. Um segundo antes. Uma cena antes. Um encontro de olhares a mais. Lembro-me bem dos sons durante aquela uma hora. Era muito mais do que audição. Os baques do tambor vinham de fora e de dentro. Davam ritmo aos meus movimentos. Meu corpo contribuía para a música. Então era uma mistura entre sentir, ouvir, criar e ser melodia. Éramos todos um mesmo som. E era nessa unidade que jazia o ritmo. Um, *UM* múltiplo com incertezas, grunhidos e embates. Lembro-me bem das palavras e dos ruídos que saíram das nossas bocas. Era muito mais do que fala. Comunicávamos-nos através de uma língua que não existia. Cantávamos sobre histórias mutantes sobre a terra, sobre os que vieram antes, sobre fé. Murmurávamos melodias que eram como gritos ou como preces. Passado, presente e futuro estavam juntos nessa roda da vida na qual nos uníamos para criar. Começávamos no chão, crescíamos em espiral e chegávamos a voar. Sobrevoávamos o inexplicável, o inexistente, o imanente. E o fizemos juntos.



POR ARIANNE PIMENTEL GONÇALVES

Artista, pesquisadora e professora de dança

Por trás de uma penumbra de pó de terra seca, corpos se desvelavam. Corpos que nasciam da terra, mãe fértil e forte a ninar seus filhos-terra em uma gira e a transportá-los a um espaço-tempo artístico, sagrado e ancestral. Por trás desse véu de pó os corpos-terra nascentes se espalhavam e ocupavam o espaço, entrelaçando suas raízes-fios rizomáticas que partiam de um único ponto, de uma espécie de nascente de fios alicerçada por uma filosofia imanente e, ao mesmo tempo, transcendente de se pensar e fazer dança. Os corpos-terra que brotavam se construía da conexão com seus outros que por ali, naquele espaço-círculo-fogo, habitavam. Tudo era uno! Era um corpo só com múltiplas identidades, muitas incorporações que não tinham rostos, não tinham cabelos, não tinham órgãos, não sendo possível identificar e separar, era um grande corpo constituído por muitos outros que já nasceram há muito tempo desta mesma terra, os ancestrais! Este corpo-terra se transformava com o contato com outras forças sagradas, queimava como fogo, era frio e envolvente como a água, se deslocava suave e temperamental como ar transformado pelo sopro do vento, a existência desse corpo se alimentava da conexão sagrada dos elementares que o impulsionava a dançar. Este foi o espetáculo *Um pra mim*, espetáculo de força e comunhão, de aprendizado sobre os muitos que me constituem, nessa vida e nas vidas passadas, constituído na coletividade e irmandade, a partir de vivências sagradas, ritualísticas e do profundo mergulho nas práticas e filosofia africana. O *Um* faz parte da minha vida-artística-sagrada ao longo desses 24 anos de atuação na dança, alegre e intenso como os “doces” entregues aos Ibejis, doces estes ingeridos e divididos ao longo de um processo criativo que já se constituía como o próprio espetáculo!



FELICIANO MARQUES
CAIXA CULTURAL - SP, 2018 - FOTO: GUY VELOSO





ANDREZA BARROSO, ARIANNE PIMENTEL, DANIELLY VASCONCELLOS, DEBORAH LAGO, FELICIANO MARQUES,
JUAN SILVA, LETÍCIA BARROS, LUIZA MONTEIRO, SUZANA LUZ E WANDERLON CRUZ
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2015 - FOTO: GUY VELOSO

MEMÓRIA DE UM CORPO DE BARRO

Cláudia Palheta

Carnavalesca, Figurinista e Professora da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará

As impressões aqui registradas partem de observações do espetáculo *UM*, da Companhia Moderna de Dança. Trazem reflexões sobre o figurino, que desenvolvi em parceria com Frederico Alves, sobre o ensaio aberto (ocorrido nos dias 19 e 20 de dezembro de 2014) e sobre a estreia em 20 de março de 2015. Foram acionadas por escritos e riscos realizados nos ensaios e por fotografias e vídeos de acervo pessoal.

A poética do Figurino

O elenco fez uma intensa imersão de conhecimento sobre danças afro-brasileiras durante todo o ano de 2014 para conceber o corpo do espetáculo cuja referência partia da compreensão da palavra de origem africana *UBUNTU*, cujo sentido precípua é o de que uma pessoa é o que é por meio das outras pessoas às quais se reúne.

Eu soube de muitas daquelas experiências, ouvi relatos emocionados, mas eu mesma não participei de nenhuma. Quando elas pareceram ser suficientes para o objetivo do processo, a diretora Ana Flávia Mendes compartilhou comigo as expectativas que tinha para a criação do Figurino. Das expectativas da diretora, eu imediatamente me dediquei à imagem do Orixá *Obaluaê* enquanto referência visual de um corpo coberto de palha, cujos movimentos tinham a força da terra e a leveza dos ventos.

Passei a frequentar os ensaios e a observar os movimentos desenvolvidos tentando pensar na imagem de corpos cobertos por palha da costa como *Obaluaê*, mas no lugar de palha eu queria algo mais fluido, capaz de escorrer em direção ao chão em movimentos lentos e de voar em movimentos velozes. Ao tempo dos ensaios, os demais elementos que comporiam a cena iam me sendo revelados: eles dançariam sobre uma arena de barro batido; a iluminação

seria de candeeiros e lâmpadas incandescentes; a trilha sonora teria tambores de couro em sua execução. A imagem se desenhava noturna e quente.

Eu e Frederico Alves decidimos que o figurino, em vez de tiras de palha, teria as tiras feitas em malha. Optamos pela malha em poliviscose (PV), cortada em tiras de quatro centímetros de largura e puxadas para que ficassem com aspecto roliço e não de fita. Criamos saiotes, colares, cintos e adereços que cobriam as cabeças e os rostos dos dançarinos; decoramos com búzios para pontuar um elemento tradicionalmente utilizado em trajes africanos, criando uma estética de fiapos. Combinamos cores terrosas com pequenos destaques em tons vermelhos, laranjas, amarelos e listrados, personalizando um figurino para cada um do grupo, individualizando peças conforme o dançarino e integrando-os em um mesmo universo. Sob os saiotes, propus malhas com grafismos e cores diferentes, representando a parte pulsante de vida e a escrita de cada um, com suas chagas e suas superações.

Enquanto figurinistas, nós ambicionávamos que o figurino não somente permitisse que os movimentos propostos pelo elenco fossem bem realizados, como também que colaborasse para que outros movimentos pudessem se revelar.

Cinco dias antes do ensaio aberto, em uma segunda-feira, experimentamos parcialmente o figurino. Enquanto o elenco dançava, a diretora instruía, o dramaturgo buscava expressões, e eu procurava ver se os figurinos, assim como o elenco, estavam dançando. Os adereços de cabeça caíam, alguns saiotes estavam mais longos do que o necessário, algumas fivelas apareciam demais.

Tive desejo de outras possibilidades para aquele figurino. De não ter malha alguma por baixo dos saiotes. De não ter nada mais do que corpos nus e tapa-sexo. As roupas de baixo, coloridas e cheias de grafismos, que eu mesma propus e pintei, se destacavam e desvalorizavam o saiote. Entretanto, o convívio com o elenco já me havia feito entender o quanto os dançarinos ficavam pouco à vontade estando em cena com pouca ou nenhuma roupa.

Naquele ensaio percebi que tanto a diretora como o dramaturgo tinham preocupações mais urgentes para aquele ensaio aberto do que o figurino propriamente dito, e então parti daquele ensaio para resolver as cabeças que

caíam, as fivelas que apareciam, e guardei para depois qualquer outra ação que não me parecesse urgente.

Dois dias antes da apresentação, com novas atracações para cabeças e saiotes, o ensaio contou com a iluminação, mas não contou com as malhas de baixo. O elenco utilizou malhas comuns de ensaio, privando os figurinistas, diretores e iluminadores da análise total do figurino em diálogo com a iluminação, inclusive. Isso me provocou a constatação de que o elenco não viu ou não sentiu a roupa de baixo como parte fundamental do figurino. Ou já estava a me dizer que no futuro ela não mais faria parte do espetáculo.

O ensaio aberto

Estando o elenco vestido, durante a apresentação os figurinistas se tornam espectadores que ao tempo que tentam acompanhar o espetáculo o apreciam com preocupações particulares, especialmente para um figurino confeccionado com amarras de fiapos e quase sem costuras.

O público do ensaio aberto era formado por pessoas do meio artístico, principalmente da dança, e após as apresentações, eram convidados a manifestar suas impressões. As minhas, que fiz somente ao grupo, que se somaram às já observadas nos ensaios e foram postergadas, foram as seguintes:

A proposta de dançar em uma arena de barro batido era um contraste com os corpos limpos sem qualquer pintura ou maquiagem. Era como se aqueles corpos nada tivessem a ver com aquele chão. A pintura corporal em argila era necessária para que o barro-chão tomasse o corpo e integrasse com a proposição de ser *UM*. As malhas pintadas não faziam nenhum sentido, pois no lugar de aparecer como estavam, elas precisavam desaparecer em favor do corpo.

Os movimentos sobre a arena de barro proporcionavam uma energia incrível, mas a entrada do elenco na arena enquanto o público já estava acomodado escancarava o não pertencimento dos corpos àquele barro. Eram corpos que vinham de fora. Sugeri que quando o público entrasse os corpos já estivessem deitados no chão e o espetáculo tivesse início com o despertar desses corpos em movimentos crescentes de dedos rasgando o barro, de

membros passeando sobre sua superfície, de descoberta de um corpo-barro enquanto elementos indissociáveis. O barro como constituinte dos corpos de cada dançarino, como extensão de cada corpo que existe em barro e dança. Um barro que por ser corpo nunca sairia daqueles corpos, e os chamava a cada movimento de retorno ao chão.

O barro de tocar, de pisar, de jogar uns nos outros, seria parte da mão, do pé e do próprio figurino. Era necessário trabalhar o barro não somente como arena que substituía o linóleo, e sim como elemento de integração na proposta da dramaturgia. O barro seria a amálgama que reuniria corpos, dança, música, movimento, luz, trilha sonora, cena e figurino em favor de ser *UM*.

O espetáculo

Para o desaparecimento das malhas coloridas foram confeccionadas sungas e *sukines* de cor neutra e tecido resistente à argila que lhes cobriria todo o corpo. Fivelas recobertas por tiras, mais tiras e mais búzios foram os ajustes necessários ao figurino.

As cadeiras plásticas do ensaio foram substituídas por troncos de madeira reaproveitados de uma velha árvore caída. Os tambores de couro foram dispostos em um canto fora da arena. A iluminação artesanal agiu como um portal que nos permitia ver o que acontecia na cena como quem vê nascer o próprio mundo em terra e fogo. Os corpos dos dançarinos deitados sobre o barro e recobertos pelo figurino de tiras e búzios já estavam na arena quando o público chegou.

A descrição acima me parecia uma instalação digna de qualquer salão de arte contemporânea. Se aqueles corpos que estavam ali não dançassem e se os músicos e seus tambores não tocassem, a cena proporcionada já era um espetáculo capaz de nos remeter a toda ancestralidade de ser gente e, ao mesmo tempo, barro.

E quando o movimento em dança e música teve início, um espetáculo totalmente diferente do ensaio aberto aconteceu: os dançarinos não mais se importavam se estavam sendo vistos, não mais se importavam se seus corpos eram eretos e helênicos. Havia alcançado uma comunicação espiritual que

os reunia uns aos outros e com o barro. Como o barro, eram vida, morte e renascimento. Origem e fim.

E eu pensando sobre fins e começos, ousou criar que talvez um espetáculo nunca acabe, mesmo quando um outro nasce. Talvez aquele que nasce, nasce do outro e traga consigo a sua memória, história, ancestralidade. O espetáculo anterior ao *UM* foi o *Lírica Morada*, que ao pensar sobre a cidade de Belém, se pensou azulejo. Azulejo, elemento de arte portuguesa que revestia inúmeros casarões coloniais da cidade, hoje cada vez mais raros. O sofrimento da cidade era visto por azulejos tatuados nos corpos dos dançarinos. Na cena final o dançarino é azulejo solitário sobre o qual são atiradas diversas pedras. Naquela cena solidão, a panada de fundo - até então suporte e rebatedor de iluminação - se revelou potente cenografia, pois feita em papel *kraft* colado e dobrada para facilitar o transporte, adquiriu marcas nas dobras, produzindo quadriculados que me remeteram ao aspecto visual das paredes dos casarões de onde caíram todos os azulejos, deixando aparente o barro que os sustentavam.

O barro que sustentou a arte portuguesa em azulejo durante séculos, revelado no final do espetáculo anterior, tornou-se protagonista em *UM*. Aquele barro seco do casarão voltou ao seu estado argila em toda a sua ancestralidade afro-indígena de pés e mãos que construíram o casarão e a cidade de aspecto europeu. É nativo, é ancestral e é vida em *UM*.

Se houve consciência que reunisse o final de um espetáculo ao nascimento do outro, não tenho qualquer certeza. Mas acredito que criações determinadas e objetivas não existem sem vontades levemente inconscientes daquilo que nos constitui e que passam a fazer parte de um mesmo corpo.



ANDREZA BARROSO, CÁSSIA THAÍS, CECÍLIA MORENO, DEBORAH LAGO, ERCY SOUZA, FELICIANO MARQUES, JUAN SILVA, LUIZA BRAGA, LUIZA MONTEIRO E SUZANA LUZ
CAIXA CULTURAL – SP, 2018 - FOTO: GUY VELOSO



LETÍCIA BARROS, JUAN SILVA, LUIZA MONTEIRO, ERCY SOUZA, DEBORAH LAGO E ANDREZA BARROSO
CAIXA CULTURAL – SP, 2018 - FOTO: GUY VELOSO

Contemplado com o Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna 2015, baseia-se nos Ballets Clássicos de Repertório: O Lago dos Cisnes, Giselle, A Morte do Cisne e Carmen; por meio de uma releitura dos ballets dançados na linguagem da dança contemporânea sob a ótica dos bailarinos da Cia.

Ana Flávia Mendes, diretora artística da Companhia Moderno de Dança, explica que: “tem um pouco a ver com essa questão de a gente ser colonizado e de ver o ballet clássico como uma forma de dança do colonizador que de alguma forma quando chega no meio da dança traz um padrão ao qual os dançarinos precisam se formatar. Então como é que uma dança que é europeia vai caber dessa forma no nosso corpo, com a nossa história, com as nossas características? De que forma caberia? A gente tenta dar as nossas leituras para as obras a partir dessas perguntas”.

Em torno dos questionamentos sobre o ballet clássico, o espetáculo *Plié - dança em 4 atos* foi desenvolvido sob a metodologia de Dança Imanente, práxis de dança contemporânea criada por Ana Flávia Mendes e experimentada dentro e fora da Companhia.

Para abordar as obras clássicas, a CMD fez um recorte sobre os arquétipos dos personagens femininos dentro dos ballets de repertório selecionados e uma leitura sobre as diferentes facetas da morte. Além disso, notou-se uma relação das obras clássicas com as lendas amazônicas, tornando-se evidente no decorrer da apresentação.

O espetáculo estreou no Espaço Companhia Moderno de Dança, local de ensaio da Cia, como uma forma de protesto às políticas de cultura dentro do Estado do Pará, onde há dificuldades de acesso aos teatros da capital. “Queremos nos posicionar politicamente diante da escassez de pauta para dança nos teatros da cidade”, pontuou Ana Flávia.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO
PLIÉ - ATO 1



CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO
PLIÉ - ATO 2



CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO
PLIÉ - ATO 3



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Direção executiva: Gláucio Sapucahy.

Direção artística: Ana Flávia Mendes.

Direção artística adjunta: Luiza Monteiro.

Dramaturgia: Saulo Sisnando

Iluminação e cenografia: Tarik Coelho

Figurino: Cláudia Palheta

Consultoria: João de Jesus Paes Loureiro, Ana Rosa Crispino, Claudio Didimano

Apoio técnico: Grupo de Dança Moderno em Cena – Ana Luiza Lelis, André Lobato, Camila Costa, Carlos Silva, Larissa Chaves, Leonardo Pamplona, Letícia Sousa, Lucas Augusto, Lucas Costa, Nathalia Moura, Paola Pinheiro, Thamirys Monteiro, Victor Azevedo e Williame Costa.

Equipe de comunicação: Deborah Lago, Danielle Cascaes, Leonardo Pamplona, Lucas Augusto, Patrícia Vasconcellos, Tais Morena e Victor Azevedo.

Documentário: CYN Produtora

Elenco: Andreza Barroso, Cássia Thaís, Cecília Moreno, Deborah Lago,

Ercy Souza, Feliciano Marques, Gleydyson Cardoso, Juan Silva, Luiza Braga,

Luiza Monteiro e Suzana Luz.

PLIÉ – DANÇA EM 4 ATOS | 2017



FELICIANO MARQUES

ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: CAMILA DO CARMO



ANDREZA BARROSO, FELICIANO MARQUES, CÁSSIA THAIS, JUAN SILVA E CECÍLIA MORENO
ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: CAMILA DO CARMO

FELICIANO MARQUES
ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: CAMILA DO CARMO



POR LARISSA MELO CHAVES

Mestra em Dança pela UFBA, artista, professora e pesquisadora

O espetáculo *Plié – Dança em 4 atos* foi o primeiro espetáculo da Companhia Moderna de Dança que tive a oportunidade de interpretar como elenco. Ainda integrante do Grupo de Dança Moderno em Cena, grupo de formação para a CMD, fui convidada a substituir um bailarino que não poderia dançar em uma das apresentações. A experiência foi uma das mais significativas, não só por ter sido a primeira vez que eu integrava o grupo que admirei durante tantos anos da minha formação artística, mas por ter sido a única nessa obra. Aprendi o espetáculo completamente criado, apenas para aquela apresentação. Nesse processo, o que mais me marcou como artista da Dança foi a necessária implicação, na execução dos movimentos, do sentimento de angústia que permeia todo o espetáculo. É fato que enquanto Companhia sempre defendemos a ideia de que a obra é que diz quais são as suas necessidades técnicas, estimulando o(a) intérprete-criador(a) à pesquisa de caminhos de execução dos movimentos que sejam compatíveis com a concepção artística da obra, que não sigam necessariamente um modelo e partam das necessidades interpretativas do artista. Essa concepção nunca fez tanto sentido como na interpretação de *Plié*. A angústia citada é na verdade o sentimento que me sobressai na vivência do espetáculo e que me leva ao movimento. Não é uma angústia paralisante, mas sim uma sensação que provoca uma agonia desafiadora. É esse o estímulo que induz ao movimento. Em *Plié* não há muitos elementos que incentivem o(a) intérprete a refugiar-se nas formas da coreografia, não há uma considerável rigidez de geografias espaciais, ou uma trilha sonora que proponha uma contagem exata, por exemplo. É preciso mergulhar na angústia que *Plié* nos oferece para que a dança emerja. É preciso mergulhar em si mesmo e na flexibilidade que o espetáculo nos propõe, distanciando-se da idealização do movimento e desafiando-se na busca da transposição das sensações à execução coreográfica.

POR ROBSON FARIAS GOMES

Artista, filósofo e pesquisador da interface Arte-Filosofia

“PLIÉ”: a dança de si-outrem.

Plié é o “fastígio das proposições em Dança Imanente em termos ontológicos” (GOMES, 2019, s/p). Estreado em novembro de 2017, no Espaço Companhia Moderna de Dança, em Belém/PA, o espetáculo propõe um altivo movimento questionador nas artes performativas em movimento na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito a transfigurar, transcriar e agregar o *dado* em uma arte desfigurada – não sem forma, mas formada por suas deformidades e desformalizações. O problema da *forma* é latente neste que é um espetáculo questionador da identidade formal do que algo seja enquanto aquilo que seria e não poderia deixar de ser. Dito de outro modo, que questiona espaços de identificações no fazer cênico. Em que medida o fazer-conhecer-ser, no balé clássico de repertório, por exemplo, destruiria, reconstruiria ou desconstruiria o senso costumeiro do (vi)ver em/na dança? A resposta é simples e está localizada no condicionamento ontológico da feitura em dança no decorrer de sua história registrada e pensada. Além de levantar tais questionamentos para o próprio campo dos estudos em dança, *Plié* revela a multiplicidade como mantenedora da riqueza da obra cênica. Nem sempre respeitada ou bem vista, a multiplicidade no meio da dança foi, em *Plié*, conjugada com pressupostos formais de investigações e manifestações em dança (a métrica, aspectos do perfeito, traços de alinhamentos “harmônicos” etc.), o que automaticamente a colocaria também no próprio centro das investigações concernentes às formas do que e de quem vem-a-ser aquilo que se denomina dança. *Plié*, como primeiro espetáculo da Companhia Moderna de Dança contemplado por mim presencialmente na íntegra, apresenta o conflito cênico entre narrativas estruturais do fazer, ser e conhecer em dança que não se negam numa espécie de exercício anti-si, mas que também sente na pele todos os condicionamentos.



LUIZA BRAGA, LUIZA MONTEIRO, DEBORAH LAGO E GLEYDYSON CARDOSO
ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: HILTON NAKA MACIEL

POR ROSÂNGELA COLARES

Artista, pesquisadora e professora de dança

PLIÉ

L'amour est un oiseau rebelle

Que nul ne peut apprivoiser... (Bizet)

O ballet *Carmen* na versão de Roland Petit sempre foi um daqueles espetáculos que passamos a vida inteira sonhando um dia dançar. Zizi Jeanmarie e sua Carmen de cabelo curto, corselet e uma sensualidade que aterrava quem a assistisse me assombra até os dias de hoje. Uma obra-prima que dribla as concepções mais caretas do ballet clássico com suas sylphides fantasmagóricas, suas Odille's impotentes e a tristeza de suas Giselle's. Carmem era uma mulher em toda a sua potência, dançando em cima de uma sapatilha de ponta, mulher que prefere a morte a ser aprisionada. Em 2017, a Cia Moderno de Dança criou o espetáculo *Plié - dança em 4 atos*, que tinha como mote traduzir a partir da abordagem da dança imanente alguns dos ballets de repertório mais referenciais da história da dança e claro... Lá fui eu encontrar Carmem, a personagem que habitava meu desejo. Na proposta em questão não havia uma Carmem, mas várias. Todas com aquele traço de cínica sensualidade que eu tanto quis para mim, aquela liberdade que teimava em driblar o que se espera dela, aquele desejo incontido de vida. Mais uma vez, ela roubava meu desejo... de cabelo curto como Zizi Jeanmarie, movendo-se sem temer o feminino que habitava cada célula de seu corpo. Ela estava sem corselet, mas com barba e uns olhos de cigana oblíqua, como diria Machado de Assis.

POR TAIS MORENA

Mestra em comunicação arte e cultura,
assessora de comunicação e fotógrafa

Nos 18 anos de história da Companhia Moderno de Dança, pelo menos 15 desses anos eu acompanho de perto. Com a vantagem de ter feito parte do Núcleo CMD como intérprete-criadora e coordenadora de marketing da Companhia, minha experiência fotográfica nos espetáculos era diferenciada dos fotógrafos colaboradores. Eu participava dos ensaios, assistia ao processo criativo sendo desenvolvido e entendia os melhores ângulos a serem registrados. Sou apaixonada pelas fotografias do espetáculo *Plié: Dança em 4 Atos*, porque além de conhecer os enredos dos ballets clássicos representados em cena e de reconhecer as transformações dos ballets em movimentos contemporâneos da Companhia Moderno de Dança, também contava com um projeto de iluminação cênica de alto nível proposto por Tarik Coelho, o que fazia com que as diferentes emoções sentidas no decorrer do espetáculo fossem exacerbadas pelas luzes da cena, e fazendo com que a qualidade da imagem fotografada expressasse com muito mais fidelidade o que foi visto na cena ao vivo.

DEBORAH LAGO, ERCY SOUZA, GLEYDYSON CARDOSO,
LUIZA MONTEIRO E LUIZA BRAGA
ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017
FOTO: CAMILA DO CARMO



POR DEBORAH LAGO

Artista, professora de dança e project manager

4 mini contos em movimento

Primeiro.

Abri a porta do salão.

Estava escuro, com exceção de uma meia luz da cor do meu batom.

Meus pés martelavam o chão.

Prendia os olhos de todos nos meus de maneira incansável.

As silhuetas que eu criava eram serpentinas de cetim.

Pintei os lábios com a mesma autoridade que mostrei em meu corpo.

Queria que todos percorressem a narrativa que havia criado. Assim o fizeram.

Morri pela primeira vez ali. No salão.

Mas dessa vez a luz foi embora.

Segundo.

Já estávamos no limbo.

Cobertos de transparências, flutuávamos à procura.

Um pouco perdidos, cheirávamos um jardim.

Os movimentos eram um pouco loucos, mas não mais que nós.

Aos poucos, me distanciei da sanidade e das flores e das transparências.

Fui despida pela primeira vez das minhas conveniências.

Enlouqueci.

Terceiro.

Olha para o céu.

Vê as estrelas.

Embaixo delas surge, então, ele.

Sozinho, em (des)equilíbrio.

Suas pernas, pouco a pouco, desapareciam.

Com elas, a vida.

A dor toma conta de seu corpo. Ele se contorce.

Tenta voar, mas a gravidade não permite.

Depois de insistir, enfim desistiu.

Descansou.

Quarto

Tudo começou lento, suave, quieto.

O ar era denso, mas encontrávamos sempre um ao outro.

Parte de nós era luz; outros, escuridão.

Mas era no limiar que nós estávamos. Na intersecção.

Juntos, mas separados. E seguíamos em (des)encontros.

Fomos tomados pela urgência do explorar.

Vivenciamos tudo como se fosse a última vez.

Nada era suficiente, por isso aceleramos.

Não dava para fugir. Éramos todos uma mistura do bem e do mal. Em desespero, corremos.

Até que encontramos, no outro, o fim.



JUAN SILVA

ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: DANIELLE CASCAES

POR GLEJDYSON CARDOSO

Administrador, discente em Educação Física, artista e técnico em Dança

A INTEGRAÇÃO NO PROCESSO CRIATIVO EM DANÇA CONTEMPORÂNEA

Integrar um processo criativo é deixar de ser você, no sentido artístico, para se lançar em mundos imprevisíveis, mergulhar em seus “eus” em busca de significações em que o corpo se sobrepõe às palavras, por não serem o suficiente para apresentar ou mesmo representar algo que somente o corpo pode dizer por meio dos movimentos. Neste espetáculo, *Plié- Dança em 4 Atos*, onde foram pesquisados os Ballets clássicos de repertório (O Lago dos Cisnes, Giselle, A Morte do Cisne e Carmen), houve imersão de forma constante, pois era necessário retroalimentar-se de maneira célere e contínua, deixar-se atravessar por indutores vindos por parte de nossa diretora artística na época (Ana Flávia Mendes), portanto, indutores tanto externos quanto internos do arcabouço corporal do qual dispunhamos, e multiplicado a isso 4 vezes, isso mesmo, pois fazer uma abordagem contemporânea de Ballets consagrados e clássicos nos exigia enquanto artistas da cena revirar todo o espetáculo à nossa forma, dentro da prática teórica abordada pela Companhia. Visto isso, formamos uma espécie de tripé da criação para a composição das cenas: 1- o indutor externo; 2- o próprio ballet em sua literalidade; 3- o entendimento do coletivo na construção da dança para o espetáculo. As experimentações anteriormente vivenciadas nos fizeram, no decorrer do processo, amadurecer ideias consideradas fortes e de impacto e deixar reservado o que poderia ser usado em outro momento, como uma “carta na manga”.

POR CECÍLIA MORENO

Artista da dança, pesquisadora e professora de artes

Plié foi um trabalho criado a partir da releitura, transcrição, ou até da “dobradura” dos balés de repertório “Giselle”, “Carmem”, “A morte do Cisne” e “O Lago dos Cisnes”. O processo era o de adentrar o universo arquetípico das personagens femininas das obras supracitadas, e torná-las seres palpáveis, feitas da carne e, sobretudo, possíveis em corpos brasileiros-amazônicos-nordestinos. À medida que revisito esse processo em minha memória, relembro as imbricações desta obra na trajetória da Companhia Moderno de Dança. Arrisco dizer que *Plié* foi o marco do recomeço: o primeiro trabalho pós Colégio Moderno, driblando da maneira mais ativa dramaturgias e estruturas da dança clássica em meio às subjetividades de uma dança pós-moderna; um grito metafórico que soava “LIBERDADE”, na dança e para a Companhia. *Plié* é um espetáculo compartimentado, dividido em 4 atos, com trabalhos que dialogam, mas que independem. Liberdade mais uma vez para ser! Diante dessa possibilidade, eu fui “Giselle”, a que ama demasiadamente, sacrifica seu existir, mas dança exaustivamente para deixar outro viver. Paradoxal, altruísta, louca e bruxa. Amada GISELLE. Em sua construção, lembro da Flávia nos conduzir questionando sobre o encargo/peso da morte. “LEVE”, eu respondia dançando; era como eu desejava morrer, passar, atravessar. Durante o fluxo, Flávia continuava: “o que se leva da vida?”. “COISA NENHUMA”, eu tentava responder! Despi-me então das vestimentas, afinal, de nada elas me serviriam dentro daquela narrativa que eu acabava de criar. Despi-me em dança dos sobrepesos, para assim então “morrer”. Morri vivendo, em cena, contemplando o percurso ora da Giselle, ora da artista Cecília, se descobrindo mais uma vez em meio a um processo artístico. Literalmente nua, submersa nos símbolos que eu ia imaginando. Por vezes enxergava “Giselle”, e às vezes eu mesma, ou as duas misturadas, personificadas na minha carne, e concluía: “deve por isso que a arte salva”. Ali, nada mais era do que a imbricação de corpos, e isso me ensinava sobre vida, sobre cena, sobre dança.



ERCY SOUZA

ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: TAÍS MORENA



GLEYDYSON CARDOSO

ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: LORYGRAFIA



FELICIANO MARQUES, ANDREZA BARROSO, CÁSSIA THÁIS, CECÍLIA MORENO, GLEYDYSON CARDOSO, SUZANA LUZ,

DEBORAH LAGO, LUIZA MONTEIRO E JUAN SILVA

ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: TAÍS MORENA



CÁSSIA THAÍS, LUIZA MONTEIRO, DEBORAH LAGO, CECÍLIA MORENO, GLEYDYSON CARDOSO, ERCY SOUZA,

JUAN SILVA, ANDREZA BARROSO E VICTOR AZEVEDO

ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: CAMILA DO CARMO



DEBORAH LAGO, LUIZA BRAGA, VICTOR AZEVEDO, ANDREZA BARROSO, LUIZA MONTEIRO E ERCY SOUZA

ESPAÇO COMPANHIA MODERNO DE DANÇA, 2017 - FOTO: CAMILA DO CARMO

(COM) PAIXÃO E MORTE

Giselle Moreira
Feliz, feliz e feliz

Giselle

Os véus
velam a tristeza, a dor, o lamento
o quase choro, a lágrima quase derramada, a dor, o quase amor
Na névoa
ecoa o canto de lamúria, a solidude à espera de qualquer coisa
A sedução quase cega, surge na brincadeira, no encanto e na beleza
Sem ter a certeza na alma de quem são, movimentam-se na escuridão
Vem a euforia entre o eu, o real e o véu
O véu impenetrável da ilusão
Brutalmente descortinado, rasgado e jogado ao chão
Emerge a nudez, viva e fresca, caminhando suavemente
como a chegada da aurora do amor.

Carmem

Cigana de fogo
serpenteia e enfeitiça
as botas carcereiras

aprisionada
atrai a alma do soldado faminto de poder
num instante, o que existe é paixão

deserção e libertação
controle e obsessão
saiba perder
não me sufoques com teu ciúme

relâmpagos e tempestades iluminam a chegada do teu toureiro
intrigas e duelo
corpos entrelaçados se negam embriagados
oh! Paixão e desejo
flagrantes escandalosos
se tornam viventes na calada da noite

palmas aceleradas
passagem para o impensável
Não! Outra vez, jamais!
no silêncio caem rosas
é o amor liberto na morte

A morte do cisne

A vida tramada a um fio
Um corpo que dança, tremula, bate asas no ar
Corpo, fio e penas são uma só tessitura – sussurram pela vida
Um lamento
Uma dor
Um fio
Uma só lágrima
Estou ferido de morte
Entrelaçado, seguro a vida
Penas caem
O sangue goteja
Último suspiro
Queda e liberdade

Lago dos cisnes

Num lago mudo de lágrimas
vivem almas humanas
transfiguradas em cisnes brancos
a mais bela das aves

Deslizam suavemente
sua tristeza, seduzindo
o olhar imóvel
daquele que o contempla

Na escuridão da noite
a maldição se rompe
almas humanas, doidas, libertam-se
vazando por entre névoa e murmúrios
o tempo não deveria ter pressa

Sonho, pesadelo, ilusão
pois breve é o dia, é a noite
é o bem, é o mal
o gritar, o sussurrar

Não há lugar para a alma enganada
que possa sonhar o amor
a liberdade, a sorte, a felicidade
a verdade, não me agrada
sou escuridão
não digas nada.

MARIA FUMAÇA E ZÉ TRILHO | 2017



Maria Fumaça e Zé Trilho é o espetáculo da Companhia Moderno de Dança que tem como tema a Estrada de Ferro Belém-Bragança. Inspirado pelo enredo do carnaval 2017 da escola de samba "Império de Samba Quem São Eles", a Companhia divide os palcos com brincantes da agremiação. Na encenação, o elenco retrata esse episódio da história do Pará por meio de uma história de amor.

A Maria Fumaça e o Zé Trilho são os personagens que simbolizam os trilhos e o trem no percurso por entre as cidades atravessadas pela saudosa ferrovia, que foi desativada no período da ditadura militar brasileira, após mais de 80 anos de funcionamento. A máquina e o trilho são humanizados para ilustrar o surgimento e o fim da estrada de ferro, imaginariamente reativada e celebrada no Quem São Eles pelas artes da dança e do samba.

O espetáculo estreou dia 24 de setembro de 2017 na sede do Quem São Eles.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Direção executiva: Gláucio Sapucahy.

Direção artística: Ana Flávia Mendes.

Direção artística adjunta: Luiza Monteiro.

Consultoria: Leônidas Barros

Iluminação: Tarik Coelho.

Figurino: Ana Flávia Mendes.

Equipe de comunicação: Danielle Cascaes, Danielly Vasconcellos, Lucas Augusto, Lucas Costa, Tais Morena, Victor Azevedo.

Elenco: Andreza Barroso, Cássia Thaís, Cecília Moreno, Deborah Lago, Ercy Souza, Feliciano Marques, Gleydson Cardoso, Juan Silva, Larissa Chaves, Letícia Santana, Letícia, Lucas Costa, Luiza Braga, Luiza Monteiro, Nathalia Moura, Paola Pinheiro, Robson Gomes, Suzana Luz, Thamirys Monteiro, Victor Azevedo.



THAMIRYS MONTEIRO E VICTOR AZEVEDO - IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: TAIS MORENA



ROBSON GOMES, ANDREZA BARROSO, THAMIRYS MONTEIRO E SUZANA LUZ
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: DANIELLE CASCAES



CECÍLIA MORENO E JUAN SILVA - IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: TAIS MORENA



LUIZA BRAGA E LARISSA CHAVES - IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 FOTO: DANIELLE CASCAES



THAMIRYS MONTEIRO, LUIZA BRAGA, ERCY SOUZA, ANDREZA BÁRROSO E GLEYDYSON RODRIGO

IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: DANIELLE CASCAES



JUAN SILVA, ROBSON GOMES, CÁSSIA THÁIS, FELICIANO MARQUES, CECÍLIA MORENO E LUCAS COSTA

IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: TAIS MORENA



VICTOR AZEVEDO, LUIZA MONTEIRO, SUZANA LUZ, PAOLA PINHEIRO, ERCY SOUZA, LUCAS COSTA,
ANDREZA BARROSO, ROBSON GOMES E FELICIANO MARQUES
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: DANIELLE CASCAES



VICTOR AZEVEDO, ANDREZA BARROSO, LUIZA BRAGA, LUCAS COSTA, PAOLA PINHEIRO, FELICIANO MARQUES,
THAMIRYS MONTEIRO, ROBSON GOMES, ERCY SOUZA, SUZANA LUZ, GLEDYSON CARDOSO E LUIZA MONTEIRO
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: DANIELLE CASCAES



ROBSON GOMES, PAOLA PINHEIRO, NATHALIA MOURA, ANDREZA BARROSO, DEBORAH LAGO, LUIZA BRAGA,
JUAN SILVA, THAMIRYS MONTEIRO, LUIZA MONTEIRO, FELICIANO MARQUES, LUCAS COSTA,
ERCY SOUZA, VICTOR AZEVEDO, CECÍLIA MORENO, SUZANA LUZ, LARISSA CHAVES E CÁSSIA THAÍS
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 FOTO TAIS MORENA



JÚNIOR SIMPLICIDADE E LUCIANA BASTOS - IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 - FOTO: TAIS MORENA



JÚNIOR SIMPLICIDADE, PAOLA PINHEIRO, LUIZA BRAGA,
FELICIANO MARQUES, LUIZA MONTEIRO E ANDREZA BARROSO
IMPÉRIO DE SAMBA QUEM SÃO ELES, 2017 FOTO: TAIS MORENA

“TRILHO, FUMAÇA, PAIXÃO E ARTE”

Leônidas Barros

Advogado

Meu nome é Leônidas Barbosa Barros, sou advogado militante, e vivo dessa profissão. Nasci na Ilha de Marajó, na cidade de Soure-Pa, que encanta não só por suas belezas naturais, mas, entre outras coisas, por sua valiosa cultura culinária, artesanato, encantarias, musicalidade e dança. Essa raiz talvez seja o embrião de minha paixão pela arte popular, principalmente ligada à cultura e à história desse país chamado Pará. Nesse prisma ingressei, em 2013, na Associação Cultural e Carnavalesca Império de Samba Quem São Eles em Belém, um templo de arte e cultura em Belém-Pa.

No Carnaval de 2018, fiz parte da comissão de elaboração de enredos do Império de Samba Quem São Eles, que resolveu homenagear umas das regiões mais importantes de nosso Estado, o Nordeste do Pará, criando um enredo sobre a Estrada de Ferro Belém-Bragança, mostrando os seus 80 anos de vida, que culminou, inclusive, com o surgimento de diversos municípios, enredo esse que se chamou: **“DE BELÉM À BRAGANÇA: MARIA FUMAÇA E ZÉ TRILHO, VIAJAM NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO, COM A ÁGUIA DO QUENZÃO”**.

Durante a construção do enredo, mesmo antes de realizarmos o desfile, percebemos a importância de ultrapassarmos os limites da avenida, pois tratava-se de acontecimento histórico, que influenciou a vida de milhões de pessoas em mais de dez municípios; no entanto, de forma apocalíptica, essa parte da história paraense foi sepultada pelas mãos coveiras do regime militar de 64.

Vimos no enredo a oportunidade de colaborar com a “ressurreição” da história, não somente pelo simplório período de uma hora de desfile, se esvaindo no esquecimento, franqueado somente aos presentes na avenida, ainda que de forma digna e empolgante, gloriosa e até reavidora, mas era necessário

eternizá-lo, mostrando essa parte importantíssima de nossa memória, por meio de um espetáculo que poderia ser apresentado de forma mais didática e, ao contrário de um desfile de avenida, a qualquer tempo. Esse foi o embrião do espetáculo que se chama *Maria Fumaça e Zé Trilho*.

A finalidade do espetáculo foi proporcionar, ao público presente, não só conhecimento sobre o “nascimento, vida e morte” da Estrada de Ferro, mas, sobretudo, a sua importância no cenário social, político, econômico e cultural, bem como a necessidade de seu resgate memorial, sendo, inclusive, um instrumento que pode ser usado na propulsão turística dos municípios por onde passava a antiga estrada de ferro, pois entendemos ser o turismo um dos elementos de inclusão social mais eficazes da economia.

O espetáculo *Maria Fumaça e Zé Trilho* chama a atenção não somente pelas belezas de produção dos figurinos e movimentos corporais, ou mesmo pelos reflexos sociais de seu resgate, mas por um diferencial que chega a ser um tanto raro nesse tipo de espetáculo: o “Conversa de Mesa”, que é um comentário histórico-didático sobre o tema, de forma dinâmica e objetiva, que precede o início da apresentação, se direcionando de forma explanativa, abordando aspectos que ampliam os conhecimentos do público, facilitando a compreensão dos atos apresentados, o que torna o evento, por sua estética e coreografia, além de festivo e atraente, propagador de conhecimento histórico-intelectual para todas as camadas sociais.

Portanto, o espetáculo *Maria Fumaça e Zé Trilho* justifica o merecimento de apreço e incentivos, uma vez que é instrumento artístico-social para desenvolvimento e criatividade humana.



O trabalho resulta do projeto de pesquisa *Deusa: uma coreofotografia do sagrado feminino na religiosidade brasileira*, contemplado com o Prêmio de Pesquisa e Experimentação Artística da Fundação Cultural do Pará – Programa SEIVA 2018.

O espetáculo parte das fotografias de Guy Veloso – investigador do transe em práticas religiosas para propor a noção de coreofotografia, que é, mais do que uma junção entre duas linguagens artísticas, um movimento de revelação da transcendência presente na dança, tal como denota a obra do fotógrafo. Mediante essa problemática, Ana Flávia Mendes observa as transformações de um pensamento em dança atravessado por um pensamento em fotografia.

“A obra do Guy me desperta para um outro sentido sobre a Dança Imanente, que é uma práxis desenvolvida a partir de meus estudos de doutorado, iniciados em 2005, e a que me dedico desde então. As fotografias tratam diretamente do transe e me levam a pensar na necessidade de falar dos aspectos transcendentais da imanência”, diz a coreógrafa.

Para tanto, Ana Flávia toma emprestada a noção de sagrado feminino – potência de divindade da mulher – para construir uma deusa que diz ser ela mesma. Vai ao encontro da cultura cigana, especificamente do povo cigano cultuado no movimento umbandista, e conhece a cigana Esmeralda, entidade cujo arquétipo remete às suas avós. “Quando conheci a cigana Esmeralda, senti a presença de minhas avós sintetizada em uma única entidade. Esmeralda é forte e ao mesmo tempo terna, é vaidosa e ao mesmo tempo simples. Ela é uma grande cuidadora da família, mas também uma mulher do mundo. Uma verdadeira matriarca do amor, muito parecida com as minhas avós”, explica.

Em *Traços de Esmeralda*, a coreógrafa procura enfatizar transcendência e imanência em uma mesma unidade múltipla: o corpo cênico. Corpo cênico divinizado no diálogo que ela promove entre suas avós e a cigana, refletindo a si mesma por entre traços de mulheres-deusas da sua ancestralidade.

Traços de Esmeralda é um desdobramento da atuação de Ana Flávia Mendes como artista-pesquisadora na Companhia Moderna de Dança e na Universidade Federal do Pará, instituição em que atua como docente no ICA – Instituto de Ciências da Arte (PPGARTES e ETDUFPA), e nos grupos de pesquisa Coreoepistemologias e Tambor.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção, pesquisa e encenação: Ana Flávia Mendes.

Rede de colaboradores:

Guy Veloso (fotografias indutoras)

Iara Souza (laboratório de vivência háptica)

Saulo Sisnando (dramaturgia)

Cláudia Palheta (figurino)

Tarik Coelho (iluminação e ambientação)

Luiza Monteiro, Ercy Souza, Miguel Santa Brígida,

Feliciano Marques (consultoria cênica)

Danielly Vasconcellos, Gláucio Sapucahy (assessoria)

Supervisão de projeto: Thays Reis

Registro: Dani Cascaes (fotografia), Edielson Shinohara (vídeo)

Realização: Governo do Estado do Pará - Fundação Cultural do Pará

Apoio: Companhia Moderna de Dança - Casarão do Boneco





ANA FLÁVIA MENDES - CASARÃO DO BONECO, 2018 - FOTO: DANIELLE CASCAES



ANA FLÁVIA MENDES - TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2018 - FOTO: DANIELLE CASCAES

POR DANIELLE CASCAES

Fotógrafa cênica, bailarina e professora de arte

Esmeralda é ancestralidade artística

A primeira vez que eu vi Esmeralda, ela ainda estava um pouco fragmentada. Meio tímida, passou a maior parte do tempo escondida no meio dos muitos tecidos de sua saia. Pouco se via de seu rosto, quase nada. Deu para ver um pouco no final, quando ela acendeu uma vela. Mas o que deu para ver muito bem, foi o rosto daquelas que vieram antes dela... suas antepassadas, avós, bruxas, ciganas. Mulheres fortes, inspiradoras, que iriam se fazer ainda mais presentes no futuro, dessa vez através dela. Esmeralda foi aparecendo cada vez mais, botando seu rosto para fora dos panos. Seu cabelo foi ficando mais rebelde. Ela também sorria mais, flertava mais com quem trocasse olhares com ela. Da saia onde ela um dia se escondeu, agora saía uma mulher lindíssima, como se os panos estivessem dando à luz aquela mulher. Ela cintilava, rodopiava, sua saia dançava junto com ela. Ela e a saia eram um corpo só, e ao mesmo tempo, corpos diferentes. Dançavam um solo e um duo simultaneamente. Coisa linda de se ver. Suas ancestrais continuavam presentes, só que na forma de objetos, cantos e de presença não-presente. Atemporais. Elas eram sentidas por quem admirava Esmeralda, pois elas também são Esmeralda, apenas diferentes versões dela. Isso me faz pensar em todas as versões de Esmeralda que eu conheci durante a vida. As minhas próprias Esmeraldas ancestrais, mulheres ciganas que carregavam o mundo nas costas. Lembro-me da Esmeralda em questão, bem mais jovem... quando ela ainda não sabia que seria Esmeralda. Eu a achava incrível. Ela me pegou no colo e me levou para o caminho da arte antes de qualquer pessoa. Essa Esmeralda não é minha ancestral familiar, mas é minha mãe artística. É ancestral de alma, de dança, de arte. Ela também me atravessou e atravessa todos os dias, sem se esconder, entregando tudo o que tem. Acompanhá-la é um desafio satisfatório e inspirador. Ela nos inspira a sermos, cada dia mais, um pouco Esmeralda.

POR ERCY ARAÚJO DE SOUZA

*Artista, pesquisador, coreógrafo e
membro do coletivo artístico Companhia Moderna de Dança*

Poema para Esmeralda

Ver de perto é o que te sente
Sem ti a pulsão muda em canto
Ver de perto é o que te traça
Sem ti suas asas na casa aberta
Ver de perto é o que te move
Sem ti o ver de perto fica(r).



POR JUANIELSON A. SILVA (JUAN A. SILVA)

Artista, professor e pesquisador da dança

Toda mulher é um felino em potencial: Reflexões sobre Traços de Esmeralda

No dia 01 de setembro de 2018, fui assistir ao espetáculo *Traços de Esmeralda* da Companhia Moderno de dança, criado e interpretado por Ana Flávia Mendes. Um espetáculo que resulta da pesquisa *Deusa: uma coreofotografia do sagrado feminino na religiosidade brasileira*, da artista supracitada, contemplada com o Prêmio de Pesquisa e Experimentação Artística do Programa Seiva 2018.

Saudades, mãe.

Foi o que pensei quando adentrei aquele espaço. Quando avistei a performer a se balançar em sua cadeira, quando avistei uma velha que aguardava o próprio tempo vir visitá-la. Uma solidão ímpar que gelava o ar. De imediato, me causou a melhor das sensações que um experimento cênico pode causar em quem resolve vivenciá-lo: a de deslocamento temporal e espacial. Eu não estava mais em Belém - não na Belém dos tempos atuais. Não na deste plano. Eu estava em outro lugar, desconhecido aos meus sentidos e aberto à exploração.

Daí talvez a saudade de minha mãe, que tanto tem se manifestado em minhas criações e em meus pensamentos. Saudade porque já não moro mais com ela há sete anos; saudade porque atualmente crio um espetáculo que conversa com a sua história; saudade porque está longe, e porque Ana também é mãe e pura saudade materializada.

Eu conhecia de perto a proposta do espetáculo. Sabia do que se tratava, que era e é um processo de cura e reencontro da artista-pesquisadora com sua ancestralidade, com seu devir mulher, e com seu sagrado feminino.

Para isso ela se transformou, se assumiu e se reinventou enquanto lavadeira, enquanto noiva, enquanto mãe, enquanto macumbeira e outras infundáveis entidades que enxerguei ali. Imagens-força que se constroem a partir do diálogo entre o arquétipo da Cigana Esmeralda, a memória feminina da família da artista e sua própria construção enquanto sujeito-mulher.

Era incrível, atraente e instigadora a performance corporal daquela mulher, que nem de perto se aproximava da “Flavis” que eu habitualmente encontrava nas aulas da ETDUFPA, do PPGArtes ou nos ensaios da Companhia Moderno de Dança. Não era a mesma mulher, mas ao mesmo tempo era. Eu sabia que era ela. Porque na minha frente se materializava tudo o que outrora tinha escrito ou falado sobre Dança e sobre corpo.

A comunicação com os elementos da cena era esfíngica, mítica. Uma saia, uma cadeira, um altar que talvez em outras ocasiões pouco falariam, mas que naquela ocasião eram suficientes para criar um mundo. Comunicação de corpo e de alma com o espaço direto e indireto, com o real, o imaginário, com a imanência e a transcendência.

E eu ali, feito uma criança que vê sua mãe enlouquecer em uma casa vazia, percebia todas as conexões que me fossem permitidas perceber, com o passado e o presente da artista. Ela trouxe tudo e jogou no meu peito, dizendo, sem nem mesmo abrir a boca: “Eu estou falando de todos nós por meio de mim, das minhas dores e das minhas alegrias, por meio de meu corpo”. Na Cena, quem quer que fosse, quem Ana se transformou fazia jus à letra de *Triste, Louca ou má*, de Francisco, El Hombre.

Daí talvez a ideia me surgiu durante o espetáculo de pensar que toda mulher é um felino em potencial, uma espécie de corpo que vislumbra constante e insatisfeita transformação de si, de conexão com outros planos e outras formas de ver o mundo, de vivê-lo, um corpo que outorga por meio da arte um discurso contra a negligência do seu e de outros corpos ao longo da história patriarcal da humanidade contada de forma piramidal e unilateral. Daí talvez, também, o incômodo e a satisfação com a *presença causada pela ausência* do fluxo de energia masculina na cena.

Era dela que ela falava! Claro, também de todos que por ela passaram, passam e ainda vão passar; mas era dela, essencialmente dela que ela falava.

Certamente, Ana é um felino em potencial, potencial não porque tem potência para ser, mas porque usa de suas potências subjetivas para tal. Ana é, em *Traços de Esmeralda*, onça verde, esmeralda sedutora, mãe, avó, cigana, pomba gira... E como gira, Ana.



ANA FLÁVIA MENDES - CASARÃO DO BONECO, 2018 - FOTO: DANIELLE CASCAES



ANA FLÁVIA MENDES - TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2018 - FOTO: DANIELLE CASCAES









UMA POESIA DE VIDA

Aníbal Pacha

*Artista de Teatro de Animação, Bonequeiro, Cenógrafo,
Figurista e professor da Escola de Teatro
e Dança da Universidade Federal do Pará*

No vai e vem do balançar de uma cadeira o tempo atravessa o corpo, traça invisibilidades de linhas que amarram afetos e desejos. Linhas de um rosário de contas no passar dos dedos, no silêncio da oração. *Traços de Esmeralda* é uma poesia de vida movente de ancestralidades.

Olha, observa, transmuta sua ação em manifesto do desejo. Seu mundo está contido em uma frasqueira que carrega para o encontro de corpos invisíveis, latentes em seu corpo. Não está só. Outros olhares tatuam, e eu me colocava entre eles, o desejo da transcendência e imanência em seu corpo movente em cena. Candeia verde acende seu traçado com esmeralda, num ritual fecundo para entrar em sua mandala de urdiduras verdes. Subverte ao círculo dessa mandala têxtil, por sobre sua cabeça, em um estado de santificação. Não espera nada, apenas observa quem de fora olha.

O encontro entre suas memórias ancestrais e o momento do agora é inevitável e pulsa em seu corpo materno. Embala e afaga sua cria em constante subversão da forma dos elementos da cena. Oferece seu filho ao mundo dos olhos. Ternura e afeto se instalam nesse ritual de bem aventurança.

Recebo como um presente de Ana Flávia Mendes esse momento, implantado em um lugar encantado por sua origem familiar e que compartilhamos em nossas trajetórias. Nosso vínculo tem como laço a morada de sua ancestralidade com minha permanência bonequeira nesse templo da Arena dos Tajás, no quintal de sua infância.

Com seus *Traços de Esmeralda*, tece conexões muito especiais que não foram possíveis de desvincular de toda a carga emocional a mim dada e

provavelmente a ele. Nossos traçados não se perdem no tempo, eles se transmitem e redimensionam no presente o tempo todo. Meu estado passivo/ativo, olhando para o corpo cênico divinizado de Ana Flávia se encheu de arte, pela fluidez de sua presença cênica.

Mesmo sabendo, como artista de teatro que sou, que todo esse trabalho vem de uma pesquisa muito profunda, me distancio e deixo a sinestesia para presenciar a arte da cena se enredando com vida e pulsação entre uma mulher e uma cigana, entre o amor e a morte. O trabalho com os objetos de cena é surpreendente e nos força a desconstrução da lógica funcional. O que ele traz não é o sentido das coisas, mas seu sentir no corpo, arrastando memórias, carregando emoções de uma vida.

Do cantar faz sua enunciação de chamado do seu fado cigano, com seu “peito de aço e o coração de sabiá”. Ilumina o caminho para sua aproximação com seu corpo tomado pelo calor e a luz da candeia verde. Seus movimentos são pulsantes e girando os dedos, como se misturassem o ar ao aroma de seu perfume, deixando todos inebriados ao seu redor.

Seu corpo é envolto pelo verde de seu girar dançante. Suas moedas brilham em seu corpo ao toque do tambor, chamando fortuna e prosperidade. Gira em torno de seu objeto de memória, consagrando sua ancestralidade. Fluidez se anuncia para outros momentos e outros estados de vida de tudo o que é memória.

O tambor marca o tempo do que é visível e não visível aos nossos olhos, como um relógio, com a presença de Esmeralda. Nesse momento, Ana Flávia brilha mais que o ouro na ciranda, entre os mundos da ficção e da realidade tangível. Esmeralda se empodera das memórias de Ana Flávia Mendes, ou será que é o inverso? E nos propõe uma outra dialética do sagrado feminino.

Optchá, Companhia Moderna de Dança!



ANA FLÁVIA MENDES - TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2018 FOTO: DANIELLE CASCAES

A obra se faz no encontro da práxis da Dança Imanente com a noção de Encantarias, de João de Jesus Paes Loureiro. Inspirado nas encantarias, seu processo criativo constrói-se tomando como referência as encantarias dos rios amazônicos, cujas águas turvas criam a zona transcendental onde encontram-se, paradoxalmente submersos, os encantados que poetizam a existência cotidiana dos rios.

Nesse sentido, os intérpretes-criadores apresentam em cena as encantarias e encantados desvelados nos mergulhos particulares e coletivos resultantes de experiências de imersões propostas e experimentadas por cada intérprete-criador ao longo do processo, a fim de alcançar e apresentar na cena as dimensões submersas do corpo.

Esse espetáculo é fruto da pesquisa acadêmica de doutorado em artes realizada pela diretora artística, Luiza Monteiro, junto ao Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, com bolsa sanduíche na Université du Québec à Montréal, no Canadá.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção, argumento e roteiro: Companhia Moderno de Dança

Direção artística: Feliciano Marques e Luiza Monteiro

Experiências de imersão: Gleydison Rodrigo, Luiza Monteiro e Robson Gomes

Laboratório de visualidade háptica: Iara Souza

Cenografia: Tarik Coelho e Companhia Moderno de Dança

Figurino: Frederico Aranda, Tarik Coelho e Companhia Moderno de Dança

Objetos cênicos: Aníbal Pacha

Maquiagem: Lucas Costa e Companhia Moderno de Dança

Iluminação cênica: Tarik Coelho

Fotografia: Danielle Cascaes

Artes gráficas: Victor Azevedo

Assessoria de comunicação: Patrícia Vasconcellos

Produção: Tarik Coelho

Rede de colaboradores: Ana Flávia Mendes (consultoria cênica); Iara Souza

(laboratório de vivência háptica); Larissa Chaves (criadora); Luiza Braga (criadora)

Criadores: Andreza Barroso, Feliciano Marques, Gleydison Cardoso,

Lucas Costa, Luiza Monteiro, Paola Pinheiro, Robson Gomes, Thamirys Monteiro, Victor Azevedo e Williame Costa.

NA BEIRA | 2019



GLEYDYSON CARDOSO - TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES



ANDREZA BARROSO - TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES

POR PAOLA RODRIGUES PINHEIRO

Artista, pesquisadora e professora de dança

O espetáculo *Na Beira* foi muito importante para mim, pois ele foi o primeiro espetáculo no qual participei da criação enquanto integrante do elenco da Companhia Moderna de Dança. Foi um espetáculo que sugou muito de todos nós; muita energia, por tratar questões filosóficas bem complexas, e nos fazer refletir muito sobre a noção de corpo, de vida e de morte, de arte, de estética. O *Na Beira* me fez encarar minha finita mortalidade, e o significado que isso carrega me colocou de frente com os meus medos obscuros, nas vivências de laboratórios cênicos, fazendo com que eu me virasse do avesso, expondo o profundo do meu eu. Essa exposição, mesmo que necessária para a pesquisa profunda de si e do corpo, foi dolorosa, mas ao mesmo tempo esclarecedora. Novos corpos, novos “eus” foram surgindo dentro desse processo, como também uma maturidade cênica. Esse espetáculo me colocou no precipício do meu eu, ao ponto de não saber mais quem era esse eu, no momento de mistura dos corpos, dos “eus”, das imanências, unificando todos em um, mas ao mesmo tempo, em vários outros seres encantados. Foi provocada em nós e no público a estranheza de si e de se mover, o medo, o êxtase, o transe, sensações que os movimentos desse espetáculo trazem sobre nós, mas principalmente a sensação de coletividade. Criar e ser coletivo, que ao mesmo tempo nos instiga e proporciona os diversos nascer e morrer individuais ao longo da nossa vida/dança.

POR ROBSON FARIAS GOMES

Artista, filósofo e pesquisador da interface Arte-Filosofia

“NA BEIRA”: o mergulho para fora

Na Beira é o auge do que posso conceber ou imaginar em mim-mesmo-outro enquanto Dança Imanente no âmago de sua autoinvestigação. Dancei, danço e dançarei *Na Beira* desde tudo que tenho feito até o fim último do que farei em vida. Este espetáculo é o que sou no máximo do que consigo rizomaticamente me articular comigo e com outrem (espaço, objetos, corpos cênicos) em expressão de cena. Para além dos conceitos, ou dentro deles, ou *enquanto* eles, eu mergulhei em um rio diferente que estava inclusive para além de mim mesmo em sua concepção e execução. Era o demasiado abstrato em experimentação. “Lugar de sensações” era em que se transformava cada palco desta dança “sem sentido”, mas dilatada e disposta de todo nele. *Na Beira* foi a experiência de experimentar ser outro sendo eu mesmo nas dimensões invisíveis das águas barrentas, onde tudo é turvo e o nada nada no sem fim. Conhecer outras pessoas em processo de cena mostrou-me na prática que o processar obra é processar tudo o que a envolve, e que, desta maneira, não há a menor possibilidade de isolá-la de um conflito, de uma dúvida, de um estranhamento, de uma lágrima, de uma vida. Estar em Companhia Moderna de Dança significa, para mim, estar “na beira” de um penhasco criativo e teórico ao qual sou sempre convidado a me lançar e, detalhe, despencar “sem medo” – e a minha barriga esfria no próprio ato desta escrita só de pensar nesse perigo que eu aceitei me arriscar –, a ponto de descreditar que o nada não existe e que o tudo pode ser a totalidade parcial de uma reinvenção dada em diálogos fragmentados da existência de um ou vários corpos interligados como constelação. Estar “na beira” faz-me agradecer pela vida e pela “morte do corpo”. Quando digo que amo a Companhia Moderna de Dança, digo que amo a mim mesmo!



PAOLA PINHEIRO, ROBSON GOMES, VICTOR AZEVEDO, THAMIRYS MONTEIRO, FELICIANO MARQUES,
LUIZA MONTEIRO, GLEYDYSON CARDOSO E WILLIAME COSTA
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES

POR VICTOR AZEVEDO

Artista, arquiteto e urbanista

O *Na Beira* é a minha primeira criação oficial na CMD. Tenho um carinho especial por essa obra por ter presenciado e participado de sua criação desde o início. Além de ensaios, também nos reuníamos muito para debater a parte teórica que envolvia o espetáculo. Criamos roteiros, figurinos, dentre várias outras coisas para trazer as encantarias que tínhamos em nossas mentes para o palco. Uma das primeiras imagens que tive do *Na Beira* na minha mente foi o que eu chamei de “Jardim Psicodélico”, e até hoje tenho essa imagem muito viva quando penso no que o *Na Beira* é. Ele é o jardim no qual os frutos que colhemos são nossa própria loucura. Um espetáculo que é regado de regionalidade, mas de uma forma extremamente inesperada. Cada espetáculo que eu participo deixa um ensinamento para eu levar para a minha vida artística e o *Na Beira*, sem sombra de dúvida, deixou para o elenco a capacidade de se adaptar a situações extremas em cena. O espetáculo foi criado por 10 pessoas, mas precisou ser apresentado com 10, 9, 8, 6 e, por vezes, até 4 integrantes. A capacidade dele se modificar sem perder sua forma é encantadora.

POR DANIELLE CASCAES

Fotógrafa cênica, bailarina e professora de arte

A encantaria de estar presente na ausência

O *Na Beira* chegou de fininho e de repente. Na verdade, eu nem me lembro muito bem como foi o meu primeiro contato com esse espetáculo. É quase como se ele sempre tivesse feito parte de mim. E acho que, de certa forma, ele fez. Acho que a não-memória desse momento inicial se dá ao fato de que eu estava muito mais imersa nos processos criativos da Companhia Moderna de Dança no momento em que ele estava sendo criado do que eu jamais estive antes. Eu frequentava regularmente os ensaios, apesar de ainda não fazer parte do elenco. Sempre levava a minha câmera, fotografava o alongamento, as conversas, as experimentações... tudo. Mais de uma vez, durante o processo criativo do *Na Beira*, eu participei dos laboratórios de criação junto com o elenco. Os motivos eram diversos: por vezes, o laboratório seria realizado no escuro, o que me impossibilitava de registrar algo, pois preciso de luz para fotografar. Outras vezes, eu participava por sentir que precisava de uma visão interna do processo para poder melhorar a minha poética visual através da fotografia. E outras vezes eu participava simplesmente porque eu podia. É bom esse sentimento! Sentir que pertencemos a algo tão profundamente, que não importa a função, sabemos que nossa presença é válida e que faz a diferença. É por esses e por outros motivos que eu sinto que o *Na Beira* também é um espetáculo meu. Eu fiz muitos trabalhos criativos envolvendo esse processo, trabalhos que tenho muito orgulho. Também é incrível poder assistir ao *Na Beira* e conseguir me enxergar ali dentro, no meio dos vultos, fumaças e corpos que dançam e enlouquecem juntos. Eu sei, eu sinto. Eu me sinto presente no palco quando assisto ao espetáculo. Talvez essa seja a mais poética das encantarias.





POR THAMIRYS MONTEIRO SILVA

Artista e professora de dança

“Acendo.

Queimando, acendo este corpo e nas cinzas de pensamentos profundos mergulho”.

Mergulhar em si, e com esse mergulho alcançar o seu infinito (ou infinitas possibilidades de ser) que estará para cima - no céu - galáxias/constelações, ou para baixo - na água - profundezas do rio -, ou em nenhum dos dois, ou pode estar entre os dois... um limbo?

Parece uma viagem, né?

Foi assim que me senti durante o processo de construção e apresentação dessa obra. Viajando em mim, em Companhia, comigo, com os outros, em busca das encantarias do corpo, dos corpos.

“Rasgo e arranco esta pele, me transformo. Sou o agora encanto”.

Transformar. Para a construção da obra tivemos muitos laboratórios/experimentações na tentativa de alcançar esse transformar, o ser encantado, de várias maneiras. Chegamos a tantos resultados lindos que foi difícil fechar a obra “final”, tendo que deixar coisas de fora. Enfim, processos.

“Sou os olhos, sou além dos olhos”.

Um processo demorado, cansativo, poético, bonito, diferente, de muitas possibilidades, desde a maquiagem até o estar em cena; de um amadurecimento, potencial e responsabilidade sem fim. E o mais importante, compartilhando toda essa experiência com pessoas, artistas, incríveis.

“Giro encarno, girando me volto”.



PAOLA PINHEIRO, VICTOR AZEVEDO, LUCAS COSTA, THAMIRYS MONTEIRO E WILLIAME COSTA
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES



PAOLA PINHEIRO, THAMIRYS MONTEIRO, VICTOR AZEVEDO E WILLIAME COSTA
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES



GLEYDYSON CARDOSO, WILLIAME COSTA, ROBSON GOMES, LUIZA MONTEIRO, VICTOR AZEVEDO,
PAOLA PINHEIRO, THAMIRYS MONTEIRO, LUCAS COSTA, FELICIANO MARQUES, E ANDREZA BARROSO
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES



FELICIANO MARQUES, ROBSON GOMES E LUIZA MONTEIRO
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES



GLEYDYSON CARDOSO, WILLIAME COSTA, ROBSON GOMES, LUIZA MONTEIRO, VICTOR AZEVEDO,
PAOLA PINHEIRO, THAMIRYS MONTEIRO, LUCAS COSTA, FELICIANO MARQUES, E ANDREZA BARROSO
TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS, 2019 - FOTO: DANIELLE CASCAES



UM VENTO BATEU DENTRO DE MIM, NAQUELA BEIRA

Orlando Maneschy

Artista, curador e professor pesquisador

**a viagem do que mora no lugar
na beira do rio é no tempo
e não no espaço.**

João de Jesus Paes Loureiro

A dança é uma linguagem muito presente na região norte do país e está inscrita na vida do paraense de maneira significativa. Temos no carimbó uma destas expressões mais conhecidas, observada com frequência em festas populares, festivais e eventos de caráter turístico, mas há muitas outras danças, como o lundu, a marujada, o siriá etc., que se instauram no cotidiano dos povos da Amazônia. Olhar para as manifestações culturais e para o local de origem é não só um ato de reconhecimento, mas uma tomada de posição diante da própria história perante o lugar de pertencimento.

Aqui vamos abordar como a Companhia Moderno de Dança estabelece algumas operações em ações artísticas, espetáculos e em construção de conhecimento. Perceber bases da cultura, ressignificar relações, incorporar movimentos e particularidades dos participantes em seus projetos artísticos são algumas das formas com as quais a Companhia Moderno de Dança trabalha. Por vezes, elementos de distintas matrizes culturais são acessados por meio de pesquisas ativas entre a academia e as redes de sociabilidade, onde são articulados um conjunto de experiências, narrativas e afetos. Introjetados nos corpos dos integrantes da Companhia, estes ganham expressividade nas ações propostas, materializadas em performances e espetáculos.

A Companhia vem se destacando pelo caráter experimental das propostas, muitas vezes gestadas entre o corpo de baile, a instituição (como a Universidade Federal do Pará) e o cotidiano de seus bailarinos em solos,

pequenos gestos e performances que ora são ativados na experiência cotidiana, ora alimentam estudos, fomentam percursos, viram apresentações.

Para abordarmos o espetáculo *Na Beira*, optamos por iniciar observando outro espetáculo que ganhou destaque em seu repertório: o *UM* acionou matrizes da filosofia Ubuntu, originária dos povos Bantu, da África do Sul, pensamento que nutre um entendimento conceitual sobre a ideia de *unidade* enquanto constructo de compreensão sobre humanidade. Há uma ideia de horizontalidade, em que “eu sou pelo que nós somos!”, que deflagrou a motivação da Companhia para realizar o respectivo trabalho, identificado com a percepção de “uno” que tanto é caro ao trabalho do grupo e que ativa os modos de operação dos bailarinos nesse espetáculo.

Criada há 18 anos no extinto colégio Moderno pela bailarina, professora e pesquisadora, Doutora Ana Flávia Mendes, do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, a Companhia Moderno de Dança sobressai não apenas pela qualidade artística, mas pela produção de reflexão acerca da linguagem e suas questões. É ali o nascedouro da teoria da Dança Imanente, proposição estudada pelo grupo e fundamento para a constituição dos procedimentos e projetos que vai investigar e estimular os processos subjetivos de cada sujeito em suas operações e afetos sobre o corpo, com seu saber-corpo.

Desde então, um repertório foi composto com espetáculos como o *UM*, que foi contemplado com o Prêmio Funarte de Dança Klaus Vianna 2013 e já teve algumas temporadas em Belém, além de circulação no interior do estado do Pará, nas cidades de Soure, Salvaterra, Concórdia, Barcarena e Santarém, e em Macapá (AP). O espetáculo foi contemplado também com o edital de ocupação dos espaços culturais da CAIXA em 2017, com temporada em São Paulo.

Calcado na noção múltipla que forma o grupo, se configurou o conceito de Dança Imanente, teoria e método, que espelha a noção de que no conjunto a unidade e sua potência operam. Este modo particular da Companhia respeita as diferenças dos corpos de seus bailarinos, lançando mão da potencialidade de cada corpo para constituir um discurso repleto de vozes. Tal noção, aplicada à

prática cênica do grupo, configura-se como saber-fazer que parte dos princípios de unidade e coletividade como motrizes de um pensamento-ação em dança. Em *UM* buscou-se abstrair elementos da capoeira, do samba, das danças afro-baianas e da música africana, incorporando ao pensar-fazer Dança Imanente.

É na reflexão sobre inúmeras vozes que se somam em narrativa que emerge a percepção sobre a Amazônia materializada no espetáculo *Na Beira*. Articulado pela bailarina, pesquisadora e diretora artística Luiza Monteiro em seu projeto de doutoramento, um *ethos* é acionado pela artista ao olhar para os modos de existências, por vezes mínimas, presentes na região. A experiência do sujeito ribeirinho na vivência compartilhada em suas diversas organizações de tempo e espaço presentes na cotidianidade são articuladas, entrelaçando experiências imanentes com os elementos do grupo. Assim, a artista convoca a Companhia para tomar parte dessa grande narrativa multifacetada, imaginada e magicizada por ela em diálogo com a obra do poeta, ensaísta e professor João de Jesus Paes Loureiro. O espetáculo reitera o lugar de uma elaboração calcada na experimentação coletiva estabelecida pela soma de corpos diversos, mote do grupo.

Inspirado no conceito de Encantarias trabalhado pelo poeta e professor Paes Loureiro, grande homenageado no Projeto Arte Pará 2019, em que o espetáculo toma parte com sessões gratuitas em teatro e sua versão em videoarte no museu, *Na Beira* nasce dessa encantaria, tão presente no imaginário dos povos da região e que afeta os modos de existir, de resistir, incidindo em hábitos, ampliando a percepção das subjetividades, enquanto viventes em uma região de alto índice de umidade.

É um convite ao contato com experiências sensíveis impregnadas de absurdo, encantamento, mistério, magia e transe. Um mergulho às profundezas encantadas que habitam em cada um de nós. Nessa experiência imanente, ao somar os múltiplos corpos num só corpo de baile, micro e macro políticas são acionadas em forma de decifração de mundos. Histórias, memórias, mitologias atravessam-se nos encontros de corpos que pulsam na presença de tantos nós, múltiplos corpos em devir, ora submersos em suas profundezas, e que no espetáculo ganham a possibilidade de emergir durante as cenas.

Os intérpretes-criadores propõem-se a ir além do aparente do corpo, daquilo que é visível, como uma oportunidade de trazer à tona as nuances dos processos subjetivos, das encantarias que são profundas do ser, e externarem por meio da dança essas questões. Sendo assim, as danças imanentes apresentadas na obra são revelações dos seres encantados que habitam nos corpos criadores do espetáculo.

Há um corpo múltiplo constituído na soma dos corpos que atuam *Na Beira*. Distintos em suas memórias, formas e movimentos, imantam-se de suas vivências, pulsões e fantasmas, e entregam-se ao fluido das narrativas amazônicas, liquidificam-se em seus setenta por cento de água, correm frouxos, dibubuiam-se, emitem sons, cantam. Ficam à beira da terceira margem, do lado de lá, em um devir bicho, devir homem, devir natureza, devir encantado.

Na Beira nos convoca a entrar em um campo de alteridade, na brecha entre-mundos, na percepção à pluralidade das formas de vida e de não-vida que reverberam em um fluxo ora caudaloso, ora delicado, repleto de sons, cheiros, cantigas e murmúrios. Ali, nos permitimos outras formas de viver nosso saber-corpo, nesse entre-mundos em que sentimos o súbito arrepio do bater do vento antes da tempestade ao percebermos que estamos “na beira”.

A seguir, apresentamos entrevista com o grupo sobre sua participação no Arte Pará 2019.

Orlando Maneschy: Como vocês receberam o convite para participar do Arte Pará 2019?

CMD:

Para a CMD, foi uma imensa surpresa e enorme satisfação receber o convite da curadoria do Arte Pará, sobretudo pela relevância desse evento no cenário das artes no Brasil e, além disso, do ineditismo da participação de uma obra de artes cênicas para integrar a programação do evento. Essas duas questões nos honram muito e fazem com que estejamos gratos pelo convite e sabedores da responsabilidade que esta participação requer de nós. A CMD terá sua participação por meio da obra *Na Beira*, que integra o Arte Pará tanto na sua versão em vídeo, concebido e editado pela CYN Produções, que está sendo exposto no MAP até o mês de dezembro, quanto na sua versão para palco, que será apresentada no teatro Waldemar Henrique nos dias 12 e 13 de novembro, e 04 e 05 de dezembro.

Na Beira é a obra da atual pesquisa de doutorado da bailarina e uma das diretoras artísticas da CMD, Luiza Monteiro. Atualmente, Luiza se encontra em Montréal, no Canadá, juntamente com o bailarino e diretor artístico da CMD, Feliciano Marques, por ocasião de uma bolsa de estudos para realizar parte de seu doutorado no departamento de dança da UQAM (Université du Québec à Montréal). Este período também é um momento de pesquisa para o amadurecimento do *Na Beira*. O espetáculo já foi apresentado em uma pequena temporada em julho, pela ocasião da qualificação da pesquisadora, além de ter sido contemplado com o prêmio Pauta Por Todo Pará, da Fundação Cultural do Pará, apresentado no Teatro Waldemar Henrique no início de agosto. Para a encenação no Arte Pará, a obra passou por momentos de amadurecimento e transformações, tendo em vista o caráter processual tanto da pesquisa acadêmica quanto do processo criativo do espetáculo, no que tange ao entendimento da CMD de que a obra nunca está finalizada; sempre é passível de transformações.

Nesse sentido, estar no Arte Pará apresentando um trabalho que conecta questões de pesquisa em arte nutridas na academia e, sobretudo, no labor das etapas criativas da obra conectada a essas questões, nós da CMD vemos como uma abertura de espaço para afirmação do fazer das artes cênicas no nosso estado. Um momento de compartilhamento com os demais artistas presentes na programação do evento. Uma grande oportunidade de tornar público os conhecimentos em dança produzidos na contemporaneidade, assim como uma partilha das particularidades do trabalho artístico da CMD.

OM: Fale sobre o início da Companhia.

CMD:

A CMD surgiu dentro de uma instituição de ensino de Belém que, infelizmente, já não existe mais, o Colégio Moderno. Formada pela jovem professora de dança Ana Flávia Mendes, Gláucio Sapucahy, um professor de educação física e coordenador das atividades artísticas, dada a sua alma de artista e carnavalesco, e por um grupo formado em sua maioria por antigos alunos da instituição, a Companhia iniciou suas atividades em novembro de 2002, fortemente apoiados pela diretora pedagógica da instituição, a professora Marlene Vianna, que não apenas autorizou o desenvolvimento do projeto, mas os fez entender que não bastava dançar, era necessário criar asas e aprender a voar com a dança. O princípio deste voo coincidiu com o ingresso de Ana Flávia no universo da pesquisa acadêmica em Artes, com seu mestrado na Bahia. E assim iniciou-se a nossa trajetória.

OM: Como vocês têm recebido a resposta tão positiva do trabalho de vocês local e nacionalmente?

CMD:

A responsabilidade é muito grande, pois além de fazermos nossa arte, nos tornamos referência para o trabalho de outras pesquisas coreográficas e acadêmicas. Para além disso, poder levar nossa arte para outras cidades, e assim mostrar a qualidade do que é produzido em Belém, no Pará, Região Norte e Amazônia, nos deixa extremamente felizes, pois revela o quanto o trabalho de investigação cênica que realizamos há quase duas décadas é importante para

a região amazônica e para a formação de cada integrante de nossos trabalhos. O reconhecimento da mídia nos faz crer que o árduo caminho traçado até o momento é glorificante e está certo, pois é um dos meios pelos quais o público nos alcança, e a mídia espontânea está aí pra nos ajudar nessa tarefa de difundir a arte da dança como algo transformador.

OM: Como você sintetiza o espetáculo e a videodança *Na Beira*?

CMD:

Na Beira é uma obra criada a partir das encantarias do corpo. Toda a visualidade cênica do espetáculo com figurino, maquiagem, corpos, iluminação, dentre outros elementos, convida o público a mergulhar no universo poético do corpo. O espetáculo não apresenta os Encantados dos rios amazônicos, no sentido mais objetivo que podemos rememorar, como por exemplo a lara, o Boto, a Boiúna. As encantarias do rio foram inspiração conceitual para um início de pesquisa e processo criativo voltados para os mergulhos nas encantarias de cada um dos corpos dos criadores do espetáculo. Neste sentido, o público se depara com o universo poético dos corpos dos bailarinos revelados pela própria obra. *Na Beira* não apresenta uma narrativa linear. Portanto, cada espectador é criador de narrativas, a partir da apreciação da obra e de suas encantarias particulares. O espetáculo tem duração média de 60 minutos e convida o público a mergulhar no universo encantado do corpo. *Na Beira* conta com a direção artística de Ana Flávia Mendes, Feliciano Marques, Luiza Monteiro e Tarik Coelho. Iluminação e produção de Tarik Coelho e CMD. Figurino de Frederico Aranda e CMD. Maquiagem de Lucas Costa e CMD. Vídeo de CYN Produções. Fotografia de Danielle Cascaes. Artistas colaboradores do processo, lara Souza e Aníbal Pacha. Para a versão do Arte Pará, o elenco da obra compõe-se por Andreza Barroso, Gleydyson Cardoso, Lucas Costa, Paola Pinheiro, Thamyris Monteiro, Victor Azevedo e Will Costa.

OM: Qual a importância do Professor Paes Loureiro para o desenvolvimento da Companhia?

CMD:

Paes Loureiro está diretamente ligado à CMD desde a fundação do grupo. Aliás,

a fundação da CMD tem estreita ligação com a Academia de Artes. O grupo foi criado no mesmo ano em que Ana Flávia Mendes ingressou no mestrado em Artes Cênicas, firmado a partir de convênio interinstitucional entre a UFPA e a UFBA. Na ocasião, o professor Paes Loureiro tornou-se orientador de Ana Flávia e assim iniciou-se essa história. A partir do mestrado da nossa coreógrafa, o professor Paes Loureiro passou a ser um amigo, conselheiro e consultor da companhia, influenciando muitas de nossas obras, tanto por sua teoria acadêmica quanto por sua poesia.

A partir de sua abordagem sobre Encantaria dos rios Amazônicos, espécie de Olimpo submerso no fundo dos nossos rios onde habitam os seres encantados da Amazônia, o professor Paes Loureiro criou a Poesia como Encantaria da Palavra, propondo pensarmos que o poeta, por meio de mergulhos no rio da palavra, faz emergir a poesia, a palavra encantada. Nesse sentido, a palavra possui sua função utilitária, cotidiana, mas, nas suas profundezas, na sua encantaria, habita sua potência poética, de onde o poeta faz emergir a poesia. A partir dessa perspectiva, Paes Loureiro escreveu um texto chamado “A Arte como Encantaria da Linguagem”, ampliando a perspectiva da encantaria para a arte de modo geral, ou seja, toda as manifestações artísticas são reveladoras de encantarias e passíveis de encantamento. Desse modo, Luiza Monteiro inspirou-se nesta proposição para, em sua pesquisa de doutorado, pensar um pouco sobre a Dança Imanente, teoria e prática artística da CMD, e sua relação com o universo encantado de cada corpo criador. De onde surge o gesto poético do corpo que cria a sua própria dança? Onde o corpo busca a poesia de si para criar sua dança? Quantas Encantarias e quantos Encantados habitam o ser criador? Estas são algumas das perguntas que norteiam o que a artista-pesquisadora chama de encantaria do corpo, inspirado na proposição de Paes Loureiro, com orientação de Ana Flávia Mendes.

OM: Como vocês percebem o pensamento do Professor Paes Loureiro para a Amazônia?

CMD:

O pensamento de Paes Loureiro é de extrema relevância para a Amazônia, sobretudo considerando a perspectiva decolonialista. Sua obra, tanto teórica

quanto poética, reflete a sabedoria do nosso povo, em crenças, costumes e modos de ser reveladores de nossa ancestralidade, que nos inspiram a buscar o que há de mais legítimo em nós, o que é único em nós. Ao mesmo tempo, descobrimos em nossas particularidades a universalidade dos nossos saberes. Nesse processo, o professor Paes Loureiro é, sem dúvida, um ícone de afirmação da nossa cultura como construção de conhecimento.

OM: O *Na Beira* trata de matrizes de nossa cultura, como toda a ideia de Encantarias. Fale um pouco sobre o espetáculo.

CMD:

A linguagem cênica do *Na Beira* torna visíveis questões muito profundas dos corpos de seus criadores, questões essas entranhadas nas suas encantarias particulares e nas encantarias do coletivo. Ao todo somos 10 criadores em cena, mas também muitos outros que participam e participaram do processo de criação da obra. Portanto, a cena e seu processo criativo tornam visíveis muitos atravessamentos de questões sociais, econômicas, políticas e emocionais de cada um desses corpos, que são infinitos cruzamentos de raças e gêneros. Que são ribeirinhos, são caboclos, são água, chuva, e são muitas outras coisas juntas e em constante modificação. Nessa perspectiva, é sempre possível que a linguagem da obra se amplie cada vez mais para as múltiplas matrizes desses corpos criadores, que refletem a universalidade humana e que sem dúvida habitam em suas encantarias e emergem em poesia na cena por meio do gesto dançado.

Vagalumear. É um verbo-ação presente na vivência-memória-criação do pesquisador Ercy Souza durante sua fase criança, sob(re) a observação dos voos dos vaga-lumes no escuro da mata. Essa (vivência-memória-criação) se apresenta nas proximidades do rio Xingu, no município de Altamira, no interior do Estado do Pará-Brasil.

Dessa observação surge a analogia ao processo de criação e potencializa as interpretações do que seria luz, breu, trajeto, encanto, mistério, erro, frustração, mo(vi)mento, imaginação e (trans)criação. Para tanto, o momento atual atravessa esse processo, pois estamos em tempos de busca de uma cura mundial devido à COVID-19, e busca-se também curas individuais da saúde mental pelas reflexões e ações, sendo estas pessoais e sociais.

Tais ações e reflexões de cura podem ser acionadas diretamente pelo âmbito artístico, mas, paradoxalmente, a Arte vive um momento de desvalorização ainda maior, social e individualmente, diria até mesmo que por parte de nós artistas que nos cegamos em muitos momentos para a relevância historicamente reconhecida da Arte na cura da humanidade. Nos cegamos ao buscarmos a sobrevivência por meios que nos colocam em um estado alheio ao corpo artístico e presos em um corpo biológico, e assim buscamos sobreviver e nos curarmos por outros meios que não o fazer-pensar a Arte do/para/no corpo. Não aceitar as mudanças, as diferenças e os mo(vi)mentos coletivos diante de uma doença adoece tanto quanto a contaminação por um vírus no sangue.

Vagalumear é um mo(vi)mento, uma observação, é luz e breu em meio ao caos das incertezas apresentadas pelo processo-vida presente. E em CMD, *vagalumear* se instaura na incorporação do coletivo artístico em seu fazer-pensar o corpo múltiplo e uno chamado Etá, afetado pelas possibilidades midiáticas e afetivas.

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO
VAGALUMEAR 1



CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO
VAGALUMEAR 2



CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
AO VÍDEO DO
ESPETÁCULO
VAGALUMEAR 3



FICHA TÉCNICA DA ESTREIA

Concepção, argumento e roteiro: Companhia Moderna de Dança como Etá

Orientação de pesquisa e processo: Ana Flávia Mendes

Direção artística: Ercy Souza

Experiências de imersão: Etá

Escrita coletiva e videocontação: Etá

Laboratórios de incorporação: Ercy Souza

Trilha: Christian Perrotta

Cenografia: Etá

Figurino: Etá

Maquiagem: Etá

Direção de vídeo: Ercy Souza

Edição de vídeo: Edielson Shinohara, Feliciano Marques e Tarik Coelho.

Fotografia: Danielle Cascaes e Ercy Souza.

Artes de divulgação: Paola Pinheiro e Victor Azevedo

Intérpretes-criadores: Cecília Moreno, Danielle Cascaes, Ercy Souza, Edielson Shinohara, Feliciano Marques, Letícia Sousa, Luiz Thomaz Sarmento, Luiza Monteiro, Paola Pinheiro, Robson Gomes, Tarik Coelho e Victor Azevedo.

Rede de colaboradores: Alessandra Nogueira; Ana Cláudia Costa; Andreza Barroso; Jardel Augusto Lemos; Lucas Costa; Márcio Moreira; Naíse Costa, Saulo Silveira e Saulo Sisnando.

Etá: Ana Flávia Mendes, Christian Perrotta, Cecília Moreno, Danielle Cascaes, Edielson Shinohara, Ercy Souza, Feliciano Marques, Letícia Sousa, Luiz Thomaz Sarmento, Luiza Monteiro, Paola Pinheiro, Robson Gomes, Tarik Coelho e Victor Azevedo.

VAGALUMEAR | 2021



LETÍCIA SOUSA - PRAÇA DA REPÚBLICA, 2020 - FOTO: ERCY SOUZA



LETÍCIA SOUSA - PRAÇA DA REPÚBLICA, 2020 FOTO: ERCY SOUZA

POR LETÍCIA SOUSA

Artista e estudante

O *Vagalumear* foi um processo de aprendizado para mim em vários sentidos. Primeiramente, me entender artista e bailarina criando uma obra pela internet em meio a uma pandemia foi um desafio, já que o fazer artístico, na minha vida, sempre esteve relacionado com o contato físico. Então, construir um espetáculo através de reuniões online foi algo novo. Outro momento de saída da zona de conforto foi gravar, sozinha, os vídeos para o espetáculo. Procurar a melhor forma de registrar o recado e as emoções que eu queria passar, pesquisar maneiras de expressar corporalmente algo que será visto através de vídeo, além da preocupação com luz, enquadramento, foco, etc. foi algo totalmente novo para mim. No entanto, a parte mais desafiadora da minha experiência na produção dessa obra foi gravar os vídeos contando a história de Etá, pois tive que explorar um lado teatral com o qual não estava acostumada como decorar texto, trabalhar a dicção e a expressão do rosto e da voz. Encontrei dificuldade em ficar satisfeita com os resultados, mas entendi que o processo é exatamente esse: erros e acertos.





VICTOR AZEVEDO - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE DA UFPA - ICA/UFPA, 2020 - FOTO: DANIELLE CASCAES



PAOLA PINHEIRO - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE DA UFPA - ICA/UFPA, 2020 FOTO: DANIELLE CASCAES



LETÍCIA SOUSA - PRAÇA DA REPÚBLICA, 2020 - FOTO: ERCY SOUZA







LETÍCIA SOUSA - PRAÇA DA REPÚBLICA, 2020 - FOTO: ERCY SOUZA



ETÁ É A CANOA

Edielson Shinohara

Criador audiovisual e jornalista

Seguíamos rumo ao mar, pelas doces águas de um estreito rio. Das margens, podíamos ouvir o grande baile que ressoava do topo das árvores. Meus olhos, às vezes desatentos, se perdiam na imensidão de formas daquele lugar, enquanto meu casco deslizava entre os incontáveis braços floridos do rio que se estendiam por toda a faixa de terra e eram banhados pelos ensurdecadores mangues de breu. Ali, outra vez aprendi a dançar com os remos.

Os movimentos não se comparam a andar de bicicleta - eu já tinha aprendido a andar repetidas vezes, e era sempre fácil - mas remar, não. Remar era como se a memória fosse incapaz de registrar por muito tempo as movimentações do corpo e da canoa, mas nós precisávamos seguir o nosso caminho.

À medida que meu corpo se entranhava ao casco e as braçadas ganhavam marcações mais fortes, eu e a canoa nos tornávamos um. E assim, me vi descobrindo a sensação de fazer parte. Juntos, nós desbravaríamos qualquer caminho. Tão logo descoberta a sensação quis nomeá-la, como batizaram-me de Etá ao nascer. A chamei *Vagalumear*. Descobri que *Vagalumear* é verbo, e vagalumeando, senti a correnteza me guiar entre os muitos braços daquele rio, levando meu corpo-canoa para longe das margens exploradas.

Cada vez mais distante, sentia em meu rosto o calor dos olhos flutuantes que brilhavam na mata em plena luz do dia, e sentia medo da vindoura escuridão e do breu que de costume me empurrava rumo ao mangue, paralisando meu casco por longos períodos, aliás, encontrar-me perdido naquele labirinto de águas era estranhamente confuso e familiar, como aquele recorrente estalo de galho seco vindo da mata que dava a impressão de que tudo ali era igual.

Lembro-me de ouvir dos mais velhos que chegar ao mar poderia ser tortuoso, e essa era a única certeza que me acompanhava, antes mesmo que eu entrasse na canoa. Ali estava eu, seguindo o sussurro que estourava no peito sempre quando o sol inclinava-se ao oeste e eu podia ouvir o último sopro dos ventos contra as árvores, levando consigo os pássaros e o repetido estalo.

No breu encontrei luz no plural. Brilhantes focos de luz que refletiam o verde das folhas e dançavam entre elas, projetando sobre nós sua fluorescência de ideias. Então me dei conta de que não era preciso chegar ao mar para encontrar a plenitude, ali mesmo, no breu; nós podíamos ser quem quiséssemos. Seres vagalumeantes, a canoa e eu.



DANYLLO BEMERGUY - ARTISTA VISUAL E DESIGNER GRÁFICA

UMA VIDA EM COMPANHIA

Bem, não cabe aqui escrever sobre todos os espetáculos da Companhia Moderno de Dança desde a sua fundação, mas me é agora inevitável perceber os caminhos abertos pela CDM em função das escolhas criativas que mergulhamos ao longo desses dezoito anos.

De uma maneira intensa, a linha do tempo dos espetáculos do portfólio da Companhia revolta para o próprio percurso desses primeiros anos de vida e formação de uma Companhia que decide voltar-se ao processo criativo com o tratamento e cuidado em pesquisar o próprio corpo atuante, criador, *danser*, mas sobretudo performer, sem que se autorizasse a encaixar-se como coletivo em qualquer que fosse a categoria de dança.

Desde o início sabíamos que queríamos criar uma assinatura própria em dança, algo como se a cada criação artística nossa plateia pudesse contemplar as obras e, ao final, afirmasse com propriedade: “esse é um espetáculo da Companhia Moderno de Dança”.

Sabíamos desde o início que éramos diferentes, múltiplos, e embarcamos em processos criativos respeitosos com as diversidades e pluralidades de corpos nos elencos da CDM nesses dezoito anos.

O que não sabíamos, ou talvez nossa humildade não nos tenha permitido enxergar, é que a própria busca criativa por uma assinatura própria já era em si a assinatura criativa que buscávamos. Ou pelo menos uma das diversas assinaturas que todas as mãos que somos nós permitia expressar.

Digo isso porque, ao me colocar como um espectador, que escolhe propositalmente um lugar na última fileira da plateia para que tenha visão de tudo quanto é possível, já reconheço de imediato as diversas rubricas da CDM.

A teatralidade e a multiplicidade coreográfica em cena, que nos convidam a assistir a um espetáculo mais de uma vez, caso contrário não seria possível apreciar tudo que se dança na cena. Os blocos de corpos que recorrentemente nos aproximam como se tivéssemos a necessidade de nos sentir juntos para dançar e, logicamente, a força do coletivo, em momentos coreográficos que sublinham nos chamarmos de Companhia.

Estou e sou CMD desde o início. Tenho a honra de ter participado das quatorze obras apresentadas neste livro memorial.

Muito orgulho e gratidão por tudo isso.

Muito orgulho de poder mergulhar em mim e no outro. De mergulhar com minha dança em nossa sociedade tão desprovida de arte, cuidado e amor.

Companhia Moderno de Dança é convite para a busca de si.

É acesso para nossos ancestrais, para reconhecê-los e reverenciá-los.

É ritual de amor.

Feliciano Marques Filho

Artista, educador físico e atleta.

Bailarino e diretor artístico da Companhia Moderno de Dança

GRUPO DE DANÇA MODERNO EM CENA
2007 - 2019

**UM, DOIS, TRÊS: MODERNO! MODERNO!
MODERNO EM CENA!**

Lucas Costa

Artista, pesquisador, intérprete-criador e professor de sapateado

Pensar no Moderno Em Cena é engraçado, porque eu sinto como se fosse sobre pensar em mim mesmo. Por isso, eu vou desde o começo:

O ano era 2007. Eu tinha treze anos e estava (escondido de meus pais) na minha primeira aula do Grupo Coreográfico do Colégio Moderno. A primeira experiência durou apenas um ano, mas foi muito marcante, e fez com que eu reunisse coragem para pedir aos meus pais para me matricular oficialmente. Depois de muita luta, consegui voltar em 2010. Foi quando eu descobri a existência do Moderno Em Cena.

Sendo aluno do Colégio Moderno desde o maternal, era óbvio que eu conhecia a CMD e queria fazer parte dela, mas sempre me pareceu um lugar inatingível, inalcançável. Então, quando eu descobri que existia esse grupo de formação, um lugar de passagem para entrar na Companhia, houve um grande estalo na minha mente: era isso o que eu queria. Entrar no MEC tornou-se meu objetivo, conquistado em 2013.

Em meus seis anos como elenco, vivi cinco formações diferentes de lideranças à frente do grupo, provavelmente umas cinquenta reuniões (de apresentações, de balanços, de desabafos, de saídas, de entradas, de mudanças de liderança, de mudanças de local de ensaio), participei de três espetáculos, sendo dois como intérprete-criador, e mais dezenas de coreografias soltas.

Hoje, eu consigo ver o MEC não somente como um local de passagem, mas como o próprio MEC, que permanece movendo-se e transformando-se a cada dinâmica e a cada possibilidade de existência. Fazer parte do Moderno em Cena é perceber que não tem como ser ou fazer aquilo que já foi feito no passado, porque, de maneira exponencial, multiplicada por inúmeros fatores, de tempos em tempos já não se é mais o que se foi.

Não é de hoje a percepção de como a passagem pelo Grupo de Dança Moderno em Cena é importante para a permanência de qualquer intérprete-criador na Companhia Moderno de Dança. O MEC é o lugar mais adequado para aprender como a Companhia funciona, a nossa rotina, as dinâmicas de poder, assim como é importante para aprender a Dança Imanente na teoria e na prática sem cair de paraquedas na forma única de criar Dança da CMD.

Não que quem não tenha passado pelo MEC seja “menos” do que quem passou. É só que ser MEC é um dos tipos de pré-ser CMD. Há uma jovialidade no MEC que sempre se renova e sempre funciona como combustível quando a pessoa passa para a Companhia e causa a renovação lá.

Enfim, ser MEC é algo que já sou há muito tempo. Não sei se um dia o deixarei de ser — espero que não, mesmo já estando na CMD há 4 anos — porque eu não seria CMD se antes não tivesse sido MEC.



"ACONTECEU CONTORCIDO - 2017 "

CHRISTIAN PERROTTA, KELLY LIMA, ANDREA BARROSO, RAYSSA MIRANDA, IAM VASCONCELOS, LUIZ THOMAZ SARMENTO, LUIZ HENRIQUE SANTANA, NATASHA RIBEIRO, ALINE MAUÉS
TEATRO GABRIEL HERMES, 2008 - FOTO: MANUEL PANTOJA



"OBRA-CANÇÃO - 2008"

CHRISTIAN PERROTTA, KELLY SOUSA, ANDREA BARROSO, RAYSSA MIRANDA, IAM VASCONCELOS, LUIZ THOMAZ SARMENTO, LUIZ HENRIQUE SANTANA, NATASHA RIBEIRO, ALINE MAUÉS
TEATRO GABRIEL HERMES, 2008 - FOTO: MANUEL PANTOJA



"VEM-DE-SOM - 2009"

CHRISTIAN PERROTTA, KELLY LIMA, ANDREA BARROSO, RAYSSA MIRANDA, IAM VASCONCELOS, LUIZ
THOMAZ SARMENTO, LUIZ HENRIQUE SANTANA, NATASHA RIBEIRO, ALINE MAUÉS
TEATRO GABRIEL HERMES, 2009 - FOTO: MANUEL PANTOJA



"O QUE ME ENVOLVE? 2012"

LUIZA BRAGA, LETÍCIA BARROS, RAYSSA MIRANDA, TAIS MORENA, IAM VASCONCELOS, JUAN SILVA,
ARIANNE PIMENTEL, SUZANA LUZ, BÁRBARA DIAS, ANA CAROLINA SANTANA E IVAN PICANÇO
THEATRO DA PAZ, 2012 - FOTO: MANUEL PANTOJA



"EM FACE DE TODAS AS FACES - 2015"

THAMIRYS MONTEIRO, ANDRÉ LOBATO, LUCAS COSTA, DEBORAH LAGO, CAMILA COSTA,
CECÍLIA MORENO, PAOLA PINHEIRO, ANA LUIZA LELIS E CHRISTIAN PERROTTA
TEATRO EXPERIMENTAL WALDEMAR HENRIQUE, 2017 FOTO_ GUY VELOSO



"AVE, MARIAS! 2018"

WILLIAME COSTA, NATHALIA SABOIA, CAMILA COSTA, THAMIRYS MONTEIRO,
LUCAS CONSTANTE, CARLOS SILVA, LUCAS COSTA, ROBSON GOMES, ANDRÉ LOBATO,
VICTOR AZEVEDO, LETÍCIA MEDEIROS, PAOLA PINHEIRO E LARISSA CHAVES.
TEATRO MARGARIDA SCHIVASAPPA, 2018 FOTO ANA LUIZA LÉLIS

POR ALINE MAUÉS

*Psicóloga, pesquisadora e atuou por mais de 10 anos
na cena da dança contemporânea paraense*

O espetáculo *Aconteceu Contorcido* foi o resultado do primeiro processo criativo conduzido pelo Grupo de Dança Moderno em Cena, fundado no ano de 2007, do qual eu fui integrante. Este grupo era composto por alunos e egressos do saudoso Colégio Moderno, que pretendiam continuar contribuindo como intérpretes-criadores com o coletivo artístico administrado pela Cia Moderno de Dança. A obra *Visagens e Assombrações de Belém*, de Walcyr Monteiro, foi o mote inicial para a criação deste espetáculo, que explorou o imaginário mítico e as lendas urbanas da cidade de Belém do Pará e zona metropolitana. Como amante confessa dos contos de suspense e de terror, esse processo criativo me é muito caro, pois remete a toda uma tradição cabocla muito presente em minha família de origem interiorana, abaetetubense e indígena. Muitas dessas histórias acompanharam minhas férias de verão e me foram contadas por meus avós, tios e primos... São uma tradição de nosso povo e das famílias paraenses. Ademais, ter contribuído como intérprete-criadora do *Aconteceu Contorcido* foi um rito de passagem para mim. Uma transição de minha persona “aluna de ensino médio” para a de “jovem adulta”, universitária, estudante de psicologia e corresponsável pela minha formação artística e de artistas mais jovens do que eu. Assim, participar desse processo criativo seminal contribuiu para a formação de minha mitologia pessoal enquanto mulher paraense, artista e intérprete-criadora da Cia Moderno de Dança.

POR ALINE MAUÉS

*Psicóloga, pesquisadora e atuou por mais de 10 anos
na cena da dança contemporânea paraense*

O *Vem-de-som* foi o segundo espetáculo apresentado pelo Grupo de Dança Moderno em Cena, em 2009. Esse processo criativo foi uma das experiências mais imersivas que tivemos como intérpretes-criadores. Realizamos investigações sobre as sonoridades emitidas pelos vendedores do centro comercial de Belém do Pará, as quais serviram de mote para a nossa criação. Entrevistamos os vendedores ambulantes da cidade e gravamos suas sonoridades por meses a fio, acompanhando-os em suas rotinas de trabalho, divulgação e venda de seus produtos. Durante nossa jornada junto a esses vendedores de rua, foi possível compreender um pouco mais sobre como criaram seus slogans para captar clientes na capital paraense e como a história desses comerciantes foi atravessada pela cultura local e pelas características dos produtos que vendiam. Conhecemos pessoas incríveis, batalhadoras e que bem retratam a gentileza e receptividade do povo paraense em compartilhar afeto, tradições e história. A partir da coleta e análise dessas sonoridades, iniciamos uma pesquisa de movimento baseada em como o contato com esses vendedores e suas práticas atravessaram a corporeidade dos intérpretes-criadores do grupo, criando um espetáculo de sons e de movimentos que fazem parte do cotidiano da cidade de Belém e de seus habitantes-intérpretes-criadores.

POR RENATTA VALE

Artista e aluna de dança

Ingressando desde pequena no universo da dança, a Companhia Moderna de Dança tornou-se minha primeira e maior referência no processo de aprendizagem, crescimento e amadurecimento, para dentro e fora de cena, sendo um dos pilares que ajudaram a moldar minha personalidade e me tornar a pessoa que sou hoje. Assim, para meu relato-depoimento, escolho o espetáculo *Ave, Marias!* (2018), como obra marcante e significativa que pude assistir durante minha trajetória como dançarina. Marcada pela representação do cotidiano de mulheres brasileiras, pude ter a experiência de viver os sentimentos presentes em cada personagem, vinculados à construção de singularidade e essência que compõem as diversas expressões de ser Mulher, que em tantas camadas, podem se encontrar em cenário nacional pela representação do nome Maria, presente em tantas de nossas histórias. Como espectadora, senti a identificação de diferentes momentos da vida, vendo nas personagens a imagem de familiares e pessoas com quem convivi, e refletindo sobre a necessidade de criar laços e viver em Companhia. Também pensei sobre minha própria vivência, assistindo aos 14 anos, no início da adolescência. Imaginei então os novos caminhos que seriam traçados e me formariam para o futuro, e através daquelas histórias, guardei a coragem para enfrentar as novas fases da vida, acompanhada pelo motivo de inspiração que me forma e orienta: a dança.

CAPÍTULOS ESPECIAIS

**A MESA VERDE E AMARELA
2010**

É SOMENTE REQUENTAR E USAR, PORQUE É MADE IN BRASIL!

Márcio Moreira

Artista e Jornalista

Desde quando as 13 embarcações de Pedro Álvares Cabral aportaram no Monte Pascoal, na Bahia, em 22 de abril de 1500 e foram recebidos pela nudez dos indígenas que aqui viviam, tudo o que acontece no nosso país tem “um pezinho” na corrupção. Seja o caráter duvidoso dos cerca de 1200 portugueses que desembarcaram naquele dia fatídico, seja a própria falta de caráter dos 81 senadores, 513 deputados e o sem-número de auxiliares, assessores, governadores e prefeitos que mamam nas tetas da nossa Pátria amada com a sede de bezerros recentes!

Os escândalos do mensalão, “rachadinha”, doleiros e afins viraram pauta recorrente em nossos telejornais diários. Cenas como a de assessores parlamentares com dólares na cueca e da polícia federal revivendo os quadros do Gugu e acordando políticos indiciados em suas mansões não declaradas, de surpresa e em rede nacional, disputam com a dramaturgia ficcional das novelas do horário nobre que educam e formam nosso povo, na ausência de boas escolas.

É disso que se trata *A Mesa Verde e Amarela*, do Grupo Coreográfico do Colégio Moderno, do Grupo de Dança Moderno em cena e da Companhia Moderno de Dança, encenado no final da primeira década dos anos 2000 (2006 e 2010). Um Brasil-piada, que protagoniza o famoso “Rir pra não chorar” do jargão popular.

Lembro de ter ficado completamente apaixonado por aquele roteiro quase tropicalista, onde intérpretes-criadores vestidos de meio terno e sambacação apontavam o dedo nas nossas feridas políticas com a genialidade que só artistas de verdade podem carregar.

Eu quase pedi para a então coreógrafa do grupo, Ana Flávia Mendes, para fazer ao menos uma “pontinha” naquela obra que já tinha cara de sucesso, tamanha empatia nacional que as cenas evocavam, embaladas pelos absurdos poéticos de ninguém menos que Tom Zé!

Coube a mim uma cena final épica! Interpretar um deputado travestido de Carmem Miranda que, num momento de pura epifania, canta e dança “Mamãe eu Quero” sob a chuva de notas de dólares de “mentirinha”, carregado pelos braços fortes do povo brasileiro. Uma ode ao deboche que misturava a crítica política com a repressão sexual, bem à moda sul-americana!

Se não me falha a memória, nosso espetáculo era uma adaptação tupiniquim de “The Green Table”, do coreógrafo alemão Kurt Jooss, que retrata a futilidade das negociações de paz da década de 1930 e os horrores da guerra.

Acho a nossa versão um retrato brasileiro preciso e precioso, já que a corrupção e os desmandos políticos aos quais estamos fadados desde o Brasil colônia matam mais do que muitas guerras e catástrofes naturais.

É com tristeza e pesar que penso que, olhando para trás, mais de uma década depois de ir pra cena com essa obra tão contundente, esse espetáculo ainda seja tão atual e urgente. A diferença é que o cenário de hoje é tão mais macabro que o Brasil de 2010 até parece um paraíso distante, e que a minha Carmen Miranda não conseguiria arrancar tantos risos, porque nosso país deixou de ser uma piada de mau gosto para virar uma história sinistra de ficção científica, onde a ignorância ocupa o poder e se alimenta do sangue e da fé de quem insiste em seguir acreditando no futuro.

De qualquer forma, se eu pudesse, seguiria o conselho do Tom Zé de “Somente requestrar e usar” e estreava esse espetáculo de novo. Vai que o “gigante pela própria natureza” desperta de seu “berço esplêndido” e traz de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro?!

POR ANA PAULA COLINO

Terapeuta ocupacional e amante das artes

Lembro de primeiro ter visto um recorte no intervalo do colégio e depois ter ido assistir ao espetáculo inteiro, que me trouxe um encantamento primeiro pela suavidade com que as críticas eram feitas sem deixarem de ser fortes, pela mistura entre o teatro e dança contemporânea, e pelo exagero apresentado com humor. Fico grata também por terem repetido esse espetáculo mais de uma vez em diferentes épocas com as mudanças necessárias, e sempre quando tinha, eu ia assistir e, se fizerem mais uma versão, estarei lá. E eu tive o privilégio de ter feito parte em uma das versões.

**AUTO DO CÍRIO
DESDE 2003**

UM ENCONTRO DE PSIQUES NAZARENAS:

Companhia Moderno de Dança na arte-festa sagrada do Auto do Círio

Ana Flávia Mendes

Mãe-artista-professora-pesquisadora, idealizadora e fundadora da Companhia Moderno de Dança, docente da UFPA (Programa de Pós-graduação em Artes e Escola de Teatro e Dança), psicanalista em formação

“Nós somos um só corpo no drama e procissão”

Alcyr Guimarães

“No mês de outubro, em Belém do Pará”, a Companhia Moderno de Dança é mais, sendo um! Um só corpo, uma só gente, uma só vida a pulsar em efervescência. É tempo de Auto do Círio, espetáculo-cortejo que reúne artistas da cidade para homenagear sua padroeira, Nossa Senhora de Nazaré. Há 16 anos temos a alegria de fazer parte deste fenômeno de drama, fé e carnaval que, para nós, mais do que arte, religiosidade e festa, é um lugar em que somos tudo isso ao mesmo tempo, sendo também a integração entre a academia (Universidade Federal do Pará), da qual muitos de nós fazemos parte, e a comunidade externa, da qual também participamos.

Nesse trajeto, cabe à Companhia pedir passagem, anunciando-o como comissão de frente, esta que, como nas escolas de samba, saúda o público e atrai os olhares para o cortejo que vem chegando. Mas não somente isso, posto que a esta altura de nossa existência já assumimos diversos papéis para a realização do Auto do Círio. Hoje, além da atuação como elenco da comissão de frente, a Companhia tem, em minha pessoa, a responsabilidade de portar o pavilhão síntese do espetáculo e, entre outros integrantes de nossa extensa família Moderno de Dança que cumprem diferentes funções, vejo Tarik Coelho, nosso iluminador e cenógrafo, coordenando com maestria este evento tão caro para a cultura paraense.

“São dias de alegria e muita fé” a celebrar o divino na figura de uma mulher: Maria de Nazaré, o nosso sagrado. Ora, mas de que sagrado falamos? Falamos do sagrado não como algo determinado pela religião, mas vivido como espiritualidade, como uma construção coletiva. A sabedoria popular nos diz: Deus é amor! Mas, o que seria o amor?

Recentemente, tenho me dedicado a estudar psicanálise, que compreendo ser uma teoria e prática do amor. Nesta abordagem, amar é compreender-se, aceitar-se, crescer, tomar posse de si, reconhecer-se como sujeito gerado num ventre feminino e inscrito por um falo masculino e, a partir deste ato, reintegrar-se como unidade para, assim, ceder ao desejo pela diferença. Se todo este movimento não é uma construção divina de amor, então é o que? Pois bem, se Deus é amor e amor é construção, Deus é trabalho psíquico, assim como amar.

Um investimento psíquico em direção à diferença é, por sua vez, a construção de um Deus para além do indivíduo como sujeito. É amar o outro, a continuação de um projeto individual tornado comum a dois ou mais sujeitos. Este percurso pode ser melhor entendido ao visitarmos a noção de “inconsciente” em Freud, que o aborda numa perspectiva mais individual, e Jung, que nos coloca a proposição do “inconsciente coletivo”. Michel Maffesoli, muito próximo desta noção junguiana de coletividade, nos fala do “divino social” como resultante da produção de laços que as diferentes psiques atam entre si como ideia de sagrado.

Em outubro, somos Auto do Círio, um encontro de psiques nazarenas atadas pela sagrada mãe da Amazônia. Neste lugar, o coletivo Companhia Moderno de Dança amplia-se, torna-se outro, ama ao outro amalgamado a coletivos e mesmo a indivíduos movidos pelo desejo de estarem juntos abraçados e abraçando, construindo o divino social que se atualiza a cada ano. Em outubro somos Miguel, Cláudia, Didimano, Benone, Adriano, Lúcia, Aníbal, Jorge, Adriana, Marton... Somos Ribalta, Elegbara, Paixão de Cristo de Canudos, Volé, Alumiar, Palhaços Trovadores, Academia Paraense de Mestresala e Porta-bandeira... Somos Iam, Juan, Mário, Márcia, Aninha, Marckson, Anastácio, Raphael... Somos Vera, a voz que nos fala, falando de nós, do nosso sagrado, em alto e bom tom: Viva Nossa Senhora de Nazaré! Viva Nossa Senhora de Nazaré! Viva Nossa Senhora de Nazaré!



TEMA DO AUTO – MARIA DE TODAS AS FLORES, 2013

PORTA ESTANDARTE – FELICIANO MARQUES

FOTO: ACERVO DO AUTO DO CÍRIO



TEMA DO AUTO - SENHORA DE TODAS AS ARTES, 2014

ANDREZA BARROSO, DEBORAH LAGO, BRUNA CRUZ, LUIZA MONTEIRO, SUZANA LUZ, IAM VASCONCELOS,
WANDERLON CRUZ, LETÍCIA BARROS, JUAN SILVA, DANIELLY VASCONCELLOS, ARIANNE PIMENTEL

FOTO: GUY VELOSO



TEMA DO AUTO - O MANTO E O CORPO DOS ARTISTAS DE NAZARÉ, 2012

COMISSÃO DE FRENTE DANIELLY VASCONCELLOS, LUIZ THOMAZ SARMENTO, ERCY SOUZA, BRUNA CRUZ,
DAIANE GASPARETTO, WANDERLON CRUZ, ALINE MAUÉS, LUIZA MONTEIRO E ANA FLÁVIA MENDES

FOTO: GEORGE MAUÉS



TEMA DO AUTO – NOSSA SENHORA, QUANTA LUZI, 2015
PORTA BANDEIRA – ANA FLÁVIA MENDES | MESTRE SALA – ERCY SOUZA
FOTO: AGIS JUNIOR



TEMA DO AUTO – MARIA, DIVERSIDADE DO AMOR, 2018
PORTA ESTANDARTE – JUAN SILVA
FOTO: DANIELLE CASCAES



TEMA DO AUTO - NOSSA SENHORA QUANTA LUZ!, 2015

COMISSÃO DE FRENTE ANDREZA BARROSO, LETÍCIA BARROS, LUIZA BRAGA, DEBORAH LAGO,
DANIELLY VASCONCELLOS, CÁSSIA THAÍS, ARIANNE PIMENTEL, JUAN SILVA, CECÍLIA MORENO

FOTO: GUY VELOSO

EXPERIÊNCIAS EM ARTE,
ENSINO E SOCIEDADE

Projeto Aluno Bailarino Cidadão (ABC) – 2006 a 2017

Uma iniciativa voluntária idealizada e coordenada pela Companhia Moderno de Dança, cujo objetivo é oportunizar o ensino da dança a jovens na faixa etária de 12 a 17 anos da rede pública de ensino formal da zona metropolitana de Belém.

Festival Escolar de Dança do Pará (FEDAP) – 2002 a 2015

Mostra de grupos de dança e projetos sociais pertencentes a escolas de ensino formal do estado do Pará, com o objetivo de fomentar a prática da dança no âmbito escolar e propiciar reflexões acerca da dança na escola.

Repertório Paralelo – 2009 a 2016

Mostra de obras criadas pelos artistas da Companhia Moderno de Dança e do Moderno em Cena em pesquisas e vivências nutridas paralelamente à rotina dos grupos, resultando em trabalhos independentes e experimentais, no exercício da criatividade dos artistas fora dos contextos dos espetáculos.

Alongamento em Casa com a CMD – desde 2020

Aulas online cujo objetivo é proporcionar aos participantes experiências de movimento como forma de autoconhecimento e bem estar, que permitam contato mais presente do corpo consigo mesmo em tempos de isolamento social provocado pelo contexto da pandemia do novo coronavírus.

Me Mostra! – Um Exercício Cênico – 2017 a 2018

Mostra de dança com objetivo de oportunizar um lugar para experimentações cênicas dos artistas e alunos vinculados ao Espaço Companhia Moderno de Dança - ECMD, indo além de um exercício de cena e promovendo a relação entre os frequentadores do ECMD.

Circuito Companhia Moderno de Dança – 2013 e 2016

Circulação da produção artística da CMD para outros municípios paraenses, a fim de disseminar esta prática e possibilitar a outras cidades a oportunidade de receber espetáculos e oficinas com caráter inédito, que estimulem a movimentação artística do Estado do Pará.

Turmas de dança

(Colégio Moderno e Espaço Companhia Moderno de Dança) – 2005 a 2015

Turmas de dança para crianças, adolescentes e adultos focadas em momentos de criação e reflexão sobre o movimento, por meio das vivências, técnicas corporais e referências culturais de cada pessoa.

Coleção Processos Criativos Em Companhia – 2010 e 2018

Coletânea bibliográfica resultante de pesquisas acadêmicas em dança realizadas pelos integrantes da Companhia Moderno de Dança e convidados, publicada pela Escrituras Editora em 2010 e Espelho D'Alma em 2018.

Documentários

Uma vida de dança em companhia – Documentário acerca da história da Companhia Moderno de Dança em sua primeira década. Resultado da pesquisa de Jardel Augusto Lemos na UNIRIO, o filme conta a trajetória artística da Companhia por meio de suas obras e depoimentos de profissionais renomados da área da dança e de outras artes. Roteiro e direção: Jardel Augusto Lemos (Rio de Janeiro, 2012).

PLIÉ – Parceria da CMD com a CYN produções, ganhador do prêmio Funarte de Dança Klaus Vianna 2015. O filme aborda os processos de construção do espetáculo *PLIÉ - Dança em 4 atos*, evidenciando debates sobre adaptações corporais realizadas pelo elenco, assim como as percepções pessoais e coletivas do grupo sobre temas como a morte, desilusões amorosas e o amor, abordados nos 4 balés de repertório apresentados na obra: Gisele, Carmen, A morte do Cisne e O lago dos Cisnes. Roteiro e direção: CYN Produções (Belém, 2017).

Mostra de Dança Moderno em Cena – 2016 a 2019

Mostra de dança das obras produzidas no Espaço Companhia Moderno de Dança e Clube Escolar da Companhia Moderno de Dança.

Circuito Internorte – 2012

Projeto contemplado pela Fundação Nacional das Artes – FUNARTE, que promove a circulação de grupos de dança pela Região Amazônica.

Espaço Companhia Moderno de Dança – 2016 a 2019

Espaço de ensaio da CMD onde se investe também no ensino de dança para crianças, adolescentes e adultos, focado em momentos de criação e reflexão sobre o movimento, por meio das vivências, técnicas corporais e referências culturais de cada pessoa.

POSFÁCIO

COMPANHIA MODERNO DE DANÇA – UMA COMPANHIA DE PESQUISA EM DANÇA NA AMAZÔNIA DESDE 2002

Sempre que converso com Luiza Monteiro sobre a Companhia Moderno de Dança (e é assim que eu gosto de falar e escrever, nome completo, sem abreviações ou reduções. Por vezes sai só “a Companhia”, mas sempre me refiro a ela pelo nome completo, talvez por ter um nome diferenciado e saber a importância de marcar esse território da identificação), observo junto à ela que fazemos parte de um grupo de pesquisa que está produzindo desde 2002 pesquisa em arte na Amazônia, pesquisa essa que por muitos anos foi subsidiada pelo colégio que levamos no nome, por vezes muito confundido com “patrocinado”, mas que na realidade foi um dos maiores apoiadores institucionais que encontramos em nosso caminho.

Pesquisar arte na Amazônia é algo desafiador, e pesquisar Dança Contemporânea com uma linha de pesquisa própria é mais desafiador ainda. Entrei para a Companhia Moderno de Dança em 2005 e, desde então, mesmo não estando presencialmente nos palcos, sempre dancei junto com as apresentações, seja através da iluminação, do cenário, do figurino ou dos adereços de cena. Brinco que não há pessoa que mais tenha assistido, sem propriamente assistir, à Companhia Moderno de Dança dançar.

Muito foi, e está sendo constantemente, investido na Companhia Moderno de Dança, seja o tempo, a dedicação, o dinheiro, e principalmente a nossa Arte. Arte que nos faz mover, respirar e nos alterar. As transformações que ao longo do tempo tivemos são inúmeras, seja de elenco, de espaço, de dinâmica de trabalho, mas principalmente as transformações internas de cada um que já passou ou está passando pela Companhia.

Espaço de afetos e transformações, é isso que a vivência que vem desde 2005 me provoca a perceber. E é nesse caminho que ainda está sendo construído por cada um que entra, que se liga, que atravessa a nossa Arte, no

qual vamos fazendo nossas transformações. A cada momento que nos reunimos e trocamos nossas sensações, nossas ideias, nosso amor.

Amor. Amor, sim. Nesses anos que já parei de contar, pois o que mais quero é seguir em frente, o Amor é o que, posso afirmar com certeza, tem nos movido. Ao parar e ver que temos de espetáculos quase o mesmo número de anos de idade, é para se celebrar, se emocionar e, principalmente, agradecer. Agradecer por tanto que fizemos e agradecer por tanto que ainda iremos fazer.

Este livro é lançado como um dos motivadores de movimentar-se, principalmente neste ano de 2021, no qual estamos no meio de uma Pandemia sem previsão de quando será seu fim. E nesses tempos difíceis onde não podemos nos encontrar presencialmente, as ações conectadas através da rede de internet se fazem importantíssimas para o nosso bem viver, e nosso conviver.

Alterações e mudanças no modo de fazer, de ver e de viver. E o que nos move é o Amor, novamente ele. Perceber o quanto cada um tem sua importância no caminhar, seja do grupo Companhia Moderno de Dança, seja no indivíduo que faz parte desse grupo, e podemos incluir até os indivíduos que sempre farão parte, mesmo não estando mais tão ligados assim às ações da Companhia Moderno de Dança.

A conectividade através dos dispositivos móveis pôde nos dar a possibilidade de estarmos junto de pessoas que estavam, e estão, e podem vir a estar, longe fisicamente. Pois fisicamente já não estávamos juntos, presencialmente falando. E, dessa forma, um leque de atividades e de possibilidades se abre, mesmo quando, ainda sem saber quando, voltarmos a nos encontrar presencialmente para fazer o que mais gostamos e amamos nessa vida, que é pesquisar dança na Amazônia.

Alterações já estão sendo realizadas, e tudo o que vivenciávamos enquanto pesquisadores em arte está, e sempre esteve, em mudança.

O que vem é desconhecido, e isso é muito bom, porque assim sempre vamos nos transformando, nos adaptando. Juntos, mesmo que cada um em seu tempo e em seu próprio espaço, seja físico ou não. Pesquisar Arte na Amazônia nos move, nos move o amor, nos move os afetos, nos move a nossa dança. Agradecer sempre, por sermos Companhia Moderno de Dança.

Belém, 06 de Março de 2021

Tarik Coelho

Iluminador

Cenógrafo

Pesquisador

Produtor Técnico

Direção

Membro

Amigo

Irmão

Filho

www.ciamoderno.wordpress.com



O livro memorial é resultado de projeto selecionado pelo Edital de Livro e Leitura – Lei Aldir Blanc Pará, uma realização da Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo e Governo Federal, Secretaria de Cultura do Pará, Governo do Pará.

